

# **INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

## **MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

### **VIOLÊNCIA FILIOPARENTAL: CARACTERIZAÇÃO DE AGRESSORES EM CUMPRIMENTO DE PENAS E MEDIDAS NA COMUNIDADE**

Trabalho submetido por  
**Margarida Isabel Dias Pedro**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

**outubro de 2023**





EGAS MONIZ SCHOOL  
of HEALTH & SCIENCE

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
EGAS MONIZ

# **INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

## **MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

### **VIOLÊNCIA FILIOPARENTAL: CARACTERIZAÇÃO DE AGRESSORES EM CUMPRIMENTO DE PENAS E MEDIDAS NA COMUNIDADE**

Trabalho submetido por  
**Margarida Isabel Dias Pedro**  
para a obtenção do grau de **Mestre** em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por  
**Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Neves**

**outubro de 2023**



## **Agradecimentos**

*Saudações Académicas,*

*A frase: “Não se explica, sente-se” retrata perfeitamente a Egas Moniz. Nunca haverá palavras suficientes para descrever esta Academia. Apenas digo: Obrigada!*

*Saudades? Sem dúvida que deixarás, mas já o velho ditado diz: “Bom filho a casa retorna”.*

*Nada escapou ao olhar atento da minha Orientadora, a Professora Ana Cristina Neves. Indo contra todas as probabilidades, o “Poster” está concluído! Foi uma honra e um privilégio estar consigo neste último ato académico. Para mim será sempre uma grande referência a nível profissional. Afinal, a escolha “feita com o coração” não poderia ter corrido melhor. Obrigada!*

*Diretamente do mundo das palminhas antecipadas, Professora Susana Monteiro! Diz que nada tem a ver com isto, mas muito me ajudou para que fosse possível. Recordo-me, até hoje do que me disse: “Eu acredito em si. E a Margarida? Acredita?”. Hoje, somos duas a acreditar. Obrigada!*

*E este meu Percurso Académico só foi possível com a ilustre presença da minha magnífica Comissão.*

*Pacto, aparafusámos, remendámos e martelámos...no fundo, fizemos história. Não sei porquê, mas juntas sempre encaixámos. Vocês são eternas.*

*Tuna 'Comes, pelas salas de aula, corredores da Egas Moniz (e arredores) criámos memórias, sorrisos e muita diversão. Fomos felizes.*

*Madri, que nunca nos falte a “boa educação”. Sem dúvida que foste a melhor decisão!*

*Afilhados, – Cláudia, Ana Raquel, Sara, Raquel, Beatriz, Joana, Daniel, Vera e Matilde – entre Capas e Rasgões formámos uma linda, mas louca família. Obrigada pelo voto de confiança!*

*Aos meus Acompanhantes, nada temam, aqui haverá espaço para todos. A vosso lado, a Vida Académica e “para quem nela acredita” é “uma lição de vida”.*

*Mestra Sara, a que me abre portas, “vamos dominar o mundo”. “Ana” Catarina, és a minha JOCA favorita. Filipa, seremos sempre a “dupla improvável”. Diogo, o meu amigo de sempre.*

*À minha Família, que durante 5 anos, mal me puseram a vista em cima. Escusado será dizer, mas... Juro! Estive sempre a estudar!*

*Tia Beatriz, Tio Zé, Padrinho, Sara, Marco, Prima Bruna, Prima Maria do “Açude”, Marcelo e Sílvia. Longe, mas sempre perto. Obrigada pela força incondicional.*

*Mãe, seguimos de mão dada para sempre. Até ao infinito e mais além!*

*“Puto” Henrique, a minha Estrelinha-do-Mar. Tornaste a minha vida mais colorida.*

*Tia Cátia, obrigada por me apresentares a Egas Moniz. És a minha inspiração. Quando for grande quero ser como tu. Tio João, só por esta vitória acho que mereço um chocolate gigante!*

*Avó Ana, minha “velha” preferida, finalmente “o trabalhinho já acabou”. Gosto tanto de si.*

*Avó, a que tem os melhores abraços e beijinhos. A “tua pequenina” está a ficar crescida. És tudo para mim.*

*Avó, o das palavras sábias sempre na hora certa. Um obrigado nunca chegará pelo que fazes por mim.*

*A Tese é Dura, mas é Tese...*

*À Academia*



## Resumo

A violência filioparental (VFP), devido à sua natureza intrafamiliar é considerada uma vertente da violência doméstica (VD). Esta é caracterizada pela prática de comportamentos físicos, psicológicos e/ou económicos agressivos, direcionada aos progenitores e perpetrada pelos descendentes. Este fenómeno, embora não seja recente, é raramente foco de investigações científicas. O presente estudo está dividido em dois artigos, sendo que o primeiro é uma revisão sistemática com o objetivo de identificar quais os fatores de risco associados à VFP, e o segundo tem como finalidade caracterizar uma amostra portuguesa de ofensores/as que cometeram VFP a cumprir penas e medidas na comunidade. Os dados foram recolhidos por Técnicos das Equipas de Reinserção Social da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), através do preenchimento da “Grelha de Caracterização – Violência Doméstica”. De acordo com a revisão sistemática, testemunhar/ser exposto a violência familiar, as práticas parentais desadequadas, os traços de personalidade antissocial, a presença de sintomatologia psicopatológica, o consumo abusivo de substâncias lícitas e ilícitas e a pertença a grupos de pares desviantes foram identificados como os fatores de risco associados à VFP com maior prevalência. Tendo em consideração os resultados obtidos no estudo empírico, a maioria dos/as agressores/as de VFP são do sexo masculino com idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos, com baixas habilitações literárias, solteiros e desempregados. Estes revelam elevados níveis de consumo de álcool e de impulsividade, ausência de arrependimento, negam, minimizam, desresponsabilizam-se dos atos violentos cometidos, atribuem a culpa a fatores externos e/ou às vítimas. Os tipos de violência mais praticados são a emocional e a física motivadas pela necessidade de possuir poder/controlo sobre as vítimas e para obter ganhos materiais. As penas/medidas aplicadas estão em consonância com as necessidades destes/as ofensores/as, uma vez que compreende as principais áreas problemáticas desta população, sendo que neste contexto, a lacuna evidenciada é a implementação prática da frequência de programas dirigidos à VD e o elevado número de processos sem avaliação de risco.

**Palavras-chave:** *violência filioparental, fatores de risco, caracterização, agressor*





### Abstract

Child-to-parent violence (CPV), due to its intra-family nature, is considered a type of domestic violence (DV), characterized by the practice of aggressive physical, psychological and/or economic behaviors, directed at parents and perpetrated by descendants. This phenomenon, although not recent, is rarely the focus of scientific investigations. The present study is divided into two articles, the first of which is a systematic review with the aim of identifying which risk factors are associated with CPV, and the second aims to characterize a Portuguese sample of offenders who committed CPV. According to the systematic review, witnessing/being exposed to family violence, inadequate parenting practices, antisocial personality traits, the presence of psychopathological symptoms, abusive consumption of legal and illicit substances and belonging to deviant peer groups were identified as the most prevalent risk factors associated with CPV. Considering the results obtained in the empirical study, the majority of CPV aggressors are male, aged between 40 and 49 years old, with low educational qualifications, single and unemployed. They reveal high levels of alcohol consumption and impulsivity, lack of regret, denying, minimizing, taking no responsibility for the violent acts committed, and attributing blame to external factors and/or the victims. The most common types of violence are emotional and physical, motivated by the need of having control over the victims and to obtain material gains. The penalties applied are in line with the needs of these offenders, as they comprise the main problematic areas of this population, and in this context, the gap highlighted is the practical implementation of programs aimed at DV and the high number of processes without risk assessment.

**Keywords:** *child-to-parent violence, risk factors, characterization, aggressor*



## **Introdução Geral**

A violência filioparental (VFP) compreende qualquer tipo de comportamento violento praticado pelos/as filhos/as contra os seus progenitores ou outro tipo de figura parental, de carácter físico (e.g., bater, socar, empurrar, cuspir), psicológico (e.g., intimidar, ameaçar, controlar), e/ou económico (e.g., roubar dinheiro, vender pertences) (Pereira et al., 2017).

Esta problemática perdura através de um vínculo biológico, uma vez que os progenitores, apesar de agredidos, não se afastam do/da seu/sua filho/a e continuam a possuir responsabilidades sob o/a mesmo/a (Coogan, 2018). Assim sendo, é evidente que a VFP provoca graves consequências na saúde e no bem-estar das famílias afetadas (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022c), tanto para as vítimas como para o/a perpetrador/a (Clarke et al., 2017). Atualmente, a nível internacional, é considerada um fenómeno grave que origina uma preocupação crescente junto da comunidade científica e política (Kennair & Mellor, 2007; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a).

A literatura científica é consensual quanto à multidimensionalidade da VFP, uma vez que não existe um fator único explicativo para o seu desenvolvimento (Redondo et al., 2012). A identificação dos fatores de risco associados à VFP é fundamental para a compreensão da sua ocorrência e manutenção (Pires & Marta, 2023). De igual modo, associada aos fatores de risco, surge a necessidade do desenvolvimento de intervenções estruturadas e específicas para esta problemática. No contexto internacional já foram desenvolvidos programas de intervenção que incidem na VFP (e.g., Euskarri, Recurra-Ginso; Who's in Charge, Break4Change). Contudo, em Portugal, ainda não existem programas de intervenção específicos para a VFP.

A nível nacional, existem poucos estudos sobre VFP e ainda menos com amostras forenses em contexto penal. Assim, de modo a colmatar estas lacunas na literatura científica, o presente estudo é constituído por dois artigos, sendo que o primeiro é uma revisão sistemática com a seguinte questão de investigação: “Quais os fatores de risco associados à VFP?”, e o segundo tem como finalidade caracterizar uma amostra portuguesa de ofensores/as que cometeram VFP a cumprir penas e medidas na comunidade, bem como a intervenção efetuada após a condenação.



**Índice Geral**

|                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| Índice das Figuras .....                                            | 9  |
| Índice das Tabelas .....                                            | 11 |
| Lista de Abreviaturas .....                                         | 13 |
| 1º Artigo .....                                                     | 15 |
| Introdução .....                                                    | 17 |
| Investigação sobre VFP .....                                        | 17 |
| Fatores de Risco da VFP .....                                       | 18 |
| A Presente Revisão Sistemática .....                                | 19 |
| Resultados .....                                                    | 25 |
| País e Ano de Publicação .....                                      | 25 |
| Metodologia de Investigação e Desenho do Estudo .....               | 25 |
| Caracterização da Amostra .....                                     | 26 |
| Fatores de Risco .....                                              | 27 |
| Fatores de Proteção .....                                           | 29 |
| Limitações .....                                                    | 29 |
| Discussão .....                                                     | 39 |
| Fatores de Risco Familiares .....                                   | 39 |
| Fatores de Risco Individuais .....                                  | 40 |
| Fatores de Risco Comunitários .....                                 | 41 |
| Limitações no Estudo da VFP e Necessidades de Estudos Futuros ..... | 41 |
| Implicações Práticas .....                                          | 42 |
| Referências .....                                                   | 43 |
| 2º Artigo .....                                                     | 53 |
| Violência Doméstica .....                                           | 55 |
| Violência Filioparental .....                                       | 56 |
| Evolução do Conceito de VFP .....                                   | 56 |
| Prevalência da VFP .....                                            | 58 |
| Caracterização da VFP .....                                         | 60 |
| Fatores de Risco da VFP .....                                       | 61 |
| Fatores de Risco Sociais .....                                      | 62 |
| Fatores de Risco Comunitários .....                                 | 63 |
| Fatores de Risco Familiares .....                                   | 63 |
| Fatores de Risco Individuais .....                                  | 65 |
| Intervenção na VFP .....                                            | 65 |
| O Presente Estudo .....                                             | 67 |
| Método .....                                                        | 69 |
| Participantes .....                                                 | 69 |
| Material .....                                                      | 69 |
| Procedimento .....                                                  | 69 |
| Resultados .....                                                    | 71 |
| Características dos/as Agressores/as .....                          | 71 |
| Dados Sociodemográficos .....                                       | 71 |
| Contexto Familiar Atual .....                                       | 72 |
| Fatores de Adversidade na Infância .....                            | 73 |
| Sintomatologia Física e/ou Mental .....                             | 73 |
| Consumo de Drogas e/ou Álcool e Acompanhamento Terapêutico .....    | 74 |
| Atitudes Face à Violência .....                                     | 74 |
| Antecedentes Criminais .....                                        | 75 |
| Características das Vítimas .....                                   | 75 |

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| Características da VFP (Processo Atual).....                          | 76  |
| Tipos de Violência.....                                               | 76  |
| Utilização e Tipo de Arma.....                                        | 76  |
| Duração e Escalada da Violência .....                                 | 76  |
| Fatores de Motivação para a Violência .....                           | 77  |
| Fatores de Manutenção da Violência.....                               | 77  |
| Decisão Judicial (Processo Atual) .....                               | 78  |
| Número Total de Crimes Cometidos .....                                | 78  |
| Tipologia(s) de Crime(s) Cometidos .....                              | 78  |
| Pena/Medida Atual e a sua Duração .....                               | 79  |
| Condições Judicialmente Impostas.....                                 | 79  |
| Pena(s) Acessória(s) .....                                            | 80  |
| Incumprimentos da Pena/Medida Atual .....                             | 81  |
| Caracterização da Intervenção após Condenação.....                    | 81  |
| Participação do/a Agressor/a em Programas Dirigidos à VD.....         | 81  |
| Grau de Intervenção/Supervisão do Agressor .....                      | 81  |
| Atitudes do/a Agressor/a Face à Intervenção .....                     | 82  |
| Discussão .....                                                       | 83  |
| Implicações Práticas .....                                            | 87  |
| Limitações no Estudo Empírico e Necessidades de Estudos Futuros ..... | 88  |
| Anexos .....                                                          | 107 |

### **Índice das Figuras**

Figura 1. *Processo de seleção dos estudos empíricos para a presente revisão sistemática*

Figura 2. *Prevalência da VFP em contexto nacional nos últimos 10 anos*





## **Índice das Tabelas**

Tabela 1. *Síntese da análise dos artigos científicos que integram a revisão sistemática*

Tabela 2. *Nº de participantes por Delegações Regionais de Reinserção da DGRSP*

Tabela 3. *Dados sociodemográficos dos(as) agressores(as)*

Tabela 4. *Contexto familiar atual dos(as) agressores(as)*

Tabela 5. *Fatores de adversidade na infância dos(as) agressores(as)*

Tabela 6. *Sintomatologia física e/ou mental do(s) agressores(as)*

Tabela 7. *Consumo de substâncias e acompanhamento terapêutico nesse âmbito*

Tabela 8. *Atitudes dos(as) agressores(as) face à violência*

Tabela 9. *Tipos de VFP*

Tabela 10. *Duração da VFP*

Tabela 11. *Fatores de motivação para a perpetração da violência*

Tabela 12. *Fatores de manutenção da perpetração da violência*

Tabela 13. *Condições/Injunções judicialmente impostas*

Tabela 14. *Pena(s) Acessória(s)*

Tabela 15. *Grau de intervenção/supervisão do agressor*



### **Lista de Abreviaturas**

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima  
CP – Código Penal  
DGRSP – Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais  
EUA – Estados Unidos da América  
GNR – Guarda Nacional Republicana  
IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social  
LS/CMI – Level of Service/Case Management Inventory  
MTE – Medida Tutelar Educativa  
MTI – Medida Tutelar de Internamento  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
PJ – Polícia Judiciária  
PSP – Polícia de Segurança Pública  
RASI – Relatório Anual de Segurança Interna  
VD – Violência Doméstica  
VE – Vigilância Eletrónica  
VFP – Violência Filioparental



## **1º Artigo**

### **Fatores de Risco da Violência Filioparental: Uma Revisão Sistemática**

Margarida Isabel Dias Pedro & Ana Cristina Neves

Egas Moniz School of Health & Science



## **Introdução**

A violência filioparental (VFP), devido à sua natureza intrafamiliar, é uma vertente específica da violência doméstica (VD) (Gámez-Guadix & Calvete, 2012). Este fenómeno não é recente, contudo, raramente foi foco de investigações científicas, em comparação com outras formas de VD (Calvete et al., 2020; Gámez-Guadix & Calvete, 2012).

Na última década, a VFP adquiriu maior visibilidade através do aumento exponencial de denúncias destes casos (Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Kennair & Mellor, 2007). Atualmente, a nível internacional, é considerada uma problemática grave que origina uma preocupação crescente junto da comunidade científica e política (Kennair & Mellor, 2007; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a).

Embora os dados referentes à VFP, nos últimos anos, tenham revelado estatísticas alarmantes, o fenómeno permanece sem o devido reconhecimento (APAV, 2020). Deste modo, conhecer os fatores que potenciam o risco de perpetração de VFP é essencial para a avaliação, prevenção e intervenção adequadas.

### **Investigação sobre VFP**

A VFP foi identificada e definida, pela primeira vez, em 1979, como a “síndrome dos progenitores maltratados”. Esta envolvia agressões físicas ou ameaças verbais e não-verbais de agressões físicas dirigidas aos pais de um jovem agressor, excluindo qualquer outro tipo de agressões (Harbin & Madden, 1979). Cottrell (2001) incluiu não só a perpetração de comportamentos violentos físicos, mas também psicológicos e/ou financeiros praticados pelos/as filhos/as adolescentes com o intuito de obter poder e/ou controlo sobre as suas figuras parentais. A definição de Paterson e colaboradores (2002) não especificou quais os tipos de violência perpetrados, somente descrevendo a VFP como os comportamentos ameaçadores, intimidantes e dominantes perpetrados pelos/as filhos/as contra os seus progenitores, com o objetivo de satisfazer os seus desejos e exigências. Aroca-Montolío e colaboradores (2014) destacaram a intencionalidade dos atos violentos físicos, psicológicos e/ou económicos praticados pelos/as filhos/as, com a finalidade de causar dano e/ou sofrimento aos seus progenitores. Segundo Holt (2016), a VFP foi descrita como um padrão de comportamentos abusivos físicos, verbais, psicológicos e/ou financeiros direcionados a um ou a ambos os progenitores, exercidos por um/a filho/a menor, exclusivamente quando os mesmos coabitam.

Em 2017, Pereira e colaboradores definiram a VFP como qualquer tipo de comportamento violento praticado pelos filhos contra os seus progenitores ou outro tipo de figura parental, de caráter físico (e.g., bater, socar, empurrar, cuspir), psicológico (e.g., intimidar, ameaçar, controlar), e/ou económico (e.g., roubar dinheiro, vender pertences). Esta definição excluiu os comportamentos violentos pontuais associados a um estado de diminuição de consciência (e.g., intoxicação, delírios, alucinações), as agressões causadas por alterações psicológicas, bem como o parricídio (i.e., homicídio de uma ou ambas as figuras parentais) sem histórico de violência contra os pais (Pereira et al., 2017). Atualmente, esta definição é que a apresenta maior consenso nos estudos empíricos no âmbito da VFP.

A dificuldade na definição teórica do conceito provoca disparidades nos resultados das investigações científicas, condicionando a compreensão e medição plena do fenómeno da VFP (Simmons et al., 2018). Também a diversidade de procedimentos metodológicos utilizados provoca limitações nos estudos desenvolvidos, nomeadamente ao nível da amostra, quanto às suas dimensões e à sua natureza (e.g., clínica, forense, comunitária), bem como ao nível da recolha e análise dos dados, devido à utilização de diferentes métodos (e.g., entrevistas, questionários, consulta processual) (Martínez et al., 2015; Patuleia & Alberto, 2016). De igual modo, as divergências do funcionamento dos sistemas judiciais provocam a falta de congruência nos resultados dos estudos empíricos focados na VFP (Cuervo, 2021).

### **Fatores de Risco da VFP**

A literatura científica é consensual quanto à complexidade e multidimensionalidade da VFP, uma vez que não existe um fator único explicativo para o seu desenvolvimento (Redondo et al., 2012). Esta está relacionada com fatores comunitários, familiares e individuais que determinam quais os jovens mais propensos para agredir os seus progenitores (Del Hoyo-Bilbao et al., 2020; Junco-Guerrero et al., 2021; Loinaz & de Sousa, 2020).

Nas últimas décadas, inúmeras investigações científicas foram desenvolvidas com a finalidade de identificar quais os fatores de risco associados à perpetração de VFP (e.g., Calvete et al., 2013; Cuervo & Palanques, 2022; Ibabe et al., 2014a; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Junco-Guerrero et al., 2021; Kuay et al., 2022; Lyons et al., 2015; Suárez-Relinque et al., 2023). Esta identificação dos fatores de risco é fundamental no âmbito da prevenção e da intervenção. Por um lado, permite a identificação precoce dos



mesmos de forma a aumentar a prevenção da VFP. Por outro, possibilita ampliar o conhecimento científico para o desenvolvimento de intervenções adequadas e eficazes (Pires & Marta, 2023).

### **A Presente Revisão Sistemática**

No âmbito do estudo científico da VFP já foram publicadas algumas revisões sistemáticas com diferentes finalidades, nomeadamente analisar a evolução teórica do conceito (Arias-Rivera & García, 2020; Sáez et al., 2022), analisar as características das famílias vítimas de VFP (Arias-Rivera et al., 2022), averiguar quais os instrumentos de avaliação existentes para a medição do fenómeno (Arias-Rivera et al., 2020) e identificar as intervenções desenvolvidas com foco na VFP e qual a sua eficácia (Toole-Anstey et al., 2021). Além disso, Gallego e colaboradores (2019) desenvolveram uma meta-análise com o objetivo de identificar quais os fatores preditores para a ocorrência da VFP e comparar a sua prevalência em amostras forenses e comunitárias.

Contudo, o conhecimento aprofundado dos fatores de risco associados à VFP é fundamental para compreender de que modo a prevenção, avaliação e intervenção direcionadas a esta problemática devem avançar para obter resultados mais eficazes. Desta forma, a presente revisão sistemática tem como objetivos analisar o estado da arte quanto ao conhecimento dos fatores de risco da VFP, identificando as lacunas subsistentes. Assim, pretende-se responder à seguinte questão de investigação: “Quais os fatores de risco associados à VFP?”.



## Método

Para a realização da pesquisa efetuou-se o levantamento dos artigos durante o mês de dezembro de 2022 através da plataforma b-On (Biblioteca do Conhecimento Online).

Foram definidos critérios de inclusão e de exclusão para determinar quais as investigações científicas relevantes para a presente revisão sistemática. A pesquisa foi restringida ao período entre 2010 e 2023 para obter os estudos mais recentes. Além da data de publicação do artigo, também foi critério de inclusão que as investigações referissem no título o fenómeno em causa, bem como possuísem informação empírica quanto aos fatores de risco associados à problemática. Foram apenas incluídos os estudos publicados em revistas académicas envolvendo revisão por pares nos idiomas português, espanhol, catalão e/ou inglês. Foram colocadas no motor de busca as palavras-chave “child to parent violence” OR “child to parent aggression” OR “child to parent abuse” AND risk factors. Após a análise dos artigos científicos exibidos através da pesquisa acima referida, foram adicionados critérios de exclusão para obter uma maior precisão na seleção dos mesmos. A equação final incluiu as seguintes palavras-chave: “child to parent” OR “child to parent aggression” OR “child to parent abuse” AND risk factors NOT intervention NOT “parental intervention” NOT “dating violence” NOT “peer violence”.

A seleção dos artigos envolveu duas fases distintas. Primeiramente optou-se pela leitura dos títulos dos resultados obtidos e posteriormente procedeu-se à leitura dos resumos das investigações que não foram excluídas na seleção anterior. Os restantes artigos foram considerados elegíveis para integrarem a revisão sistemática.

A partir desta pesquisa inicial foram obtidos 550 resultados, dos quais 328 artigos foram excluídos por se encontrarem repetidos. Assim sendo, foram incluídos na fase de seleção 222 investigações científicas.

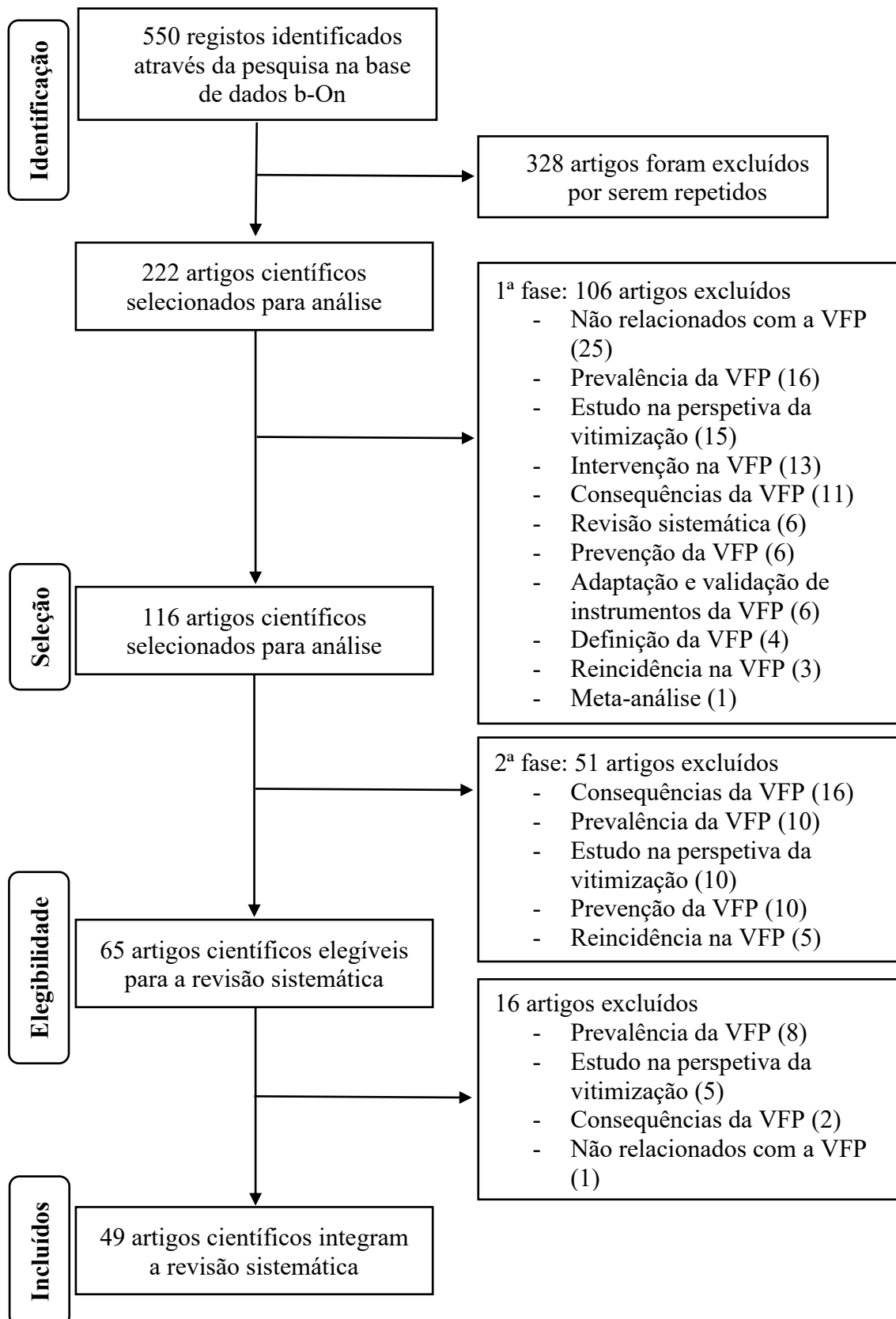
Na primeira fase da seleção, segundo os títulos dos artigos, foram excluídos 106 resultados (25 não relacionados com a VFP; 16 focados na prevalência da VFP; 15 por serem estudos na perspetiva da vitimação; 13 associados à intervenção da VFP; 11 relativos às consequências da VFP; seis por serem revisões sistemáticas; seis focados na prevenção da VFP; seis relacionados com a adaptação e validação de instrumentos da VFP; quatro por serem estudos sobre a definição da VFP; três associados à reincidência na VFP; e um por ser uma meta-análise) terminando com 116 artigos.

A segunda fase da seleção, com base no resumo das investigações, excluiu 51 resultados (16 associados às consequências da VFP; 10 focados na prevalência da VFP; 10 por serem estudos na perspectiva da vitimação; 10 relacionados com a prevenção da VFP; e cinco relativos à reincidência na VFP) concluindo com 65 artigos elegíveis para integrarem a revisão sistemática.

Durante a leitura completa dos artigos foram ainda excluídos 16 estudos (oito focados na prevalência da VFP; cinco por serem estudos na perspectiva da vitimação; dois associados às consequências da VFP; e um não relacionado com a VFP). Deste modo a revisão sistemática foi constituída por 49 estudos empíricos.

A Figura 1 apresenta o processo de seleção dos artigos científicos para a revisão sistemática.

Figura 1  
 Processo de seleção dos estudos empíricos para a presente revisão sistemática





## Resultados

A presente revisão sistemática teve como objetivo responder à questão de investigação: “Quais os fatores de risco associados à VFP?”. Após a seleção criteriosa de artigos científicos, foi retirada dos mesmos a seguinte informação: autores e ano de publicação, país, objetivos do estudo, metodologia de investigação, desenho do estudo, amostra, resultados e limitações (Tabela 1).

### País e Ano de Publicação

No total foram selecionados 49 estudos empíricos entre o período de 2010 a 2023 (e.g., Beckmann et al., 2021; Calvete et al., 2011, 2013, 2014, 2015a, 2020b; Cano-Lozano et al., 2023; Carrasco et al., 2018; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Cuervo & Palanques, 2022; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Ibabe & Jaureguizar, 2010; Izaguirre & Calvete, 2017; Jiménez et al., 2019). Destes, 41 foram realizados em Espanha (e.g., Calvete et al., 2011, 2013, 2014, 2015a, 2020b; Cano-Lozano et al., 2021a, 2023; Carrasco et al., 2018; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Cuervo & Palanques, 2022; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Ibabe & Jaureguizar, 2010; Izaguirre & Calvete, 2017; Jiménez et al., 2019), dois em Inglaterra (O’Toole et al., 2022; Papamichail & Bates, 2022), um em Inglaterra e Canadá (Kuay et al., 2022) e os restantes no Canadá (Lyon et al., 2015), na Austrália (Harries et al., 2022), no Japão (Sasaki et al., 2021), na Alemanha (Beckmann et al., 2021) e no México (Suárez-Relinque et al., 2020).

### Metodologia de Investigação e Desenho do Estudo

As duas metodologias de investigação presentes foram as quantitativas e as qualitativas, sendo que 45 investigações científicas foram identificadas como quantitativas (e.g., Contreras et al., 2020; Cuervo, 2021; Del Hoyo-Bilbao et al., 2022; Gámez-Guadix et al., 2012; Ibabe, 2014; Ibabe & Jaureguizar, 2010, 2011; Ibabe et al., 2013; Jiménez-Granado et al., 2023; López-Martínez et al., 2019; Lyon et al., 2015; Martínez-Ferrer et al., 2018; Rico et al., 2017) e os restantes quatro artigos empíricos foram qualificados como qualitativos (Calvete et al., 2014a, 2015d; O’Toole et al., 2022; Papamichail & Bates, 2022).

Quanto aos tipos de desenho dos estudos verificou-se diversidade, visto que 32 investigações científicas foram identificadas como correlacionais (e.g., Beckmann et al., 2021; Cano-Lozano et al., 2020; Cuervo, 2021; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Harries et al., 2022; Ibabe, 2015; Kuay et al., 2022; López-Martínez et al., 2019; Navas-

Martínez & Cano-Lozano, 2022a; Rosado et al., 2017; Suárez-Relinque et al., 2019), nove longitudinais (Calvete et al., 2013, 2015a, 2015b, 2015c, 2020b; Del Hoyo-Bilbao et al., 2018, 2022; Izaguirre & Calvete, 2017; Jiménez-Granado et al., 2023), duas comparativas (Carrasco et al., 2018; Loinaz & de Sousa, 2020), dois *focus group* (Calvete et al., 2014a; O'Toole et al., 2022), duas entrevistas semiestruturadas (Calvete et al., 2015d; Papamichail & Bates, 2022), uma descritiva (Santos & Leiva, 2020) e um caso-controlo (Sasaki et al., 2021).

### **Caracterização da Amostra**

Os estudos analisados revelaram amostras de diversas dimensões, desde 8 participantes (Papamichail & Bates, 2022) até 3.731 participantes (Suárez-Relinque et al., 2020).

Relativamente ao sexo dos participantes, todas as investigações foram constituídas por amostras mistas. A faixa etária dos participantes, compreendeu idades entre os 10 (Sasaki et al., 2021) e os 60 anos (Kuay et al., 2022). No entanto, o intervalo de idades mais prevalente nos estudos foi entre os 12 e os 18 anos (Cano-Lozano et al., 2020; Contreras et al., 2020; Ibabe, 2014, 2015; Ibabe & Jaureguizar, 2011, Ibabe et al., 2013; López-Martínez et al., 2019; Martínez-Ferrer et al., 2018; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a, 2022c; Suárez-Relinque et al., 2019, 2023).

No que diz respeito ao tipo de participantes, a maioria das amostras consistiu em estudantes (e.g., Calvete et al., 2011; Contreras et al., 2020; Del Hoyo-Bilbao et al., 2018, 2022; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Ibabe et al., 2013, 2015; Jiménez et al., 2019; Jiménez-Granado et al., 2023; Junco-Guerrero et al., 2021; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a; Rosado et al., 2017). Os estudos de Gámez-Guadix e Calvete (2012), de Gámez-Guadix e colaboradores (2012), de Lyons e colegas (2015) e de Cano-Lozano e colaboradores (2021b) apresentaram amostras compostas por estudantes universitários. Kuay e colegas (2022) utilizou uma amostra composta apenas por figurais parentais. Já Calvete e colaboradores (2015a, 2015c) reuniu uma amostra constituídas por filhos(as) e progenitores.

Também foram encontradas investigações onde os participantes eram profissionais de diferentes áreas, tais como professores (Santos & Leiva, 2020) e profissionais de instituições associadas à VD e autoridades policiais (O'Toole et al., 2022). O estudo de Calvete e colegas (2014a) reuniu como amostra progenitores, filhos/as e profissionais da área da VFP. Cano-Lozano e colaboradores (2023), Cuervo



(2021) e Navas-Martínez & Cano-Lozano (2022c) tiveram como participantes jovens a cumprir Medida Tutelar Educativa (MTE). Já o estudo de Calvete e colegas (2015d) apresentou como amostra jovens a cumprir medida tutelar educativa e figuras parentais. Para além disso, a amostra da investigação de Sasaki e colaboradores (2021) consistiu em jovens pacientes psiquiátricos e a de Papamichail e Bates (2022) incluiu jovens integrados em programas de intervenção.

### **Fatores de Risco**

De acordo com as investigações científicas verificadas foram identificados diversos fatores de risco associados à perpetração de VFP.

A exposição à violência familiar (Calvete et al., 2011, 2015c, 2015d, 2020b; Cano-Lozano et al., 2021a; Carrasco et al., 2018; Cuervo, 2021; Ibabe, 2014, 2015; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Ibabe et al., 2013; Junco-Guerrero et al., 2021; Lyon et al., 2015; O'Toole et al., 2022; Papamichail & Bates, 2022; Sasaki et al., 2021), o consumo de substâncias (Beckmann et al., 2021; Calvete et al., 2011, 2014, 2015b, 2020b; Cano-Lozano et al., 2023; Carrasco et al., 2018; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Ibabe et al., 2013, 2014; O'Toole et al., 2022; Santos & Leiva, 2020), e a sintomatologia psicopatológica (e.g., depressão, ansiedade) (Calvete et al., 2011, 2013, 2014; Carrasco et al., 2018; Cuervo, 2021; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Loinaz & de Sousa, 2020; O'Toole et al., 2022; Rosado et al., 2017; Suárez-Relinque et al., 2020 ) destacaram-se como os três fatores de risco mais mencionados nos estudos analisados. Logo de seguida surge a vitimação familiar direta (Calvete et al., 2015c; Cano-Lozano et al., 2021a, 2023; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Izaguirre & Calvete, 2017).

Outros fatores de risco revelados foram a pertença a grupos de pares desviantes (Calvete et al., 2011; Loinaz & de Sousa, 2020; Santos & Leiva, 2020), a desregulação emocional (Calvete et al., 2011; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Contreras et al., 2020; Loinaz & de Sousa, 2020; Papamichail & Bates, 2022), a agressividade (Calvete et al., 2013, 2015a; Cano-Lozano et al., 2023; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Ibabe et al., 2014), a prática de estilos parentais negativos (Cuervo, 2021; Kuay et al., 2022; Loinaz & de Sousa, 2020; Lyons et al., 2015; Santos & Leiva, 2020), a baixa empatia (Cano-Lozano et al., 2023; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Del Hoyo-Bilbao et al., 2022; Ibabe & Jaureguizar, 2010; Jiménez-Granado et al., 2023), a impulsividade (Calvete et al., 2011; Del Hoyo-Bilbao et al., 2022; Loinaz & de Sousa, 2020; O'Toole et al., 2022; Rico et al., 2017), a baixa autoestima (Calvete et al., 2011; Cuervo, 2021;

Ibabe & Jaureguizar, 2011; Loinaz & de Sousa, 2020) e o estilo parental autoritário (Cano-Lozano et al., 2021b; Gámez-Guadix et al., 2012; Ibabe et al., 2013; Martínez-Ferrer et al., 2018; Suárez-Relinque et al., 2019).

Também a fraca vinculação parental (Cano-Lozano et al., 2023; Ibabe et al., 2013; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022c), a utilização problemática das redes sociais (Martínez-Ferrer et al., 2018; Santos & Leiva, 2020; Suárez-Relinque et al., 2020), a vitimação escolar (Calvete et al., 2015d; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022<sup>a</sup>, 2022c), a hostilidade (Cano-Lozano et al., 2020, 2023), as crenças justificativas de violência (Cano-Lozano et al., 2023; Contreras et al., 2020; Loinaz & de Sousa, 2020; Junco-Guerrero et al., 2021), o castigo corporal (Del Hoyo-Bilbao et al., 2018; Harries et al., 2022; Jiménez-Granado et al., 2023), os estilos de comunicação familiar negativos (Jiménez et al., 2019; López-Martínez et al., 2019; Suárez-Relinque et al., 2020), os estilos parentais permissivos (Calvete et al., 2014a; Ibabe et al., 2013; O'Toole et al., 2022), os traços de personalidade narcisista (Calvete et al., 2011; Loinaz & de Sousa, 2020) e antissocial (Cuervo, 2021; Kuay et al., 2022), o fraco ajustamento social (Ibabe et al., 2013, 2014), o baixo desempenho escolar (Carrasco et al., 2018; Ibabe et al., 2014), a ausência parental (Calvete et al., 2014a, 2015d), o estilo parental negligente (Gámez-Guadix et al., 2012; Suárez-Relinque et al., 2019), as atitudes positivas em relação à transgressão das normas sociais (Martínez-Ferrer et al., 2018; Suárez-Relinque et al., 2020), a alexitimia (Martínez-Ferrer et al., 2018; Suárez-Relinque et al., 2023), e a ideação suicida (Beckmann et al., 2021; Suárez-Relinque et al., 2023) foram apontados como fatores de risco.

Apesar da sua presença ser menor nas investigações verificadas, também estão relacionadas com a prática de VFP as dificuldades de adaptação escolar (Ibabe & Jaureguizar, 2010), os comportamentos delinquentes (Calvete et al., 2011), o consumo de álcool (Calvete et al., 2013), a abstinência relacionada com o consumo de substâncias, a exposição à violência associada à televisão e aos videojogos (Calvete et al., 2014a), as práticas parentais assertivas e coercivas (Ibabe, 2015), a ideação paranoide (Rosado et al., 2017), a separação dos pais (Carrasco et al., 2018), a baixa tolerância à frustração, os traços de personalidade manipuladores (Santos & Leiva, 2020), a raiva (Cano-Lozano et al., 2020), o *stress* e impulsividade parentais (Cano-Lozano et al., 2021b), as perturbações do desenvolvimento (Sasaki et al., 2021), o envolvimento em gangues (O'Toole et al., 2022), as baixas competências emocionais, as fracas estratégias de *coping* (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022c), a relação

entre os filhos/as e as figuras parentais marcada pela instabilidade (Papamichail & Bates, 2022), a irresponsabilidade (Del Hoyo-Bilbao et al., 2022) e a rejeição parental (Cano-Lozano et al., 2023).

### **Fatores de Proteção**

Alguns estudos empíricos também identificaram fatores de proteção, nomeadamente os estilos parentais positivos (Beckmann et al., 2021; Gámez-Guadix et al., 2012; Kuay et al., 2022; Suárez-Relinque et al., 2019), os estilos de comunicação familiar positivos (Jiménez et al., 2019; López-Martínez et al., 2019), relações familiares positivas (Ibabe, 2015), elevados níveis de empatia (Contreras et al., 2020) e de autocontrolo no jovens que praticaram VFP (Beckmann et al., 2021; López-Martínez et al., 2019).

### **Limitações**

Todos os artigos identificaram características dos seus estudos que limitaram a recolha dos dados e a análise dos resultados.

As principais limitações relatadas foram a recolha dos dados através de uma única fonte de informação (e.g., Beckmann et al., 2021; Calvete et al., 2011; Cano-Lozano et al., 2023; Contreras et al., 2020; Del Hoyo-Bilbao et al., 2018, 2022; Ibabe et al., 2013; Izaguirre & Calvete, 2017; Jiménez et al., 2019; 29yon set al., 2015), o desenho do estudo (e.g., Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Cano-Lozano et al., 2021a; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Ibabe, 2014, 2015; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Jiménez et al., 2019; Martínez-Ferrer et al., 2018; Rico et al., 2017; Suárez-Relinque et al., 2020) e a inviabilidade de generalizar os resultados (e.g., Calvete et al., 2013; Cano-Lozano et al., 2020; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Cuervo, 2021; Cuervo & Palanques, 2022; Gámez-Guadix et al., 2012, 2014, 2015b; Harries et al., 2022; O'Toole et al., 2022). Igualmente com uma grande prevalência, também foram identificadas como limitações a composição da amostra (Beckmann et al., 2021; Calvete et al., 2015c; Carrasco et al., 2018; Del Hoyo-Bilbao et al., 2022; Ibabe & Jaureguizar, 2010; Jiménez-Granado et al., 2023; Papamichail & Bates, 2022; Rico et al., 2017; Suárez-Relinque et al., 2020), a desejabilidade social (Calvete et al., 2013; Cano-Lozano et al., 2023; Ibabe, 2014, 2015; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Ibabe et al., 2014), a utilização de poucas variáveis na investigação (Calvete et al., 2013, 2020b, 2015c; Izaguirre & Calvete, 2017; Jiménez et al., 2019; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a) e a metodologia do estudo (Calvete et al., 2020b; Del Hoyo-Bilbao et al., 2018;

Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a; Papamichail & Bates, 2022; Suárez-Relinque et al., 2019).

A natureza retrospectiva dos dados (Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Gámez-Guadix et al., 2012; Jiménez-Granado et al., 2023; Lyons et al., 2015), o tamanho da amostra (Calvete et al., 2014a; Contreras & Cano-Lozano, 2016; Loinaz & de Sousa, 2020; Sasaki et al., 2021), a utilização de autorrelatos para a recolha da informação (Calvete et al., 2015c; Cano-Lozano et al., 2021b; Sasaki et al., 2021) e os instrumentos utilizados (Calvete et al., 2011, 2015c) também foram mencionadas como limitações. Para além disso, Loinaz e de Sousa (2020) e Rosado e colaboradores (2017) referiram a heterogeneidade e Suárez-Relinques e colegas (2023) indicaram a homogeneidade das amostras. Na mesma linha, Cano-Lozano e colaboradores (2023) e Navas-Martínez e Cano-Lozano (2022c) evidenciaram a composição dos grupos da amostra heterógenos. Já os estudos longitudinais (Calvete et al., 2015b; Izaguirre & Calvete, 2017) mencionaram como limitação o espaço temporal reduzido entre as várias recolhas de dados.

As restantes limitações presentes nas investigações científicas analisadas foram a falta de informação qualitativa (Cuervo & Palanques, 2022), a ausência de um instrumento de avaliação específico para a VFP (Ibabe & Jaureguizar, 2010), a escassez de informação (Carrasco et al., 2018), a faixa etária da amostra (Calvete et al., 2020b), a falta de grupo de controlo (Loinaz & de Sousa, 2020) e a recolha de dados efetuada *online* (Kuay et al., 2022).

Tabela 1  
Síntese da análise dos artigos científicos que integram a revisão sistemática

| Autores/<br>País                         | Objetivos do Estudo                                                                                                                             | Metodologia/<br>Desenho       | Amostra                                                                                                                                         | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                              | Limitações                                                                                                                  |
|------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ibabe & Jaureguizar (2010)<br>Espanha    | Identificar fatores de risco individuais e familiares associados à VFP.                                                                         | Quantitativa<br>Correlacional | 413 processos (85% masculino; 15% feminino); 14–18 anos<br>Grupos: 1) VFP; 2) outros crimes; 3) VFP e outros crimes                             | - Grupo 1: elevados consumos de substâncias, baixa empatia<br>- Grupo 1 e 3: dificuldades de adaptação escolar                                                                                                                                                                          | - Composição da amostra<br>- Ausência de instrumentos de avaliação de VFP                                                   |
| Calvete et al., (2011)<br>Espanha        | Analisar a relação entre características individuais e familiares e a VFP.                                                                      | Quantitativa<br>Correlacional | 1.427 alunos (728 feminino; 682 masculino; 17 não indicaram o sexo); 12–17 anos                                                                 | - Práticas parentais inadequadas, fraca supervisão parental, exposição à violência familiar, pertença a grupos de pares desviantes, comportamentos delinquentes, consumo de substâncias, impulsividade, traços de personalidade narcisista, sintomatologia depressiva, baixa autoestima | - Única fonte de informação<br>- Instrumentos utilizados                                                                    |
| Ibabe & Jaureguizar (2011)<br>Espanha    | Analisar o valor preditor das características psicológicas dos jovens, da exposição à violência familiar e da vitimação familiar direta na VFP. | Quantitativa<br>Correlacional | 485 alunos (55% masculino; 45% feminino); 12–18 anos                                                                                            | - Consumo de substâncias, sintomatologia ansiosa, baixa autoestima, exposição à violência familiar, vitimação familiar direta                                                                                                                                                           | - Desenho do estudo<br>- Desejabilidade social<br>- Única fonte de informação                                               |
| Gámez-Guadix & Calvete (2012)<br>Espanha | Analisar a relação entre a exposição a diferentes tipos de violência familiar e a VFP.                                                          | Quantitativa<br>Correlacional | 1.668 estudantes universitários (76.9% feminino; 22.5% masculino; 0.5% não indicaram o sexo); $M = 20$ anos (raparigas) $M = 21$ anos (rapazes) | - VFP psicológica: exposição a violência psicológica entre progenitores, vitimação psicológica direta<br>- VFP física: exposição a violência física entre progenitores, vitimação física e psicológica diretas                                                                          | - Desenho do estudo<br>- Natureza retrospectiva<br>- Inviável generalizar resultados                                        |
| Gámez-Guadix et al., (2012)<br>Espanha   | Analisar a relação entre os estilos parentais e a VFP.                                                                                          | Quantitativa<br>Correlacional | 1.343 estudantes universitários (74% feminino; 24.8% masculino, 0.2% não indicaram o sexo); $M = 21$ anos                                       | - VFP física e psicológica: estilo parental negligente<br>- VFP psicológica: estilo parental autoritário<br>- Fator de proteção: estilo parental permissivo                                                                                                                             | - Desenho do estudo<br>- Natureza retrospectiva<br>- Inviável generalizar resultados                                        |
| Calvete et al., (2013)<br>Espanha        | Analisar, em dois tempos, o valor preditor de características comportamentais e emocionais dos jovens na VFP.                                   | Quantitativa<br>Longitudinal  | 1.371 jovens (1º tempo); 1.072 jovens (1º e 2º tempo, 601 feminino; 471 masculino); 13–17 anos                                                  | - Consumo de álcool e substâncias, sintomatologia depressiva, agressividade instrumental                                                                                                                                                                                                | - Única fonte de informação<br>- Poucas variáveis em estudo<br>- Desejabilidade social<br>- Inviável generalizar resultados |
| Ibabe et al., (2013)<br>Espanha          | Analisar a relação entre características individuais e familiares e a VFP.                                                                      | Quantitativa<br>Correlacional | 485 alunos (55% masculino; 45% feminino); 12–18 anos                                                                                            | - Exposição à violência familiar e vitimação familiar direta, baixa autoestima<br>- VFP psicológica: estilo parental permissivo, estilo parental autoritário praticado pela mãe, fraca vinculação com a mãe                                                                             | - Única fonte de informação                                                                                                 |

| Autores/<br>País                      | Objetivos do Estudo                                                                                                                           | Metodologia/<br>Desenho           | Amostra                                                                                                                                                                             | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Limitações                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                       |                                                                                                                                               |                                   |                                                                                                                                                                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- VFP física (rapazes): consumo de substâncias, estilos parentais inadequados praticados pela mãe, fraco ajustamento social</li> <li>- VFP física (raparigas): consumo de substâncias</li> <li>- Fator de proteção (VFP física): estilos parentais adequados praticados pela mãe</li> </ul>                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                    |
| Calvete et al.,<br>(2014a)<br>Espanha | Analisar as perspetivas dos jovens que cometeram VFP, dos seus pais e dos profissionais da área quanto aos fatores de risco associados à VFP. | Qualitativa<br><i>Focus Group</i> | 21 participantes<br>Grupos: 1) mães (34–50 anos); 2) pais (44–53 anos); 3) jovens que praticaram VFP ( $M = 17$ anos); 4) profissionais da área (4 masculinos; 1 feminino).         | Fatores de risco identificados: conflitos conjugais, ausência parental (especialmente por parte do pai), vitimação familiar direta, estilo parental permissivo, fraca supervisão parental, desregulação emocional, sintomatologia psicopatológica, consumo de substâncias, pertença a grupos de pares desviantes, abstinência relacionada com o consumo de substâncias, exposição à violência associada à televisão e aos videojogos | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tamanho da amostra</li> <li>- Inviável generalizar resultados</li> </ul>                                                                                  |
| Ibabe (2014)<br>Espanha               | Analisar o papel da violência familiar na relação entre problemas comportamentais e emocionais dos jovens e a VFP.                            | Quantitativa<br>Correlacional     | 485 alunos (55% masculino; 45% feminino); 12–18 anos                                                                                                                                | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Exposição à violência familiar, vitimação familiar direta</li> <li>- Comportamento antissocial dos jovens, quando simultaneamente estão presentes relações familiares negativas</li> </ul>                                                                                                                                                                                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenho do estudo</li> <li>- Única fonte de informação</li> <li>- Desejabilidade social</li> </ul>                                                        |
| Ibabe et al.,<br>(2014a)<br>Espanha   | Analisar o valor preditor dos problemas de externalização e de internalização na VFP.                                                         | Quantitativa<br>Correlacional     | 231 jovens (66% masculino; 34% feminino); 14–18 anos<br>Grupos: 1) VFP; 2) outros crimes; 3) sem antecedentes criminais.                                                            | - Grupo 1: fraco desempenho escolar, fraco ajustamento social, problemas comportamentais fora do contexto doméstico (hiperatividade, indisciplina, agressividade), consumo de substâncias                                                                                                                                                                                                                                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenho do estudo</li> <li>- Desejabilidade social</li> </ul>                                                                                             |
| Calvete et al.,<br>(2015a)<br>Espanha | Analisar o valor preditor, em dois tempos, do processamento cognitivo e emocional na VFP.                                                     | Quantitativa<br>Longitudinal      | 1.506 alunos (1º tempo); 1.272 (1º e 2º tempo, 653 feminino; 619 masculino) e 421 progenitores (77.7% feminino; 22.3% masculino); 13–17 anos (alunos); $M = 48$ anos (progenitores) | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atribuição hostil (rapazes)</li> <li>- VFP psicológica (raparigas): agressividade</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                | - Instrumento utilizado                                                                                                                                                                            |
| Calvete et al.,<br>(2015b)<br>Espanha | Analisar o valor preditor, em três tempos, do abuso de substâncias em jovens na VFP.                                                          | Quantitativa<br>Longitudinal      | 981 alunos (580 feminino; 390 masculino; 11 não indicaram o sexo); $M = 15$ anos                                                                                                    | - VFP física e psicológica: consumo de substâncias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Única fonte de informação</li> <li>- Poucas variáveis em estudo</li> <li>- Espaço temporal reduzido</li> <li>- Inviável generalizar resultados</li> </ul> |

| Autores/<br>País                                | Objetivos do Estudo                                                                                                                       | Metodologia/<br>Desenho                      | Amostra                                                                                                                                                                     | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Limitações                                                                                |
|-------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| Calvete et al.,<br>(2015c)<br>Espanha           | Analisar o valor preditor, em três tempos, da exposição à violência familiar, da vinculação parental e de esquemas maladaptativos na VFP. | Quantitativa<br>Longitudinal                 | 591 progenitores (80% feminino; 20% masculino) e 591 alunos (50.4% feminino, 49.6% masculino); 33–58 anos (progenitores); 12–17 anos (alunos)                               | - Vitimação familiar direta, exposição à violência familiar, esquemas maladaptativos de desconexão e rejeição<br>- Fraca vinculação parental, quando simultaneamente estão presentes traços de personalidade narcisista (rapazes)                                                                                    | - Composição da amostra<br>- Autorrelatos<br>- Instrumentos utilizados                    |
| Calvete et al.,<br>(2015d)<br>Espanha           | Analisar qual o papel da exposição à violência familiar e das práticas parentais na VFP.                                                  | Qualitativa<br>Entrevista<br>semiestruturada | 15 jovens a cumprir MTE (10 masculino; 5 feminino) e 20 progenitores ou outras figuras parentais (15 feminino; 5 masculino); 14–17 anos (jovens); 34–55 anos (progenitores) | Fatores de risco identificados pelos jovens: vitimação familiar direta (especialmente agressões físicas), ausência parental de pelo menos uma das figuras parentais, exposição à violência familiar<br>Fatores de risco identificados pelos progenitores: vitimação escolar, pertença a um grupo de pares desviantes | - Inviável generalizar resultados                                                         |
| Ibabe (2015)<br>Espanha                         | Analisar o valor preditor das relações familiares e das práticas parentais na VFP.                                                        | Quantitativa<br>Correlacional                | 585 alunos (52% feminino; 48% masculino); 12–18 anos                                                                                                                        | - Exposição à violência familiar, práticas parentais assertivas<br>- VFP física: práticas parentais coercivas<br>- Fator de proteção: relações familiares positivas                                                                                                                                                  | - Desenho do estudo<br>- Desejabilidade social<br>- Única fonte de informação             |
| Lyons et al.,<br>(2015)<br>Canadá               | Analisar a relação entre a exposição à violência familiar, os estilos parentais e a VFP.                                                  | Quantitativa<br>Correlacional                | 365 estudantes universitários (75.8% feminino; 24.2% masculino); 18–24 anos                                                                                                 | - Exposição à violência verbal entre progenitores<br>- VFP física (mãe): estilos parentais negativos<br>- VFP psicológica (mãe): exposição à violência familiar                                                                                                                                                      | - Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação<br>- Natureza retrospectiva            |
| Contreras &<br>Cano-Lozano<br>(2016)<br>Espanha | Comparar os níveis de regulação emocional e de comportamentos antissociais.                                                               | Quantitativa<br>Correlacional                | 60 jovens; $M = 16$ anos<br>Grupos: 1) VFP; 2) sem antecedentes criminais                                                                                                   | - Grupo 1: elevada desregulação emocional, agressividade, baixa empatia, atitudes positivas em relação à transgressão das normas sociais                                                                                                                                                                             | - Desenho do estudo<br>- Tamanho da amostra<br>- Inviável generalizar resultados          |
| Izaguirre &<br>Calvete<br>(2017)<br>Espanha     | Analisar o valor preditor de dois tipos de violência familiar na VFP.                                                                     | Quantitativa<br>Longitudinal                 | 845 alunos (410 masculino; 398 feminino; 37 não indicaram o sexo); 13–18 anos                                                                                               | - VFP (mãe): vitimação direta perpetrada pela mãe<br>- VFP (pai): vitimação direta perpetrada pelo pai                                                                                                                                                                                                               | - Única fonte de informação<br>- Espaço temporal reduzido<br>- Poucas variáveis em estudo |
| Rico et al.,<br>(2017)<br>Espanha               | Analisar a relação entre três dimensões da impulsividade e a VFP.                                                                         | Quantitativa<br>Correlacional                | 934 alunos (496 feminino; 438 do sexo masculino); 13–21 anos                                                                                                                | - VFP (pai): impulsividade motora<br>- VFP (mãe): impulsividade atencional<br>- VFP psicológica e económica: impulsividade atencional                                                                                                                                                                                | - Desenho do estudo<br>- Composição da amostra<br>- Única fonte de informação             |
| Rosado et al.,<br>(2017)<br>Espanha             | Analisar a relação entre a presença de sintomatologia psicopatológica nos jovens e a VFP.                                                 | Quantitativa<br>Correlacional                | 855 alunos (456 feminino; 399 masculino); 13–21 anos                                                                                                                        | - VFP psicológica: ideação paranoide<br>- Fator de proteção: sintomatologia depressiva (exceto para VFP física)                                                                                                                                                                                                      | - Desenho do estudo<br>- Amostra heterogénea                                              |

| Autores/<br>País                          | Objetivos do Estudo                                                                                                                                       | Metodologia/<br>Desenho       | Amostra                                                                                                                                    | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                               | Limitações                                                                                                          |
|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Carrasco et al., (2018)<br>Espanha        | Comparar a presença de fatores de risco típicos da VFP.                                                                                                   | Quantitativa<br>Comparativo   | 72 processos de jovens que cometeram VFP (65.3% masculino; 34.7% feminino); Idade até 21 anos<br>Grupos: 1) VFP defensiva; 2) VFP ofensiva | - Grupo 1: níveis elevados de exposição à violência familiar, separação dos pais<br>- Grupo 1 e 2: níveis elevados de fraco desempenho escolar, consumo de substâncias, sintomatologia psicopatológica                                                                                   | - Composição da amostra<br>- Escassez de informação                                                                 |
| Del Hoyo-Bilbao et al., (2018)<br>Espanha | Analisar o valor preditor, em dois tempos, do castigo corporal na VFP.                                                                                    | Quantitativa<br>Longitudinal  | 896 alunos (369 masculino; 527 feminino); 13–19 anos                                                                                       | - VFP psicológica: castigo corporal                                                                                                                                                                                                                                                      | - Única fonte de informação<br>- Metodologia do estudo<br>- Desenho do estudo                                       |
| Martínez-Ferrer et al., (2018)<br>Espanha | Analisar o papel do ajustamento psicossocial na relação entre os estilos parentais e a VFP.                                                               | Quantitativa<br>Correlacional | 2.399 alunos (50.2% masculino; 49.8% feminino); 12–18 anos                                                                                 | - Utilização problemática das redes sociais, atitudes positivas em relação à transgressão das normas sociais, alexitimia, estilo parental autoritário, quando simultaneamente está presente a utilização problemática das redes sociais<br>Fator de proteção: estilo parental permissivo | - Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação                                                                  |
| Jiménez et al., (2019)<br>Espanha         | Analisar a relação entre os níveis de <i>stress</i> dos jovens, os estilos de comunicação familiar e a VFP verbal.                                        | Quantitativa<br>Correlacional | 2.399 alunos (50% masculino; 50% feminino); 11–20 anos                                                                                     | - Estilos de comunicação familiar negativos, quando simultaneamente estão presentes elevados níveis de <i>stress</i> no jovem<br>- Fator de proteção: estilos de comunicação familiar positivos estão associados a baixos níveis de <i>stress</i> no jovem                               | - Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação<br>- Poucas variáveis em estudo                                  |
| López-Martínez et al., (2019)<br>Espanha  | Analisar a relação entre os estilos de comunicação familiar, a inteligência emocional dos jovens e a VFP, tendo em consideração o sexo dos perpetradores. | Quantitativa<br>Correlacional | 1.200 alunos (53.1% feminino; 46.9% masculino); 12–18 anos                                                                                 | - Estilos de comunicação familiar negativos, desregulação emocional<br>- Fatores de proteção: estilos de comunicação familiar positivos, elevados níveis de regulação emocional                                                                                                          | - Única fonte de informação                                                                                         |
| Suárez-Relinque et al., (2019)<br>Espanha | Analisar a relação entre os estilos parentais e a VFP, tendo em consideração o sexo e a idade dos jovens.                                                 | Quantitativa<br>Correlacional | 2.112 alunos (50.2% masculino; 49.8% feminino); 12–18 anos<br>Grupos: 1) 12–14 anos; 2) 15–16 anos; 3) 17–18 anos                          | - Grupos 1 e 2: estilo parental autoritário<br>- Grupo 3: estilo parental negligente<br>- Fatores de proteção: estilo parental permissivo (Grupos 1 e 2); estilo parental democrático (Grupo 3)                                                                                          | - Única fonte de informação<br>- Metodologia do estudo                                                              |
| Calvete et al., (2020)<br>Espanha         | Analisar o valor preditor, em dois tempos, da exposição à violência familiar e do abuso de substâncias na VFP.                                            | Quantitativa<br>Longitudinal  | 1.415 alunos (712 masculino; 700 feminino; 3 não indicaram o sexo); 13–17 anos                                                             | - Consumo de substâncias, exposição à violência familiar.<br>A - VFP dirigida à mãe reduz com tempo quanto aos jovens com histórico de abuso de substâncias.                                                                                                                             | - Faixa etária da amostra<br>- Metodologia do estudo<br>- Poucas variáveis em estudo<br>- Única fonte de informação |



| Autores/<br>País                         | Objetivos do Estudo                                                                                                                             | Metodologia/<br>Desenho       | Amostra                                                                                                       | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Limitações                                                                              |
|------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| Cano-Lozano et al., (2020)<br>Espanha    | Analisar a relação entre hostilidade, raiva, consumo de substâncias, pertença a grupos de pares desviantes e a VFP reativa e instrumental.      | Quantitativa<br>Correlacional | 1.599 alunos (54.8% feminino; 45.2% masculino); 12–18 anos                                                    | - VFP reativa: hostilidade, raiva<br>- VFP reativa e instrumental: pertença a um grupo de pares desviantes, quando simultaneamente está presente o consumo de substâncias                                                                                                                                                                                                                                                                    | - Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação<br>- Inviável generalizar resultados |
| Contreras et al., (2020)<br>Espanha      | Analisar a relação entre hostilidade, desregulação emocional, empatia, normalização e justificação da violência e a VFP reativa e instrumental. | Quantitativa<br>Correlacional | 1.624 alunos (54.9% feminino; 45.1% masculino); 12–18 anos                                                    | - VFP reativa: elevados níveis de desregulação emocional<br>- VFP instrumental: normalização e justificação da violência<br>- Fator de proteção: elevados níveis de empatia (VFP instrumental)                                                                                                                                                                                                                                               | - Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação<br>- Inviável generalizar resultados |
| Loinaz & de Sousa (2020)<br>Espanha      | Comparar os fatores de risco e de proteção, através da aplicação de um instrumento de avaliação de risco de VFP.                                | Quantitativa<br>Comparativo   | 91 casos (61.5% masculino; 38.5% feminino); $M = 17$ anos<br>Grupos: 1) contexto clínico; 2) contexto forense | - Grupo 1: maiores níveis de sintomatologia psicopatológica (e.g., depressão)<br>- Grupo 2: maiores níveis de violência familiar bidirecional, desregulação emocional, crenças justificativas de violência, traços de personalidade narcisista, baixos níveis de empatia, pertença a grupos de pares desviantes, estilos parentais negativos<br>- Grupos 1 e 2: elevados níveis de impulsividade, baixa autoestima, baixo desempenho escolar | - Amostra heterogénea<br>- Tamanho da amostra<br>- Falta de grupo de controlo           |
| Santos & Leiva (2020)<br>Espanha         | Explorar quais as perspetivas dos profissionais de educação quanto aos fatores de risco da VFP.                                                 | Quantitativa<br>Descritivo    | 101 professores (74.2% feminino; 25.7% masculino).                                                            | Fatores de risco identificados pelos profissionais de educação: estilos parentais negativos, fraca supervisão parental, pertença a grupos de pares desviantes, consumo de substâncias, baixa tolerância à frustração, traços de personalidade manipuladores, utilização problemática das redes sociais                                                                                                                                       | - Única fonte de informação                                                             |
| Suárez-Relinque et al., (2020)<br>México | Identificar os fatores individuais e familiares que são preditores da VFP, tendo em consideração o sexo.                                        | Quantitativa<br>Correlacional | 3.731 alunos (54% masculino; 46% feminino); 14–16 anos                                                        | - Sintomatologia ansiosa e depressiva, atitudes positivas em relação à transgressão das normas sociais<br>- VFP (raparigas): utilização problemática das redes sociais, estilos de comunicação familiar negativos<br>- Fatores de proteção: estilos comunicacionais positivos quando utilizados pelo pai (rapazes), estilos comunicacionais positivos (raparigas)                                                                            | - Composição da amostra<br>- Desenho do estudo                                          |

| Autores/<br>País                         | Objetivos do Estudo                                                                                                                                           | Metodologia/<br>Desenho       | Amostra                                                                                                                            | Resultados                                                                                                                                                                                                     | Limitações                                                                                                                                    |
|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Beckmann et al., (2021)<br>Alemanha      | Identificar os fatores de risco e de proteção associados à VFP.                                                                                               | Quantitativa<br>Correlacional | 6.444 jovens (50.7% masculino; 49.3% feminino); 13–19 anos                                                                         | - Fatores de risco identificados: vitimação familiar física e verbal, ideação suicida, consumo de substâncias<br>- Fatores de proteção identificados: estilos parentais positivos, autocontrole dos jovens     | - Composição da amostra<br>- Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação                                                                 |
| Cano-Lozano et al., (2021a)<br>Espanha   | Analisar o valor preditor dos diferentes tipos de violência familiar e dos stressores psicossociais associados à COVID-19 na VFP.                             | Quantitativa<br>Correlacional | 2.245 jovens (52.8% feminino; 47.2% masculino); 18–25 anos                                                                         | - Vitimação familiar direta, exposição à violência familiar<br>- VFP (mãe): stressores psicossociais relativos às relações familiares<br>- VFP (pai): stressores psicossociais relacionados com a saúde mental | - Desenho do estudo<br>- Única fonte de informação<br>- Inviável generalizar resultados<br>- Instrumento utilizado (stressores psicossociais) |
| Cano-Lozano et al., (2021b)<br>Espanha   | Analisar a relação entre o <i>stress</i> , a impulsividade e suporte parentais, as práticas disciplinares ineficazes e o estilo parental autoritário e a VFP. | Quantitativa<br>Correlacional | 1.543 estudantes universitários (50.2% masculino; 49.8% feminino); 18–25 anos                                                      | - <i>Stress</i> parental e práticas disciplinares ineficazes associados a um estilo parental autoritário<br>VFP (pai): impulsividade parental associada a um estilo parental autoritário                       | - Desenho do estudo<br>- Autorrelatos<br>- Inviável generalizar resultados                                                                    |
| Cuervo (2021)<br>Espanha                 | Analisar as características psicológicas dos jovens, o contexto familiar e os estilos parentais associados à VFP.                                             | Quantitativa<br>Correlacional | 342 jovens a cumprir TEM $M = 16$ anos<br>Grupos: 1) VFP; 2) outros crimes.                                                        | - Grupo 1: sintomatologia depressiva, baixa autoestima, traços de personalidade antissocial, exposição à violência familiar, estilos parentais negativos                                                       | - Única fonte de informação<br>- Inviável generalizar resultados                                                                              |
| Junco-Guerrero et al., (2021)<br>Espanha | Analisar a relação entre a exposição à violência familiar, a baixa coesão familiar e as crenças justificativas de violência e a VFP.                          | Quantitativa<br>Correlacional | 904 alunos (471 masculino; 433 do sexo feminino); 13–20 anos                                                                       | - Exposição à violência familiar (como vítima e como testemunha), baixa coesão familiar, crenças justificativas de violência                                                                                   | - Desenho do estudo<br>- Inviável generalizar resultados                                                                                      |
| Sasaki et al., (2021)<br>Japão           | Analisar as características clínicas de pacientes psiquiátricos com histórico de VFP.                                                                         | Quantitativa<br>Caso-controlo | 822 pacientes psiquiátricos (56.9% masculino; 43.1% feminino); 10–15 anos<br>Grupos: 1) histórico de VFP; 2) sem histórico de VFP. | - Grupo 1: vitimação física e psicológica direta, exposição à violência familiar, perturbações do desenvolvimento.                                                                                             | - Definição do conceito de VFP<br>- Autorrelatos<br>- Tamanho da amostra                                                                      |
| Cuervo & Palanques (2022)<br>Espanha     | Analisar quais os fatores de risco no YLS/CMI são preditores da VFP.                                                                                          | Quantitativa<br>Correlacional | 341 jovens com antecedentes criminais (72.7% masculino; 27.3% feminino); 14–17 anos<br>Grupos: 1) VFP; 2) outros crimes.           | - Grupo 1: resultados significativos nas subescalas Contexto Familiar/Práticas Parentais, Personalidade/Comportamento, Abuso de Substâncias, Educação/Emprego                                                  | - Inviável generalizar resultados<br>- Falta de informação qualitativa                                                                        |
| Del Hoyo-Bilbao et al., (2022)           | Analisar o valor preditor, em dois tempos, de três dimensões de traços                                                                                        | Quantitativa<br>Longitudinal  | 1.002 alunos (1º tempo), 765 alunos (1º e 2º tempo); 463                                                                           | - VFP física: impulsividade e irresponsabilidade, quando simultaneamente                                                                                                                                       | - Única fonte de informação<br>- Composição da amostra                                                                                        |

| Autores/<br>País                                   | Objetivos do Estudo                                                                                                                              | Metodologia/<br>Desenho       | Amostra                                                                                                                                                                                                                              | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Limitações                                                                                                          |
|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Espanha                                            | psicopáticos na VFP física e psicológica.                                                                                                        |                               | feminino; 302 masculino); 14–19 anos                                                                                                                                                                                                 | estão presentes elevados níveis de baixa empatia e baixos níveis de manipulação<br>- VFP psicológica: impulsividade, irresponsabilidade                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                     |
| Harries et al.,<br>(2022)<br>Austrália             | Analisar a relação entre dois tipos de força física parental e a VFP.                                                                            | Quantitativa<br>Correlacional | 1.132 participantes (59.5% feminino; 39.1% masculino; 1.3% não indicaram o sexo); 18–87 anos<br>Grupos: 1) elevado castigo corporal e violência física; 2) elevado castigo corporal; 3) baixo castigo corporal e/ou violência física | - Elevados níveis de castigo corporal e de violência física perpetrados pelos progenitores associados a maiores níveis de VFP                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | - Inviável generalizar resultados                                                                                   |
| Kuay et al.,<br>(2022)<br>Inglaterra e Canadá      | Analisar a relação entre os traços de personalidade antissocial, os estilos parentais e a VFP.                                                   | Quantitativa<br>Correlacional | 60 figuras parentais; 42–60 anos                                                                                                                                                                                                     | - Traços de personalidade antissocial, estilos parentais negativos<br>- Fator de proteção: estilos parentais positivos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | - Recolha de dados <i>online</i><br>- Desenho do estudo                                                             |
| Navas-Martínez & Cano-Lozano<br>(2022a)<br>Espanha | Analisar o valor preditor da vitimação familiar e escolar na VFP.                                                                                | Quantitativa<br>Correlacional | 3.142 alunos (50.7% feminino; 49.3% masculino); 12–18 anos                                                                                                                                                                           | - VFP caracterizada pelo controlo/domínio: vitimação verbal perpetrada pelo pai<br>- VFP física e financeira: <i>bullying</i><br>- VFP psicológica, financeira e controlo/domínio: <i>cyberbullying</i><br>- VFP psicológica (pai): vitimação psicológica perpetrada pelo pai<br>- VFP física (pai): <i>bullying</i><br>- VFP financeira (pai): <i>cyberbullying</i><br>- VFP psicológica (mãe): vitimação psicológica perpetrada pela mãe<br>- VFP física (mãe): vitimação verbal perpetrada por ambos os progenitores<br>- VFP financeira (mãe): vitimação física perpetrada pela mãe | - Inviável generalizar resultados<br>- Desenho do estudo<br>- Poucas variáveis em estudo<br>- Metodologia do estudo |
| Navas-Martínez & Cano-Lozano<br>(2022c)<br>Espanha | Comparar os níveis de VFP, tendo em consideração a vinculação parental, as competências emocionais e as estratégias de <i>coping</i> dos jovens. | Quantitativa<br>Correlacional | 1.559 jovens a cumprir medida em centros educativos (54.7% feminino; 45.3% masculino); 12–18 anos<br>Grupos: 1) vitimação familiar; 2) vitimação escolar; Grupo 3) politimização; 4) sem qualquer tipo de violência                  | - Grupos 1, 2 e 3 (especialmente o grupo 3): fraca vinculação parental, baixas competências emocionais e fracas estratégias de <i>coping</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | - Desenho do estudo<br>- Grupos da amostra heterogêneos                                                             |

| Autores/<br>País                             | Objetivos do Estudo                                                                                                                                                                           | Metodologia/<br>Desenho                   | Amostra                                                                                                                                                                                | Resultados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Limitações                                                                                                        |
|----------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O'Toole et al.,<br>(2022)<br>Inglaterra      | Explorar quais as perspectivas dos profissionais da área da VFP quanto aos fatores de risco associados.                                                                                       | Qualitativa<br><i>Focus Group</i>         | 25 participantes de instituições associadas à VD e a autoridades policiais (19 feminino; 6 masculino).                                                                                 | Fatores de risco da VFP identificados pelos profissionais: exposição à violência familiar, presença de sintomatologia psicopatológica nos progenitores ou no jovem, estilo parental permissivo, impulsividade, consumo de substâncias, envolvimento em gangues                                                                                                                                                                                                                        | - Inviável generalizar resultados                                                                                 |
| Papamichail & Bates<br>(2022)<br>Inglaterra  | Explorar, através da perspectiva de jovens que cometeram VFP, a sua história familiar e a sua regulação emocional e como estes influenciam o comportamento violento.                          | Qualitativa<br>Entrevista semiestruturada | 8 jovens integrados em programas de intervenção (7 masculino; 1 feminino); 14–16 anos.                                                                                                 | Fatores que influenciaram o comportamento violento na perspectiva dos jovens: exposição à violência familiar, relacionamento instável com os progenitores, percepção de rejeição emocional dos progenitores, desregulação emocional                                                                                                                                                                                                                                                   | - Composição da amostra<br>- Metodologia do estudo                                                                |
| Cano-Lozano et al., (2023)<br>Espanha        | Comparar os fatores individuais, familiares e sociais associados à VFP, bem como analisar qual o papel do processamento sociocognitivo, na relação entre a vitimação familiar direta e a VFP. | Quantitativa<br>Correlacional             | 208 jovens a cumprir MTE (78.4% masculino; 21.6% feminino); 14–20 anos<br>Grupos: 1) VFP; 2) outros crimes                                                                             | - Grupo 1: baixa empatia, rejeição parental, exposição à violência noutros contextos sociais, processamento sociocognitivo maladaptativo caracterizado por hostilidade, agressividade e justificação e normalização da violência, quando associado à vitimação familiar direta<br>- Grupo 1 (raparigas): agressividade, fraca vinculação parental, histórico de exposição a violência familiar, vitimação familiar direta<br>- Grupo 1 (rapazes): consumo de substâncias              | - Grupos da amostra heterogêneos<br>- Desenho do estudo<br>- Desejabilidade social<br>- Única fonte de informação |
| Jiménez-Granado et al.,<br>(2023)<br>Espanha | Analisar o valor preditor, em dois tempos, de traços de personalidade dos jovens na relação entre as práticas parentais inadequadas e a VFP.                                                  | Quantitativa<br>Longitudinal              | 905 alunos (1º tempo) (49.5% feminino; 49.1% masculino; 1.4% não indicaram o sexo), 671 jovens (1º e 2º tempo, 50.8% feminino; 47.7% masculino; 1.5% não indicaram o sexo); 12–17 anos | - VFP (pai): vitimação psicológica direta, quando está simultaneamente presente baixos níveis de traços de personalidade <i>borderline</i><br>- VFP (mãe): fraca supervisão parental, quando está simultaneamente presente baixa empatia (raparigas), castigo corporal, quando estão simultaneamente presentes traços de personalidade <i>borderline</i> (rapazes)<br>- VFP (ambos os progenitores): falta de supervisão parental, quando está simultaneamente presente baixa empatia | - Natureza retrospectiva<br>- Composição da amostra                                                               |
| Suárez-Relinque et al., (2023)<br>Espanha    | Analisar a relação entre os níveis de alexitimia, ideação suicida e sentimentos de solidão e a VFP, tendo em consideração o sexo.                                                             | Quantitativa<br>Correlacional             | 1.928 alunos (50.5% masculino; 49.5% feminino); 12–18 anos                                                                                                                             | - Elevados níveis de alexitimia, ideação suicida e sentimentos de solidão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | - Definição do conceito de VFP<br>- Tipo e homogeneidade da amostra                                               |

## Discussão

A presente revisão sistemática apresentou como objetivo a identificação dos fatores de risco relacionados com as agressões direcionadas aos progenitores, através da questão de investigação: “Quais os fatores de risco associados à VFP?”. Os resultados obtidos serão analisados tendo em consideração a sua prevalência nos estudos verificados.

### Fatores de Risco Familiares

Os resultados da revisão sistemática revelaram que jovens expostos a episódios de violência entre progenitores e/ou sofrerem de agressões por parte das figuras parentais, mais tarde, poderão agredir os mesmos. A maioria dos estudos empíricos analisados identificaram a presença destes padrões de comportamento agressivo como um fator de risco consensual para a ocorrência de VFP (e.g., Calvete et al., 2015c; Cano-Lozano et al., 2023; Carrasco et al., 2018; Cuervo, 2021; Izaguirre & Calvete, 2017). A teoria da bidirecionalidade da violência é uma hipótese explicativa para estes resultados, uma vez que, de acordo com a mesma, os jovens que praticaram VFP apresentam maior probabilidade de terem testemunhado e/ou sofrido violência por parte dos progenitores (Kennedy et al., 2010; Ulman & Straus, 2003).

Os estilos parentais aplicados nas relações entre pais e filhos/as também foram relacionados com a VFP, tanto como fatores de risco como de proteção. A utilização de padrões educativos desadequados (e.g., punição física, supervisão/controlo excessivo, ausência de regras claras e objetivas, baixos níveis de afeto, inconsistência da autoridade parental, fraca imposição de limites, desinteresse parental) foram destacados como fatores que promovem o surgimento da violência direcionada aos progenitores (e.g., Calvete et al., 2011, 2014a; Cano-Lozano et al., 2021b; Gámez-Guadix et al., 2012; Martínez-Ferrer et al., 2018; O’Toole et al., 2022; Suárez-Relinque et al., 2019). De igual modo, associado às práticas parentais, surge a vinculação e a comunicação entre pais e filhos/as como características relevantes para a ocorrência de VFP. Os resultados indicaram que uma relação familiar pautada pela comunicação agressiva e uma parentalidade distante, fria e indiferente não permite ao/à jovem o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e cognitivas eficazes o que, consequentemente, promove o seu envolvimento em comportamentos violentos em diferentes contextos, inclusive no seio familiar (Cano-Lozano et al., 2023; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022c; Jiménez et al., 2019; Suárez-Relinque et al., 2020). Outras investigações

revelaram que um ambiente familiar marcado pela comunicação assertiva, respeito mútuo, afeto, interesse, apoio emocional e transmissão de regras, valores e normas diminui o risco de VFP (Calvete et al., 2014a; Ibabe & Bentler, 2016; Jiménez et al., 2019; López-Martínez et al., 2019; Martínez-Ferrer et al., 2018).

### **Fatores de Risco Individuais**

A presença de determinadas características de personalidade também facilita o surgimento da VFP. Adolescentes com dificuldades em controlar e regular os seus comportamentos e emoções, com problemas em responder de forma adequada às adversidades quotidianas, assim como com elevados níveis de insensibilidade e fraca capacidade de compreender o outro, estão mais propensos a agredir os seus progenitores. Nas investigações científicas analisadas foram destacados diversos traços de personalidade antissocial associados aos/às jovens que cometeram VFP, nomeadamente a agressividade (e.g., Calvete et al., 2015a; Cano-Lozano et al., 2023; Contreras & Cano-Lozano, 2016), a impulsividade (e.g., Del Hoyo-Bilbao et al., 2022; O'Toole et al., 2022; Rico et al., 2017), a baixa autoestima (e.g., Cuervo, 2021; Loinaz & de Sousa, 2020), a ausência de empatia (e.g., Cano-Lozano et al., 2023; Del Hoyo-Bilbao et al., 2022; Jiménez-Granado et al., 2023) e a fraca tolerância à frustração (Santos & Leiva, 2020). Por outro lado, Beckmann e colaboradores (2021) e López-Martínez e colegas (2019) verificaram que elevados níveis de autocontrolo nos/as jovens diminuía a prática de VFP.

A existência de problemas psicopatológicos também foi mencionada como um fator de risco proeminente para a VFP. Os resultados da revisão sistemática apontaram para a presença de sintomatologia depressiva e/ou ansiosa (e.g., Calvete et al., 2013; Loinaz & de Sousa, 2020), de perturbações de desenvolvimento (Sasaki et al., 2021) e de ideação suicida (Beckmann et al., 2021; Suárez-Relinque et al., 2023) nos jovens que agrediram as suas figuras parentais. Em contraste, no estudo de Rosado e colaboradores (2017) foi observado que a existência de sintomatologia depressiva diminuía a probabilidade de agressões dirigidas aos pais, exceto para a violência física.

A utilização abusiva de substâncias lícitas e ilícitas causam alterações no comportamento dos/as jovens, que conseqüentemente poderão envolver-se em conflitos violentos, incluindo a ocorrência de violência entre pais e filhos/as. Nesse sentido, os resultados demonstraram que o consumo de drogas e/ou de álcool foi um forte preditor

para a perpetração de VFP (e.g., Beckmann et al., 2021; Cano-Lozano et al., 2023; Carrasco et al., 2018).

Também foram encontradas, com menor prevalência, outras características presentes nos/as jovens que cometeram VFP, como as crenças justificativas de violência (Cano-Lozano et al., 2023; Contreras et al., 2020; Junco-Guerrero et al., 2021), as atitudes positivas em relação à transgressão das normas sociais (Contreras & Cano-Lozano, 2016; Martínez-Ferrer et al., 2018), o baixo desempenho acadêmico (Carrasco et al., 2018; Loinaz & de Sousa, 2020), as dificuldades de adaptação escolar (Ibabe & Jaureguizar, 2010) e a utilização problemática das redes sociais (; Santos & Leiva, 2020; Suárez-Relinque et al., 2020).

### **Fatores de Risco Comunitários**

O contexto escolar é um ambiente fundamental para a aquisição de competências técnicas, mas também para o desenvolvimento pessoal do/a jovem. Contudo, a experiência escolar poderá ser pautada por episódios de violência física e/ou psicológica. Os resultados indicaram que a vitimação escolar (e.g., *bullying*, *cyberbullying*) perpetrada por colegas, professores ou funcionários é um fator de risco para a VFP (Calvete et al., 2015d; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a, 2022c). Além disso, a interação e associação a grupos de pares com comportamentos delinquentes promove o desenvolvimento de comportamentos agressivos, inclusive dirigidos aos progenitores (Loinaz & de Sousa, 2020; Santos & Leiva, 2020).

### **Limitações no Estudo da VFP e Necessidades de Estudos Futuros**

A presente revisão sistemática permitiu clarificar algumas limitações relativamente ao estudo científico da VFP. A maioria das investigações analisadas utilizaram uma definição de VFP incompleta, uma vez que compreendia somente a violência física e/ou psicológica. Esta lacuna não permitiu compreender se outros tipos de violência (e.g., económica) estão associados a outros fatores de risco. Outra limitação identificada foi o desenho dos estudos, visto que maioritariamente foram correlacionais, o que dificultou o estabelecimento de uma relação causa-efeito. Por fim, a diversidade de metodologias e instrumentos utilizados nas investigações prejudica a comparação entre os dados obtidos.

Futuramente, recomenda-se a utilização de uma definição do conceito de VFP que englobe outros tipos de violência para obter resultados mais abrangentes, bem como o desenvolvimento de mais estudos longitudinais para compreender qual o valor

preditor dos fatores de risco associados à VFP, tendo em consideração a idade do/a agressor.

### **Implicações Práticas**

Apesar das limitações da investigação, já é possível compreender alguns dos fatores de risco associados à perpetração de VFP. Estes resultados permitem efetuar uma prevenção precoce, bem como possibilita o desenvolvimento de intervenções específicas para os jovens ofensores e/ou os progenitores agredidos.

Testemunhar episódios de violência entre progenitores e/ou sofrer de agressões perpetradas pelos mesmos, a presença de características de personalidade antissocial, a existência de sintomatologia psicopatológica (e.g., depressão, ansiedade), o consumo abusivo de drogas e/ou álcool, ser vítima de violência escolar (e.g., *bullying*) e a associação com grupos de pares desviantes são fatores facilitadores para o surgimento das agressões dirigidas aos progenitores.

No âmbito da prevenção e intervenção focalizadas na VFP, seria pertinente prevenir os ambientes familiares prejudiciais, através da orientação e aconselhamento aos progenitores para a utilização de práticas parentais positivas e adequadas, assim como proporcionar aos jovens estratégias, ferramentas e mecanismos de identificação e regulação comportamental e emocional.



## Referências

- Arias-Rivera, S., & García, V. H. (2020). Theoretical framework and explanatory factors for child-to-parent violence. A scoping review. *Anales de Psicología*, 36(2), 220-231. <https://doi.org/10.6018/analesps.338881>
- Arias-Rivera, S., Hidalgo, V., & Lorence, B. (2020). A scoping study on measures of child-to-parent violence. *Aggression and Violent Behavior*, 52, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101426>
- Arias-Rivera, S., Lorence, B., & Hidalgo, V. (2022). Parenting skills, family functioning and social support in situations of child-to-parent violence: A scoping review of the literature. *Journal of Family Violence*, 37(7), 1147-1160. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00316-y>
- Aroca-Montolío, C., Lorenzo-Moledo, M., & Miró-Pérez, C. (2014). La violencia filio-parental: Un análisis de sus claves. *Anales de Psicología*, 30(1), 157-170. <https://doi.org/10.6018/analesps.30.1.149521>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2020). *Folha informativa: Violência filio-parental*. [https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/FI\\_VFP\\_2020.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FI_VFP_2020.pdf)
- Beckmann, L., Bergmann, M. C., Fischer, F., & Mößle, T. (2021). Risk and protective factors of child-to-parent violence: A comparison between physical and verbal aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 00(0), 1-26. <https://doi.org/10.1177/0886260517746129>
- Calvete, E., Orue, I., & Sampedro, R. (2011). Violencia filio-parental en la adolescencia: Características ambientales y personales. *Infancia y Aprendizaje*, 34(3), 349-363. <https://doi.org/10.1174/021037011797238577>
- Calvete, E., Orue, I., & Gámez-Guadix, M. (2013). Child-to-parent violence: Emotional and behavioral predictors. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(4), 755-772. <https://doi.org/10.1177/0886260512455869>
- Calvete, E., Orue, I., Bertino, L., Gonzalez, Z., Montes, Y., Padilla, P., & Pereira, R. (2014a). Child-to-parent violence in adolescents: The perspectives of the parents, children, and professionals in a sample of Spanish focus group participants. *Journal of Family Violence*, 29, 343-352. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9578-5>
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., & Garcia-Salvador, S. (2015a). Social information processing in child-to-parent aggression: Bidirectional associations in a 1-year

- prospective study. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 2204-2216.  
<https://doi.org/10.1007/s10826-014-0023-4>
- Calvete, E., Orue, I., & Gámez-Guadix, M. (2015b). Reciprocal longitudinal associations between substance use and child-to-parent violence in adolescents. *Journal of Adolescence*, 44, 124-133.  
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.07.015>
- Calvete, E., Orue, I., Gámez-Guadix, M., & Bushman, B. J. (2015c). Predictors of child-to-parent aggression: A 3-year longitudinal study. *Developmental Psychology*, 51(5), 663-676. <https://doi.org/10.1037/a0039092>
- Calvete, E., Orue, I., Gámez-Guadix, M., Del Hoyo-Bilbao, J., & de Arroyabe, E. L. (2015d). Child-to-parent violence: An exploratory study of the roles of family violence and parental discipline through the stories told by Spanish children and their parents. *Violence and Victims*, 30(6), 935-947.  
<https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00105>
- Calvete, E., Orue, I., González-Cabrera, J. (2017). Violencia filio parental: Comparando lo que informan los adolescentes y sus progenitores. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 4(1), 9-15.
- Calvete, E., Orue, I., Fernández-González, L., Chang, R., & Little, T. D. (2020). Longitudinal trajectories of child-to-parent violence through adolescence. *Journal of Family Violence*, 35, 107-116. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00106-7>
- Cano-Lozano, M. C., Rodríguez-Díaz, F. J., León, S. P., & Contreras, L. (2020). Analyzing the relationship between child-to-parent violence and perceived parental warmth. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-12.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.590097>
- Cano-Lozano, M. C., Navas-Martínez, M. J., & Contreras, L. (2021a). Child-to-parent violence during confinement due to COVID-19: Relationship with other forms of family violence and psychosocial stressors in Spanish youth. *Sustainability*, 13(20), 1-17. <https://doi.org/10.3390/su132011431>
- Cano-Lozano, M. C., León, S. P., & Contreras, L. (2021b). Relationship between punitive discipline and child-to-parent violence: The moderating role of the context and implementation of parenting practices. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(1), 1-13.  
<https://doi.org/10.3390/ijerph19010182>

- Cano-Lozano, M. C., Contreras, L., Navas-Martínez, M. J., León, S. P., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2023). Child-to-parent violence offenders (specialists vs. generalists): The role of direct victimization at home. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 15(1), 9-22.  
<https://doi.org/10.5093/ejpalc2023a2>
- Clarke, K., Holt, A., Norris, C., & Nel, P. W. (2017). Adolescent-to-parent violence and abuse: Parents' management of tension and ambiguity. *Child & Family Social Work*, 22(4), 1423-1430. <https://doi.org/10.1111/cfs.12363>
- Contreras, L., & Cano-Lozano, M. C. (2016). Social competence and child-to-parent violence: Analyzing the role of the emotional intelligence, social attitudes, and personal values. *Deviant Behavior*, 37(2), 115-125.  
<http://dx.doi.org/10.1080/01639625.2014.983024>
- Contreras, L., León, S. P., & Cano-Lozano, M. C. (2020). Socio-cognitive variables involved in the relationship between violence exposure at home and child-to-parent violence. *Journal of Adolescence*, 80, 19-28.  
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.017>
- Cottrell, B. (2001). *Parent Abuse: The Abuse of Parents by Their Teenage Children*. National Clearinghouse on Family Violence.  
[https://canadiancrc.com/pdfs/parent\\_abuse-abuse\\_of\\_parents\\_by\\_their\\_teenage\\_children\\_2001.pdf](https://canadiancrc.com/pdfs/parent_abuse-abuse_of_parents_by_their_teenage_children_2001.pdf)
- Carrasco, N., García, J., & Zaldívar, F. (2018). Diferencias asociadas a la violencia filio-parental en función del tipo de familia (“normalizadas” vs “en riesgo”) y parentesco de la víctima. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 5(3), 30-35.
- Cuervo, K. (2021). A deeper understanding of child to parent violence (CPV): Personal traits, family context, and parenting. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 67(10-11), 1079-1105.  
<https://doi.org/10.1177/0306624X211065588>
- Cuervo, K., & Palanques, N. (2022). Risk and protective factors in child-to-parent violence: A study of the YLS/CMI in a Spanish juvenile court. *Journal of Child and Family Studies*, 31(6), 1707-1723. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02295-0>

- Del Hoyo-Bilbao, J., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2018). Corporal punishment by parents and child-to-parent aggression in Spanish adolescents. *Anales de Psicología*, 34(1), 108-116. <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.34.1.259601>
- Del Hoyo-Bilbao, J. D., Orue, I., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2020). Multivariate models of child-to-mother violence and child-to-father violence among adolescents. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 12(1), 11-21. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2020a2>
- Del Hoyo-Bilbao, J., Orue, I., & Calvete, E. (2022). Interaction of psychopathic traits dimensions in the prediction of psychological and physical child-to-parent violence in adolescents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 44(1), 235-244. <https://doi.org/10.1007/s10862-021-09940-w>
- Gallego, R., Novo, M., Fariña, F., & Arce, R. (2019). La violencia de los hijos hacia los padres y de los padres hacia los hijos: Una revisión metaanalítica. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(2), 51-59. <https://dx.doi.org/10.5093/ejpalc2019a4>
- Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2012). Violencia filioparental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos. *Psicothema*, 24(2), 277-283.
- Gámez-Guadix, M., Jaureguizar, J., Almendros, C., & Carroble, J. A. (2012). Estilos de socialización familiar y violencia de hijos a padres en población española. *Psicología Conductual*, 20(3), 585-602.
- Harbin, H. T., & Madden, D. J. (1979). Battered parents: A new syndrome. *American Journal of Psychiatry*, 136(10), 1288-1291. <https://doi.org/10.1176/ajp.136.10.1288>
- Harries, T., Curtis, A., Valpied, O., Baldwin, R., Hyder, S., & Miller, P. (2022). Child-to-parent violence: Examining cumulative associations with corporal punishment and physical abuse. *Journal of Family Violence*, 1-8. <https://doi.org/10.1007/s10896-022-00437-y>
- Holt, A. (2016). Adolescent-to-parent abuse as a form of “domestic violence”: A conceptual review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 17(5), 490-499. <https://doi.org/10.1177/1524838015584372>
- Ibabe, I., & Jaureguizar, J. (2010). Child-to-parent violence: Profile of abusive adolescents and their families. *Journal of Criminal Justice*, 38(4), 616-624. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2010.04.034>

- Ibabe, I., & Jaureguizar, J. (2011). ¿Hasta qué punto la violencia filio-parental es bidireccional?. *Anales de Psicología*, 27(2), 265-277.
- Ibabe, I., Jaureguizar, J., & Bentler, P. M. (2013). Risk factors for child-to-parent violence. *Journal of Family Violence*, 28, 523-534.  
<https://doi.org/10.1007/s10896-013-9512-2>
- Ibabe, I. (2014). Direct and indirect effects of family violence on child-to-parent violence. *Studies in Psychology*, 35(1), 137-167.  
<https://doi.org/10.1080/02109395.2014.893647>
- Ibabe, I., Arnoso, A., & Elgorriaga, E. (2014a). Behavioral problems and depressive symptomatology as predictors of child-to-parent violence. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 6(2), 53-61.  
<https://doi.org/10.1016/j.ejpal.2014.06.004>
- Ibabe, I. (2015). Predictores familiares de la violencia filio-parental: El papel de la disciplina familiar. *Anales de Psicología*, 31(2), 615-625.  
<https://doi.org/10.6018/analesps.31.2.174701>
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2017). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in Spanish adolescents. *Youth & Society*, 49(3), 393-412. <https://doi.org/10.1177/0044118X16632138>
- Jiménez, T. I., Estévez, E., Velilla, C. M., Martín-Albo, J., & Martínez, M. L. (2019). Family communication and verbal child-to-parent violence among adolescents: The mediating role of perceived stress. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(22), 1-13.  
<https://doi.org/10.3390/ijerph16224538>
- Jiménez-Granado, A., Del Hoyo-Bilbao, J., & Fernández-González, L. (2023). Interaction of parental discipline strategies and adolescents' personality traits in the prediction of child-to-parent violence. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 15(1), 43-52. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2023a5>
- Junco-Guerrero, M., Ruiz-Fernández, A., & Cantón-Cortés, D. (2021). Family environment and child-to-parent violence: The role of emotional insecurity. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(15-16), 1-22.  
<https://doi.org/10.1177/08862605211006370>
- Kennair, N., & Mellor, D. (2007). Parent abuse: A review. *Child Psychiatry and Human Development*, 38, 203-219. <https://doi.org/10.1007/s10578-007-0061-x>

- Kuay, H. S., Boothroyd, L. G., Towl, G. J., Tiffin, P. A., & Muñoz, L. C. (2022). Callous-unemotional traits are associated with child-to-parent aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 66(15), 1603-1626. <https://doi.org/10.1177/0306624X211049190>
- Loinaz, I., & de Sousa, A. M. (2020). Assessing risk and protective factors in clinical and judicial child-to-parent violence cases. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 12(1), 43-51. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2020a5>
- López-Martínez, P., Montero-Montero, D., Moreno-Ruiz, D., & Martínez-Ferrer, B. (2019). The role of parental communication and emotional intelligence in child-to-parent violence. *Behavioral Sciences*, 9(12), 1-13. <https://doi.org/10.3390/bs9120148>
- Lyons, J., Bell, T., Fréchette, S., & Romano, E. (2015). Child-to-parent violence: Frequency and family correlates. *Journal of Family Violence*, 30, 729-742. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9716-8>
- Martínez, M. L., Estévez, E., Jiménez, T. I., & Velilla, C. (2015). Child-parent violence: Main characteristics, risk factors and keys to intervention. *Papeles Del Psicólogo*, 36(3), 216-224.
- Martínez-Ferrer, B., Romero-Abrio, A., Moreno-Ruiz, D., & Musitu, G. (2018). Child-to-parent violence and parenting styles: Its relations to problematic use of social networking sites, alexithymia, and attitude towards institutional authority in adolescence. *Psychosocial Intervention*, 27(3), 163-171. <https://www.doi.org/10.5093/pi2018a24>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022a). Unique and additive effects of family and school victimization on child-to-parent violence. *Violence and Victims*, 37(4), 459-478. <http://dx.doi.org/10.1891/VV-2021-0016>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022b). Differential profile of specialist aggressor versus generalist aggressor in child-to-parent violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19, 1-11. <https://doi.org/10.3390/ijerph19095720>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022c). Profile of the victimized aggressors in child-to-parent violence: Differences according to the type of victimization. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 22(2), 1-16. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2022.100302>

- O'Toole, S. E., Tsermentseli, S., Papastergiou, A., & Monks, C. P. (2022). A qualitative exploration of practitioners' understanding of and response to child-to-parent aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(11-12), 1-23.  
<https://doi.org/10.1177/0886260520967142>
- Pagani, L., Tremblay, R., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2004). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 28(6), 528-537.  
<https://doi.org/10.1080/01650250444000243>
- Pagani, L., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2009). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward fathers. *Journal of Family Violence*, 24, 173-182. <https://doi.org/10.1007/s10896-008-9216-1>
- Papamichail, A., & Bates, E. A. (2022). "I want my mum to know that I am a good guy...": A thematic analysis of the accounts of adolescents who exhibit child-to-parent violence in the United Kingdom. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(9-10), 1-24. <https://doi.org/10.1177/0886260520926317>
- Paterson, R., Luntz, H., Perlesz, A., & Cotton, S. (2002). Adolescent violence towards parents: Maintaining family connections when the going gets tough. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 23(2), 90-100.  
<https://doi.org/10.1002/j.1467-8438.2002.tb00493.x>
- Patuleia, N. & Alberto, I. (2016). Narrativas e representações sobre violência filio-parental numa amostra de profissionais. *Miscellanea APAV*, 1, 6-16.  
[https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Miscellanea\\_APAV\\_1.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Miscellanea_APAV_1.pdf)
- Pereira, R., Loinaz, I., del Hoyo-Bilbao, J., Arrospide, J., Bertino, L., Calvo, A., Montes, Y., & Gutiérrez, M. M. (2017). Propuesta de definición de violencia filio-parental: Consenso de la Sociedad Española para el Estudio de la Violencia Filio-Parental (SEVIFIP). *Papeles del Psicólogo*, 38(3), 216-223.  
<https://doi.org/10.23923/pap.psicol2017.2839>
- Pires, P. F., & Marta, D. M. S. (2023). Violência filio-parental: A importância da desocultação do fenómeno. *Miscellanea APAV*, 18, 39-51.  
[https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Miscellanea\\_APAV\\_18.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Miscellanea_APAV_18.pdf)
- Redondo, J., Pimentel, I., & Correia, A. (2012). *Manual SARAR: Uma Proposta de Manual para Profissionais de Saúde na Área da Violência Familiar/entre Parceiros Íntimos*. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.



- Rico, E., Rosado, J., & Cantón-Cortés, D. (2017). Impulsiveness and child-to-parent violence: The role of aggressor's sex. *The Spanish Journal of Psychology*, 20, 1-11. <https://doi.org/10.1017/sjp.2017.15>
- Rosado, J., Rico, E., & Cantón-Cortés, D. (2017). Influence of psychopathology on the perpetration of child-to-parent violence: Differences as a function of sex. *Anales de Psicología*, 33(2), 243-251. <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.33.2.240061>
- Sáez, M. A. C., Rodríguez, A. F., & González, O. H. (2022). Violencia filio-parental: Una revisión sistemática de la literatura. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, 14(2), 13-36.
- Santos, M. J., & Leiva, J. J. (2020). Actitudes sobre la violencia filio-parental de los profesionales de la educación egresados de la Universidad de Málaga (España). *Revista Espacios*, 41(2), 1-12.
- Sasaki, Y., Usami, M., Sasaki, S., Sunakawa, H., Toguchi, Y., Tanese, S., Saito, K., Shinohara, R., Kurokouchi, T., Sugimoto, K., Hakoshima, Y., Inazaki, K., Yoshimura, Y., Mizumoto, Y., & Okada, T. (2021). Case-control study on clinical characteristics of child and adolescent psychiatric outpatients with child-to-parent violence. *BMJ Open*, 11(12), 1-8. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-048222>
- Simmons, M., McEwan, T., Purcell, R., & Ogloff, J. (2018). Sixty years of child-to-parent abuse research: What do we know and where do we go?. *Aggression and Violent Behavior*, 38, 31-52. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.11.001>
- Suárez-Relinque, C., Del Moral Arroyo, G., León-Moreno, C., & Jerónimo, J. E. (2019). Child-to-parent violence: Which parenting style is more protective? A study with Spanish adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(8), 1-14. <https://doi.org/10.3390/ijerph16081320>
- Suárez-Relinque, C., del Moral Arroyo, G., Jiménez, T. I., Calleja, J. E., & Sánchez, J. C. (2020). Predictive psychosocial factors of child-to-parent violence in a sample of Mexican adolescents. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.576178>
- Suárez-Relinque, C., Del Moral Arroyo, G., León-Moreno, C., & Jerónimo, J. E. (2023). Emotional loneliness, suicidal ideation, and alexithymia in adolescents who commit child-to-parent violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(3-4), 4007-4033. <https://doi.org/10.1177/08862605221111414>



Toole-Anstey, C., Keevers, L., & Townsend, M. L. (2023). A systematic review of child to parent violence interventions. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 1157-1171.  
<https://doi.org/10.1177/15248380211053618>



**2º Artigo**

**Violência Filioparental: Caracterização de Agressores em Cumprimento de Penas  
e Medidas na Comunidade**

Margarida Isabel Dias Pedro & Ana Cristina Neves  
Egas Moniz School of Health & Science



## Violência Doméstica

A família é considerada fundamental para o desenvolvimento físico, psicológico e social através da prestação de cuidados básicos (e.g., alimentação, higiene, proteção), de apoio emocional (e.g., atenção, interesse, carinho) e da transmissão de crenças, valores e normas adequadas (Bowlby, 2002). Contudo, é no seio familiar que poderão ocorrer situações marcadas pela elevada desregulação e/ou destruturação, transformando o ambiente familiar num contexto conflituoso pautado pela violência e/ou negligência (Falcke, 2020). Estas características são propícias para o surgimento de diferentes tipos de maus-tratos, inclusive a violência doméstica (VD).

Este tipo de violência familiar é caracterizado por um padrão violento e coercivo exercido de forma direta ou indireta, direcionada a qualquer indivíduo que resida no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, companheiro/a, filho/a, pai, mãe, avô, avó) ou que, mesmo não coabitando, seja companheiro/a, ex-companheiro/a ou familiar. O padrão contínuo característico desta violência provoca danos físicos, psicológicos, sexuais, sociais e/ou económicos a curto ou médio prazo, e tem como objetivo dominar a vítima causando uma sensação de incompetência e medo permanente na mesma (Manita et al., 2009).

Atualmente, a VD é considerada um grave problema de saúde pública (Ertan et al., 2020) que descreve um crescimento exponencial (Krug et al., 2002) intrinsecamente ligado à criminalidade (Sacramento & Rezende, 2006).

Em Portugal, a VD é tipificada como um Crime Contra as Pessoas, sendo que a sua atual definição legal está presente no Artigo 152º do Código Penal (CP). Este define a mesma como *“quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade, ofensas sexuais ou impedir o acesso ou fruição aos recursos económicos e patrimoniais próprios ou comuns: a) ao cônjuge ou ex-cônjuge; b) a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; c) o progenitor de descendente comum em 1.º grau; d) a pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite; e) o menor que seja seu descendente ou de uma das pessoas referidas nas alíneas a), b) e c), ainda que com ele não coabite (...)”*.

Embora o conceito de VD englobe diversos tipos de maus-tratos que podem ocorrer no contexto familiar, é frequentemente retratado como a violência perpetrada

exclusivamente pelos adultos dirigida ao/à cônjuge e aos/às descendentes. Esta perspectiva limitada desconsidera outros conflitos que podem ocorrer no seio familiar, tal como a violência cometida pelos filhos sobre os seus pais, sejam eles crianças, adolescentes, jovens adultos ou adultos (Cottrell & Monk, 2004). As relações entre pais e filhos podem, ocasionalmente, se transformar em relacionamentos abusivos (Omer, 2004) caracterizados pela inversão dos papéis tradicionais familiares, uma vez que os descendentes possuem maior poder comparativamente aos pais (Coogan, 2018). Este tipo de violência, denominada de violência filioparental (VFP), devido à sua natureza intrafamiliar, é uma vertente específica da VD (Gámez-Guadix & Calvete, 2012).

### **Violência Filioparental**

A VFP não é um fenómeno recente, contudo, foi raramente o foco de investigações científicas, durante muito tempo, em comparação com outras formas de VD (Calvete et al., 2020; Gámez-Guadix & Calvete, 2012). No entanto, na última década, a VFP adquiriu maior visibilidade através do aumento exponencial de denúncias destes casos (Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Kennair & Mellor, 2007). Atualmente, a nível internacional, é considerada uma problemática grave que origina uma preocupação crescente junto da comunidade científica e política (Kennair & Mellor, 2007; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a).

### **Evolução do Conceito de VFP**

A VFP foi identificada e definida, pela primeira vez, em 1979, como a “síndrome dos progenitores maltratados”. Esta envolvia agressões físicas ou ameaças verbais e não-verbais de agressões físicas dirigidas aos pais de um jovem agressor, excluindo qualquer outro tipo de agressões (Harbin & Madden, 1979). Cottrell (2001) incluiu não só a perpetração de comportamentos violentos físicos, mas também psicológicos e/ou financeiros praticados pelos/as filhos/as adolescentes com o intuito de obter poder e/ou controlo sobre as suas figuras parentais. A definição de Paterson e colaboradores (2002) não especificou quais os tipos de violência perpetrados, somente descrevendo a VFP como os comportamentos ameaçadores, intimidantes e dominantes perpetrados pelos/as filhos/as contra os seus progenitores, com o objetivo de satisfazer os seus desejos e exigências. Aroca-Montolío e colaboradores (2014) destacaram a intencionalidade dos atos violentos físicos, psicológicos e/ou económicos praticados pelos/as filhos/as, com a finalidade de causar dano e/ou sofrimento aos seus progenitores. Segundo Holt (2016), a VFP foi descrita como um padrão de

comportamentos abusivos físicos, verbais, psicológicos e/ou financeiros direcionados a um ou a ambos os progenitores, exercidos por um/a filho/a menor, exclusivamente quando os mesmos coabitam.

Devido à necessidade de estabelecer uma definição clara, concreta e consensual, Pereira e colaboradores (2017) definiram o conceito como qualquer tipo de comportamento violento praticado pelos(as) filhos(as) contra os seus progenitores ou outro tipo de figura parental, de carácter físico (e.g., bater, socar, empurrar, cuspir), psicológico (e.g., intimidar, ameaçar, controlar), e/ou económico (e.g., roubar dinheiro, vender pertences). Esta definição exclui os comportamentos violentos pontuais associados a um estado de diminuição de consciência (e.g., intoxicação, delírios, alucinações), as agressões causadas por alterações psicológicas, bem como o parricídio sem histórico de violência contra os pais (Pereira et al., 2017). A definição acima referida será a utilizada na presente investigação científica, uma vez que é a mais atual e a mais completa abarcando os diferentes tipos de figuras parentais existentes, bem como os vários tipos de violência perpetrados.

A dificuldade da definição de VFP também tem sido marcada por divergências quanto à idade do agressor. A maioria dos estudos empíricos indicam que idade mais prevalente para a prática deste crime é entre os 14 e os 17 anos (Condry & Miles, 2014; Holt & Retford, 2013; Pagani et al. 2004). Outras investigações científicas revelam que a idade mais relacionada com a VFP está entre os 12 e os 18 anos (Cottrell e Monk, 2004; Simmons et al., 2018; Kennair & Mellor, 2007). Também as faixas etárias entre os 13 e os 17 anos (Calvete et al., 2020), os 12 e os 14 anos (Cottrell, 2001) e os 16 e os 17 anos (Romero et al., 2005) foram mencionadas como as mais predominantes para a perpetração das agressões direcionadas às figuras parentais.

Embora os estudos se foquem no período da adolescência, a VFP não é limitativa a este período do desenvolvimento (González-Álvarez et al., 2010; Holt, 2016; Moulds et al., 2016). Dados atuais, indicam que muitos jovens com idades entre os 18 e os 25 anos ainda coabitam com os seus progenitores, podendo alargar a perpetração desta violência a longo prazo (Ibabe et al., 2020; Simmons et al., 2018, 2020). Além disso, outras investigações demonstram que 75 a 91% dos parricídios, a manifestação mais violenta da VFP, são cometidos por adultos (Heide & Petee, 2007). Em contexto nacional, segundo dados estatísticos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no período entre o ano de 2013 e 2017, foram denunciados casos de VFP onde a idade do/a autor/a do crime variava entre a faixa etária de 12 a 65 ou mais

anos (APAV, 2017). Porém, a existência de investigações na área da VFP com jovens adultos e adultos ainda é bastante escassa (Cano-Lozano et al., 2021).

A forte lacuna relativamente aos dados relacionados com a VFP praticada pela população adulta poderá ocorrer devido à construção social de que o/a perpetrador/a será o/a filho/a adolescente (Holt & Shon, 2018), uma vez que a fase da adolescência é considerada como o período de desenvolvimento mais conflituoso e de maior complexidade (Oliva et al., 2010). Também o facto de o enquadramento legal da VFP estar englobado no crime por VD, muito associado exclusivamente à violência entre parceiros íntimos, quando um adulto é condenado pelo mesmo poderá ser presumido que este está a cumprir pena/medida devido a agressões contra o/a seu/sua cônjuge (Holt & Shon, 2018). Assim sendo apesar de ainda não existir um critério científico que especifique a idade do/a agressor/a, é consensual que independentemente da idade do/a mesmo/a, a VFP poderá sempre surgir em contextos onde a vítima assume a função de cuidador/a e o/a agressor/a desempenhe o papel de dependente (APAV, 2020).

A dificuldade na definição teórica do conceito provoca disparidades nos resultados das investigações científicas, condicionando a compreensão e medição plena do fenómeno da VFP (Simmons et al., 2018). A diversidade de procedimentos metodológicos utilizados origina limitações nos estudos desenvolvidos, nomeadamente ao nível da amostra, quanto às suas dimensões e à sua natureza (e.g., clínica, forense, comunitária), bem como ao nível da recolha e análise dos dados, devido à utilização de diferentes métodos (e.g., entrevistas, questionários, consulta processual) (Martínez et al., 2015; Patuleia & Alberto, 2016). De igual modo, as divergências do funcionamento dos sistemas judiciais provocam a falta de congruência nos resultados das investigações científicas focadas na VFP (Cuervo, 2021).

### **Prevalência da VFP**

Os aspetos supramencionados impossibilitam a compreensão e mensuração exata desta forma de VD (Lyons et al., 2015), demonstrando que é um tópico que ainda carece de conhecimento científico (Simmons et al., 2018). Embora os dados referentes à VFP nos últimos anos tenham revelado estatísticas alarmantes (Calvete et al., 2020; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a), estas contabilizam apenas os casos que são denunciados às autoridades competentes, muitas vezes devido à ocorrência de episódios de violência extremamente graves (Miles & Condry, 2016). Apesar das investigações revelarem dificuldades quanto à precisão das taxas de prevalência (Aroca-Montolío et



al., 2014), os estudos existentes demonstram que, nas últimas décadas, as percentagens associadas a esta problemática têm crescido exponencialmente (Cano-Lozano et al., 2020; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022b).

Internacionalmente, as taxas de prevalência de VFP variam entre 4% a 65% (Calvete et al., 2017; Lyons et al., 2015). Nos EUA, um estudo de Margolin & Baucom (2014) demonstrou que 22% dos jovens haviam exercido violência física (8% dirigida a ambos os progenitores, 8% direcionada apenas à mãe e 6% dirigida apenas ao pai), 75% tinha praticado violência verbal (48% dirigida a ambos os progenitores, 19% direcionada apenas à mãe e 8% dirigida apenas ao pai) e 59% cometido violência económica (26% direcionada a ambos os progenitores, 22% dirigida apenas à mãe e 11% direcionada apenas ao pai).

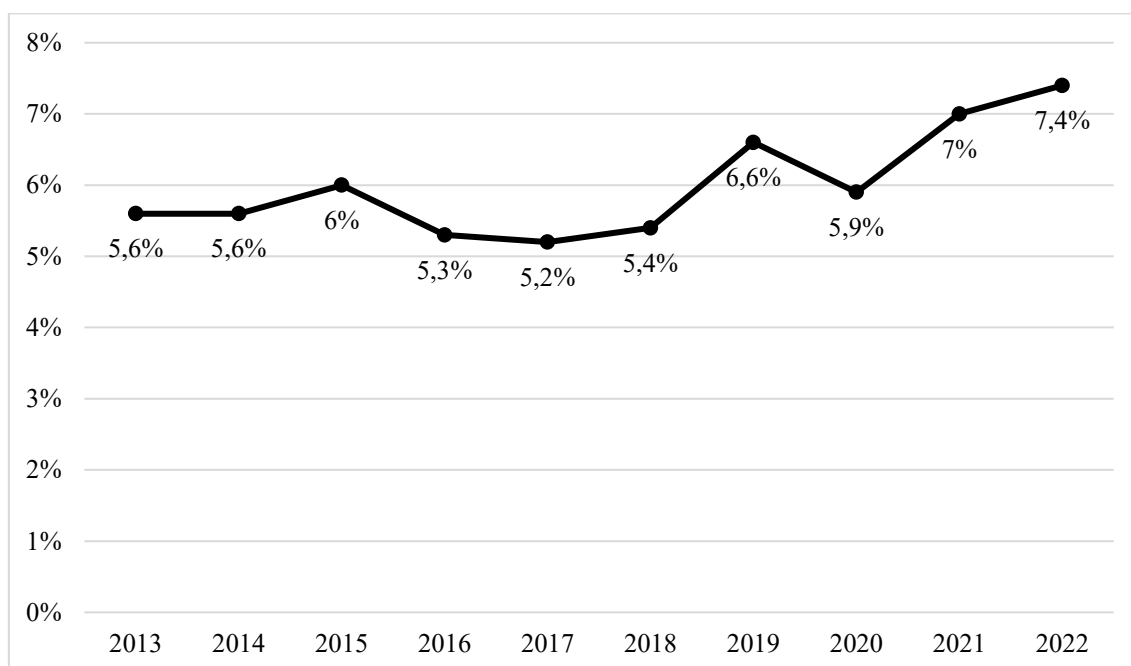
Na Europa, nomeadamente na Alemanha, um estudo efetuado por Beckmann e colaboradores (2021) evidenciou que 6% da amostra havia cometido violência física e 45% violência verbal. Em Espanha, Calvete e colaboradores (2017) demonstraram que 21.8% dos jovens tinham exercido violência física dirigida a ambos os progenitores, 19.1% direcionada apenas à mãe e 16.6% dirigida apenas ao pai. Quanto à violência psicológica, 92.7% dos adolescentes agrediram ambos os progenitores, 90.6% direcionada apenas à mãe e 79.5% dirigida apenas ao pai. Um estudo de Del Hoyo-Bilbao e colaboradores (2018), também em Espanha, revelou que 81.3% dos jovens cometeram violência psicológica grave (77.3% dirigida à mãe e 59.4% direcionada ao pai), bem como 39.1% dos adolescentes praticaram violência física grave (26.6% dirigida ao pai e 24.2% direcionada à mãe).

Em contexto nacional, as estatísticas da VFP estão incluídas na categoria de Crimes Contra as Pessoas, especificamente no crime de VD, onde o grau de parentesco entre a vítima e o denunciado é de pai/mãe/padrasto/madrasta.

A Figura 2 remete para a prevalência da VFP em Portugal, tendo em consideração os dados do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI).

Figura 2

*Prevalência da VFP em contexto nacional nos últimos 10 anos*



*Nota.* Os dados estatísticos foram retirados do RASI entre o período de 2013 e 2022.

Tendo em consideração os dados estatísticos dos últimos 10 anos é possível verificar que entre os anos de 2013 a 2019, a taxa de prevalência da VFP apresentou resultados com pouca variância. Durante este período destacam-se os anos de 2015 (6%) e 2019 (6.6%) ao revelar subidas significativas na prevalência. Em 2020 ocorreu uma descida considerável (5.9%), sendo que estes resultados coincidem com a pandemia da COVID-19 que teve início nesse mesmo ano. Porém, salienta-se que esta diminuição na prevalência nacional poderá não significar uma atenuação real da violência perpetrada contra os progenitores. Devido às condicionantes associadas ao período pandémico, as famílias foram forçadas a cumprir o isolamento social impossibilitando a denúncia dos casos de forma segura, uma vez que o agressor coabitava com as mesmas. A partir do ano de 2021 verifica-se, novamente, um aumento significativo na prevalência da VFP (7%). Deste modo, estes dados corroboram as estatísticas internacionais, visto que a expressão da VFP apresenta uma tendência crescente relativamente à sua presença na sociedade portuguesa.

### **Caracterização da VFP**

As investigações científicas indicam que existem diferenças relativamente à prevalência e ao tipo de violência utilizada, tendo em consideração o sexo do/a perpetrador/a (Boxer et al., 2009; Calvete et al., 2011; Kennair & Mellor, 2007). A maioria da literatura científica revela que a prática de VFP está mais associada ao sexo

masculino (e.g., Contreras & Cano, 2015; Elliott et al., 2011; Walsh e Krienert, 2009), representando 60 a 80% dos casos (Villalba et al., 2021). Em contexto nacional, os resultados de Pires e Marta (2023) também revelaram um maior número de agressores de VFP do sexo masculino. Contudo noutros estudos empíricos, o sexo feminino foi identificado como o mais correlacionado com as agressões dirigidas aos progenitores (e.g., Cuervo et al., 2017; Nock & Kazdin, 2002). Em contraste, outras investigações científicas não verificaram diferenças significativas relacionadas com o sexo do/a agressor/a (e.g., Ibabe & Jaureguizar, 2010; Loinaz & de Sousa, 2020; Pagani et al., 2003).

De acordo com o tipo de violência perpetrada, também poderão ocorrer diferenças entre sexos. Cano-Lozano e colaboradores (2021) referiram que a violência psicológica dirigida a ambos os progenitores, assim como os comportamentos de controlo/domínio estavam maioritariamente associados ao sexo feminino. Por outro lado, a violência física e económica direcionada a ambas as figuras parentais estavam predominantemente relacionadas com o sexo masculino. Em contrapartida, o estudo nacional de Pires e Marta (2023) não identificou a existência de uma relação significativa entre o sexo do/a ofensor/a e o tipo de violência praticada.

De igual modo, a utilização de amostras de diferentes contextos (e.g., clínica, comunitária, forense) poderá resultar em diferenças significativas entre o tipo de violência praticado e o sexo do/a agressor/a. A maioria das investigações realizadas com amostras comunitárias não demonstraram diferenças significativas quanto à prática de violência física e psicológica, tendo em consideração o sexo do/a ofensor/a (e.g., Elliott et al., 2011; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Ibabe & Bentler, 2016; Pagani et al., 2003, 2004, 2009). Por outro lado, em amostras forenses, alguns estudos verificaram taxas mais elevadas de violência física no sexo masculino, comparativamente ao sexo feminino (e.g., Kuay et al., 2017; O'Hara et al., 2017; Routt & Anderson, 2011). Noutras investigações não foram encontradas diferenças significativas em relação ao sexo do/a ofensor/a (e.g., Condry & Miles, 2014; Simmons et al., 2018; Strom et al., 2014).

### **Fatores de Risco da VFP**

Os fatores de risco são definidos como os preditores associados ao aumento da probabilidade da ocorrência de comportamento criminal (Farrington et al., 2012). Nas últimas décadas, inúmeras investigações científicas foram desenvolvidas com a

finalidade de identificar quais os fatores de risco associados à perpetração de VFP (e.g., Cuervo & Palanques, 2022; Ibabe et al., 2014; Junco-Guerrero et al., 2021; Kuay et al., 2022; Suárez-Relinque et al., 2023).

A literatura científica é consensual quanto à multidimensionalidade da VFP, uma vez que não existe um único fator explicativo para o seu desenvolvimento (Redondo et al., 2012). O Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano, sugere a existência de “sistemas”, interligados entre si, que estão presentes no desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner, 1979). Este modelo aplicado à VFP defende que a mesma está relacionada com variáveis individuais, com o funcionamento familiar e com as influências culturais. A interação destes fatores poderá contribuir para a disfunção e destruturação familiar, visto que ocorre uma inversão nos papéis parentais obtida através de ameaças, chantagens e/ou agressões (Bertino et al., 2011; Patuleia et al., 2013; Pires & Marta, 2023). Assim sendo, e de acordo com o modelo supracitado, a VFP, do “sistema” mais abrangente para o mais específico, está relacionada com fatores sociais, comunitários, familiares e individuais (Bertino et al., 2011; Junco-Guerrero et al., 2021).

### **Fatores de Risco Sociais**

A sociedade, considerada o “macrossistema”, é referida como um fator de risco para a VFP, uma vez que o modo de funcionamento da mesma poderá favorecer ou dificultar a formação de crenças e de representações sociais adequadas. Por exemplo, numa sociedade, a existência de padrões de comportamento violento normalizados contribui para o desenvolvimento de crenças legitimadoras da violência (Ferreto & Romero, 2009).

Também as diversas alterações sociais contribuem para o surgimento de novas dinâmicas familiares que, consequentemente, possibilitam o surgimento da VFP. A educação passou a ser uma responsabilidade compartilhada, visto que características como o poder e a autoridade parental já não são somente associadas ao pai (Estévez & Góngora, 2009). As dificuldades de conciliação entre a vida profissional e familiar impossibilitam uma elevada supervisão parental, bem como impedem a total disponibilidade para estar presente para os/as filhos/as. Estes aspetos relacionados com as mudanças do paradigma social promovem a falta de controlo parental e o evitamento de conflitos, uma vez que para compensar a sua ausência, os progenitores irão ser mais

tolerantes e compreensivos com os comportamentos desadequados dos seus descendentes (Calvete et al., 2014; Estévez & Góngora, 2009; Tercero, 2017).

De igual forma, o número reduzido de filhos é outro fator que contribui para as dificuldades na manutenção da autoridade parental, visto que este será o único foco de atenção dos progenitores (Pereira & Bertino, 2009). Para além disso, a decisão de ter o primeiro filho mais tarde gera figuras parentais com menor energia para manter a autoridade e estabelecer os limites (Calvete et al., 2014; Pereira & Bertino, 2009; Tercero, 2017).

### **Fatores de Risco Comunitários**

A comunidade onde o jovem está inserido, considerada o “mesossistema”, também influencia o desenvolvimento de VFP. Neste sistema estão envolvidas diversas problemáticas sociais, e embora a literatura científica neste âmbito ainda seja bastante escassa (Cano-Lozano et al., 2020), destacam-se a vitimação escolar (Beckmann, 2021) e a pertença a grupos de pares desviantes (Castañeda et al., 2012).

Segundo Navas-Martínez e Cano-Lozano (2022a) ser vítima de *bullying* e de *cyberbullying* é um forte preditor da VFP física e psicológica, respetivamente. Estas experiências de vitimação, por um lado podem desencadear uma maior predisposição para responder a uma situação violenta, também de modo violento (Ford et al., 2012) dirigindo-o às suas figuras parentais (Del Moral et al., 2014). Por outro lado, o jovem poderá sentir-se impotente e frustrado direcionando a sua raiva para os seus progenitores (Cottrell & Monk, 2004).

Outras investigações científicas referem que os jovens que praticaram VFP estão muitas vezes associados a grupos de pares desviantes (Calvete et al., 2014; Del Moral Arroyo et al., 2015). Além disso, Kennedy e colaboradores (2010) demonstraram que os jovens que agredem os seus progenitores frequentemente possuem armas e estão envolvidos em gangues. De acordo com Cottrell e Monk (2004), o grupo de pares atua como um modelo de aprendizagem. Se porventura, o grupo de pares apresentar padrões de violência e de comportamento delinquente, estes serão assimilados como uma estratégia eficiente para obter poder e controlo nas relações interpessoais, inclusive com a autoridade parental (Calvete et al., 2011).

### **Fatores de Risco Familiares**

A estrutura familiar é uma característica que poderá aumentar a probabilidade de ocorrer VFP. Algumas investigações empíricas revelaram que em famílias

monoparentais (e.g., mães/pais solteiras/os, progenitores separados/divorciados), pais separados/divorciados, figuras parentais mais jovens e pais adotivos a VFP é mais elevada (Pérez & Pereira, 2006; Tremblay et al., 2004). Nestes contextos poderá ocorrer uma baixa supervisão parental, problemas de comunicação e dificuldades em impor regras e limites (Cuervo, 2021).

A exposição à violência familiar (direta e indireta) é um fator de risco consensual para o desenvolvimento da VFP (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022c). Diversas investigações científicas indicam que ambos os tipos de vitimação são fortes preditores da VFP como, por exemplo, o estudo empírico de Nowakowski-Sims e Rowe (2017), com uma amostra constituída por jovens que cometeram VFP, que demonstrou que 54% testemunhou VD e 25% sofreu agressões perpetradas pelos progenitores. Também a meta-análise de Gallego e colaboradores (2019) revelou que estas experiências de vitimação aumentam, em 70%, a probabilidade de VFP, em comparação com jovens não vitimados. Estes ambientes familiares hostis pautados pela bidirecionalidade da violência favorecem a aceitação da violência como uma estratégia apropriada para lidar com os conflitos, podendo resultar na repetição desses padrões de comportamento disruptivo (Calvete, 2007; Calvete et al., 2015a; Ibabe et al., 2013).

Também os estilos parentais são apontados como um fator de risco proeminente para a VFP (Pereira & Bertino, 2009; Tercero, 2017). Alguns estudos empíricos indicam que a utilização de estratégias excessivamente controladoras podem desencadear uma escalada da violência, originando conflitos entre os progenitores e os seus descendentes (Cottrell & Monk, 2004; Pagani et al., 2004, 2009; Gámez-Guadix et al., 2012a). Outros estudos empíricos salientam que o fraco envolvimento parental, tanto ao nível da supervisão como do afeto (Cerezo & Ato, 2010; Gámez-Guadix et al., 2012b; Suárez et al., 2016) origina, nos jovens, baixas capacidades de resolução de problemas e fraco ajustamento psicossocial que, consequentemente, promovem os comportamentos agressivos, incluindo os direcionados aos progenitores (Chapple et al., 2005). Também diversas pesquisas científicas revelam que a ausência de regras claras e objetivas e a falta de uma autoridade parental consistente dificulta o estabelecimento de regras e limites, promovendo as agressões direcionadas às figuras parentais (Calvete et al., 2014; O'Toole et al., 2022; Tercero, 2017). Para além disso, a coexistência de problemas de comunicação entre pais e filhos e a falta de apoio emocional (Ibabe e Bentler, 2016; Simmons et al., 2018) provoca um sentimento de rejeição parental no

jovem (Ibabe, 2015), o que, conseqüentemente, desencadeará comportamentos violentos físicos e psicológicos dirigidos aos progenitores (Ibabe et al., 2013).

### **Fatores de Risco Individuais**

Os jovens que cometem agressões direcionadas aos seus progenitores apresentam problemas comportamentais e emocionais (Calvete et al., 2013; Ibabe et al., 2014), uma vez que possuem dificuldades na identificação e verbalização das suas emoções (Aricak & Ozbay, 2016). Estes também possuem determinadas características de personalidade como a baixa autoestima, o egocentrismo, a impulsividade, a fraca empatia (Loinaz et al., 2017; Pereira & Bertino, 2009; Omer, 2004) e a baixa tolerância à frustração (Calvete et al., 2011; Cottrell & Monk, 2004; Nock & Kazdin, 2002).

O estudo de Contreras e Cano (2015) demonstrou que 30% dos jovens que agrediram os seus progenitores, manifestavam sintomatologia psicopatológica. Nesse sentido, a sintomatologia depressiva e ansiosa (Calvete et al., 2013; Suárez-Relinque et al., 2020), a perturbação de hiperatividade e déficit de atenção, as perturbações bipolares (Cuervo, 2021), as perturbações de desenvolvimento (Sasaki et al., 2021) e a esquizofrenia (Cuervo, 2021) são as sintomatologias frequentemente associadas à prática de VFP. Além disso, Kennedy e colaboradores (2010) verificaram que os jovens que praticam VFP são mais propensos a registar hospitalizações, a tomar medicação psiquiátrica e a tentar o suicídio.

O consumo de substâncias e álcool também é mencionado como um forte preditor de VFP (e.g., Calvete et al., 2013, 2015b, 2020; Cano-Lozano et al., 2023; Carrasco et al., 2018). Segundo Pagani e colaboradores (2009), o consumo de substâncias aumenta o risco de VFP em 50 a 60%. Também recentemente, no estudo de Contreras e Cano-Lozano (2015), 46.7% dos jovens que praticaram VFP admitiram que as agressões dirigidas aos seus progenitores ocorreram sob a influência de substâncias psicoativas. Outras investigações científicas revelaram que a necessidade de dinheiro para o consumo de drogas é também uma das principais motivações para a perpetração de VFP (e.g., Calvete & Orue, 2016; Contreras et al., 2019).

### **Intervenção na VFP**

O aumento considerável de casos de VFP e as conseqüências que o mesmo acarreta, evidencia a urgência no desenvolvimento de estratégias de prevenção e de intervenções dirigidas a esta problemática (Erostarbe et al., 2018). Contudo, o volume de estudos empíricos focados na prevenção primária e secundária e no desenvolvimento

de intervenções junto deste fenómeno ainda é escasso (Arnosó et al., 2021; Paterson et al., 2002). Segundo a revisão sistemática realizada por Toole-Anstey e colaboradores (2021), são raros os programas de intervenção para a VFP com protocolo definido e com fortes evidências empíricas da eficácia na sua aplicação. Esta lacuna na literatura científica poderá ter como explicação a baixa visibilidade do conceito e as características específicas do mesmo (Pires & Marta, 2023).

As investigações no âmbito da VFP demonstram que é uma problemática que requer respostas multidisciplinares (Caldwell & Rybroek, 2013), uma vez que ocorre através da interação de variáveis culturais, comunitárias, familiares e individuais (Bertino et al., 2011; Junco-Guerrero et al., 2021). Nesse sentido, a intervenção focalizada neste tipo de VD deverá incidir numa perspetiva relacional (i.e., intervenção individual e na família) para obter melhores resultados (Bertino & Pereira, 2010; Calvete et al., 2014). Embora existam programas exclusivamente concebidos para os progenitores vítimas de VFP (Gallagher, 2004; Paterson et al., 2002), geralmente a intervenção centrada nas agressões dirigidas às figuras parentais é realizada com a família e com o jovem agressor (Pereira, 2011).

No contexto internacional já foram desenvolvidos programas de intervenção que incidem na VFP (e.g., Euskarri, Recurra-Ginso, Programa de Intervención Precoz en Situaciones de Violencia Filio-parental (IP-VFP); Who's in Charge, Child to Parent Violence – The Non-Violent Resistance Programme (NVR), Break4Change, Programa NAYFA).

Em Portugal, ainda não existem programas de intervenção específicos para a VFP. As respostas jurídicas existentes são a Lei Tutelar Educativa (LTE) que atua quando um jovem com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos pratica um facto qualificado como crime (Lei nº 166/99, de 14 de setembro) e o Artigo 152º do CP que é aplicado quando um adulto comete o crime de VD. No caso de um jovem praticar VFP, o Sistema Tutelar Educativo é responsável pela reeducação para o direito e reintegração na sociedade do mesmo (e.g., imposição de regras de conduta, frequência de programas formativos, internamento em centro educativo) (Lei nº 166/99, de 14 de setembro). Se o/a agressor/a for adulto, o Artigo 152º do CP refere que a pena poderá ter uma duração de um a 10 anos, bem como “(...) *podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica*”.



Devido à inexistência de respostas específicas para a problemática da VFP em contexto nacional, Patuleia e Alberto (2016) salientaram a necessidade de reconhecer, identificar e sensibilizar a sociedade para este tipo de VD, de definir juridicamente a VFP e de criar programas de intervenção em articulação com sistema de proteção e de justiça.

### **O Presente Estudo**

Um conhecimento limitado da VFP dificulta o desenvolvimento de estratégias de prevenção e de intervenção, bem como prejudica a adequação das respostas jurídicas para lidar com o mesmo. Os indivíduos condenados pela prática deste crime possuem características e necessidades específicas, que devido à falta de soluções apropriadas carecem de respostas que promovam a mudança. No contexto nacional, existem poucos estudos sobre VFP e ainda menos com amostras forenses em contexto penal, onde a lei também prevê que exista uma intervenção especializada.

Com o objetivo de colmatar esta lacuna, a presente investigação tem como finalidade caracterizar uma amostra portuguesa de ofensores/as que cometeram VFP. Especificamente:

- Caracterizar os agressores de VFP e respetivas vítimas;
- Caracterizar o(s) tipo(s) de VFP praticados;
- Verificar os fatores que motivaram e facilitaram a VFP;
- Analisar os dados relativos à decisão judicial;
- Caracterizar a intervenção após condenação.



## Método

### Participantes

Este estudo integra uma amostra de 212 ofensores, correspondentes a todos os indivíduos que se encontravam a cumprir penas/medidas na comunidade – Suspensão Provisória do Processo, Suspensão de Execução da Pena e Liberdade Condicional – pelo crime de VD, cometido por filhos sobre os progenitores (Artigo 152º nº1d) e que estavam em acompanhamento na Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) a 13-04-2021.

A distribuição dos casos pelas três Delegações Regionais de Reinserção da DGRSP pode ser consultada na Tabela 1.

Tabela 2

*Nº de participantes por Delegações Regionais de Reinserção da DGRSP (n=212)*

|             | <i>n</i> | <i>%</i> |
|-------------|----------|----------|
| Norte       | 79       | 37.3     |
| Centro      | 52       | 24.5     |
| Sul e Ilhas | 81       | 38.2     |

### Material

Os dados foram recolhidos através da “Grelha de Caracterização – Violência Doméstica”, desenvolvida pela DGRSP, sendo que, para a presente investigação, apenas foram utilizadas as informações relacionadas à VFP. Esta é constituída por três principais áreas de caracterização: a) características do/a agressor/a (e.g., idade, sexo, habilitações literárias, estado civil); b) informações relativas aos factos de VD do processo atual (e.g., duração da violência, fatores que motivaram a violência); c) dados relativos à decisão judicial (processo atual) (e.g., pena/medida atual, condições judicialmente impostas, duração da pena/medida atual); d) intervenção da DGRSP (e.g., grau de intervenção, atitudes do/a agressor/a face à intervenção).

### Procedimento

A recolha de dados foi da responsabilidade da DGRSP. A “Grelha de Caracterização – Violência Doméstica” foi preenchida pelos Técnicos das Equipas de Reinserção Social responsáveis pelos casos da amostra, constando os dados numa base de dados Excel anonimizada. Foi obtida autorização da DGRSP para a utilização destes dados na presente investigação. Para o tratamento e análise estatística, os dados foram transpostos para o programa IBM SPSS Statistics 27.



## Resultados

Tendo em consideração a informação recolhida pelos Técnicos das Equipas de Reinserção Social da DGRSP foram analisados os processos relativos ao crime de VD, onde o grau de parentesco entre a(s) vítima(s) e o/a ofensor/a é pai/mãe/padrasto/madrasta.

Os dados foram organizados consoante as categorias gerais presentes na “Grelha de Caracterização – Violência Doméstica” e serão apresentados de acordo com os objetivos da investigação: 1) características dos/as agressores e da(s) vítima(s); 2) características da VFP (processo atual); 3) decisão judicial (processo atual); 4) características da intervenção após condenação (Anexo A).

### Características dos/as Agressores/as

#### *Dados Sociodemográficos*

A amostra foi constituída por 185 agressores do sexo masculino (87.3%) e 27 agressoras do sexo feminino (12.7%) com idades compreendidas entre os 17 e os 71 anos ( $M = 42.8$ ;  $DP = 10.7$ ) (Tabela 3).

Tabela 3

*Dados sociodemográficos dos(as) agressores(as) (n=212)*

|                           |                 | <i>n</i> | %    |
|---------------------------|-----------------|----------|------|
| Sexo                      | Masculino       | 185      | 87.3 |
|                           | Feminino        | 27       | 12.7 |
| Idade (à data dos factos) | 17-25 anos      | 15       | 7.1  |
|                           | 26-39 anos      | 60       | 28.3 |
|                           | 40-49 anos      | 80       | 37.7 |
|                           | + 50 anos       | 57       | 26.9 |
| Estado civil              | Solteiro(a)     | 153      | 72.2 |
|                           | União de facto  | 9        | 4.2  |
|                           | Casado(a)       | 7        | 3.3  |
|                           | Divorciado(a)   | 25       | 11.8 |
|                           | Viúvo(a)        | 3        | 1.4  |
|                           | Separado(a)     | 8        | 3.8  |
|                           | Sem informação  | 7        | 3.3  |
| Situação profissional     | Empregado(a)    | 68       | 32.1 |
|                           | Desempregado(a) | 101      | 47.8 |

|                         |                                 | <i>n</i> | %    |
|-------------------------|---------------------------------|----------|------|
|                         | Reformado(a)                    | 12       | 5.7  |
|                         | Estudante                       | 4        | 1.9  |
|                         | Incapacitado(a) para o trabalho | 12       | 5.7  |
|                         | Outra                           | 12       | 5.7  |
|                         | Sem informação                  | 3        | 1.4  |
| Habilitações literárias | 1º ciclo (4º ano)               | 39       | 18.4 |
|                         | 2º ciclo (6º ano)               | 59       | 27.8 |
|                         | 3º ciclo (9º ano)               | 47       | 22.2 |
|                         | Ensino secundário (12º ano)     | 32       | 15.1 |
|                         | Ensino superior                 | 6        | 2.8  |
|                         | Sem escolaridade                | 10       | 4.7  |
|                         | Sem informação                  | 19       | 9    |

### ***Contexto Familiar Atual***

O contexto familiar com maior prevalência foi a coabitação com a família de origem (44.3%). No que concerne à relação atual do/a agressor/a com a(s) vítima(s), 36.8% mantinha uma relação próxima, com coabitação (Tabela 4).

Tabela 4  
*Contexto familiar atual dos(as) agressores(as) (n=212)*

|                                                    |                                          | <i>n</i> | %    |
|----------------------------------------------------|------------------------------------------|----------|------|
| Enquadramento familiar atual                       | Sozinho(a)                               | 51       | 24.1 |
|                                                    | Família constituída                      | 22       | 10.4 |
|                                                    | Família de origem                        | 94       | 44.3 |
|                                                    | Outro <sup>(a)</sup>                     | 42       | 19.8 |
|                                                    | Sem informação                           | 3        | 1.4  |
| Relação atual do(a) agressor(a) com a(s) vítima(s) | Mantém relação próxima, com coabitação   | 78       | 36.8 |
|                                                    | Mantém relação próxima, sem coabitação   | 17       | 8    |
|                                                    | Coabitam, mas não mantêm relação próxima | 17       | 8    |
|                                                    | Contacto pontual                         | 20       | 9.4  |
|                                                    | Sem contacto                             | 49       | 23.1 |
|                                                    | Outra <sup>(b)</sup>                     | 19       | 9    |
|                                                    | Sem informação                           | 12       | 5.7  |

<sup>(a)</sup> Baixa médica, em condição de sem-abrigo, etc.; <sup>(b)</sup> A vítima faleceu, etc.

### ***Fatores de Adversidade na Infância***

A exposição à violência familiar (21.7%), a negligência (11.8%) e o abuso físico (11.3%) foram as características do ambiente familiar mais presentes durante o desenvolvimento físico, psicológico e social dos/as agressores/as (Tabela 5).

Tabela 5

*Fatores de adversidade na infância dos(as) agressores(as) (n=212)*

|                                                   | <i>n</i> | %    |
|---------------------------------------------------|----------|------|
| Abuso físico                                      | 24       | 11.3 |
| Negligência                                       | 25       | 11.8 |
| Abuso sexual                                      | 1        | .5   |
| Institucionalização                               | 9        | 4.2  |
| Exposição a violência familiar                    | 46       | 21.7 |
| Problemas de saúde                                | 3        | 1.4  |
| Falecimento da(s) figura(s) parental(ais)         | 2        | .9   |
| Falecimento de familiares próximos                | 1        | .5   |
| Consumo de álcool pela(s) figura(s) parental(ais) | 5        | 2.4  |
| Divórcio dos progenitores                         | 4        | 1.9  |
| Frac. vinculação/supervisão parental              | 2        | .9   |
| Separação familiar                                | 1        | .5   |
| Ausência de figura parental                       | 1        | .5   |
| Condições de vida precárias                       | 2        | .9   |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

### ***Sintomatologia Física e/ou Mental***

Relativamente à presença de perturbações da personalidade, em mais de metade dos processos não constava essa informação (68.9%) e em 24.5% dos casos os/as agressores/as não possuíam qualquer perturbação desta tipologia (Tabela 6).

Tabela 6

*Sintomatologia física e/ou mental do(s) agressores(as) (n=212)*

|                               |                        | <i>n</i> | %    |
|-------------------------------|------------------------|----------|------|
| Perturbações da Personalidade | Sem perturbação        | 52       | 24.5 |
|                               | Antissocial/Psicopatia | 2        | .9   |
|                               | Esquizoide             | 8        | 3.8  |
|                               | <i>Borderline</i>      | 4        | 1.9  |
|                               | Sem informação         | 146      | 68.9 |

|                                  | <i>n</i> | %    |
|----------------------------------|----------|------|
| Perturbações de Ansiedade        | 45       | 21.2 |
| Perturbações do Humor            | 36       | 17   |
| Perturbações Psicóticas          | 13       | 6.1  |
| Perturbação Obsessivo-Compulsiva | 1        | .5   |
| Pensamentos Persecutórios        | 1        | .5   |
| Demências                        | 1        | .5   |
| Défice Cognitivo                 | 13       | 6.1  |
| Ideação Suicida                  | 7        | 3.3  |
| Ideação Homicida                 | 3        | 1.4  |
| Problemas de saúde física        | 4        | 1.9  |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

### ***Consumo de Drogas e/ou Álcool e Acompanhamento Terapêutico***

No que diz respeito ao abuso de substâncias, 39.7% estavam em fase ativa, especificamente de consumo de álcool (24.1%), de drogas (8.5%) e de álcool e drogas (7.1%). Porém, em 23 processos não existia essa informação (10.8%) (Tabela 7).

No âmbito dos comportamentos aditivos, a maioria dos/as agressores/as encontravam-se em acompanhamento terapêutico (60.8%). Contudo, em 12 processos não existia informação referente ao mesmo (5.7%).

Tabela 7

*Consumo de substâncias e acompanhamento terapêutico nesse âmbito (n=212)*

|               |                                            | <i>n</i> | %    |
|---------------|--------------------------------------------|----------|------|
| Problemas de  | Nunca teve problemas associados a consumos | 27       | 12.7 |
| consumo de    | Fase ativa de consumo de álcool            | 51       | 24.1 |
| álcool/drogas | Fase ativa de consumo de drogas            | 18       | 8.5  |
|               | Fase ativa de consumo de álcool e drogas   | 15       | 7.1  |
|               | Consumos ultrapassados há menos de 1 ano   | 43       | 20.3 |
|               | Consumos ultrapassados há mais de 1 ano    | 35       | 16.5 |
|               | Sem informação                             | 23       | 10.8 |

### ***Atitudes Face à Violência***

No que concerne às atitudes dos/as ofensores/as face à violência, a maioria negou/minimizou o dano infligido na(s) vítima(s) (62.3%), desresponsabilizou-se/atribuiu a ocorrência da violência a fatores externos (54.2%) e apresentou sentido crítico face ao(s) crime(s) (52.4%) (Tabela 8).



Tabela 8  
*Atitudes dos(as) agressores(as) face à violência (n=212)*

|                                                                                       | <i>n</i> | <i>%</i> |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|
| Negação da ocorrência da violência                                                    | 81       | 38.2     |
| Negação/minimização do dano provocado na(s) vítima(s)                                 | 131      | 62.3     |
| Desresponsabilização/atribuição da causa do comportamento violento à(s) vítima(s)     | 86       | 40.6     |
| Desresponsabilização/atribuição da causa do comportamento violento a fatores externos | 115      | 54.2     |
| Legitimação da violência devido a crenças culturais                                   | 13       | 6.1      |
| Legitimação da violência devido a crenças sobre as práticas parentais                 | 9        | 4.2      |
| Legitimação da violência devido a crenças de gênero                                   | 7        | 3.3      |
| Ausência de arrependimento                                                            | 71       | 33.5     |
| Presença de sentido crítico face ao(s) crime(s)                                       | 111      | 52.4     |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

### ***Antecedentes Criminais***

No âmbito do sistema tutelar educativo foram registadas três Medidas Tutelares Educativas (MTE), nomeadamente devido a crime de VD (0.5%), a outro(s) crime(s) violento(s) (0.5%) e a outro(s) crime(s) (0.5%). Foram também registadas duas Medidas Tutelares de Internamento (MTI) (0.9%). Contudo, 21 processos (9.9%) não disponham de informação referente às mesmas.

Relativamente aos antecedentes criminais associados ao sistema penal, 54 foram condenados/as anteriormente por prática de outro(s) crime(s) não violento(s) (25.5%), 30 por crime de VD (14.2%) e 16 por outro(s) crime(s) violento(s) (7.5%). Além disso, oito agressores/as devido a outro(s) crime(s) (3.8%) e quatro ofensores/as devido a crime de VD (incluindo o presente processo) (1.9%) cumpriram pena de prisão efetiva.

Foram ainda contabilizados oito processos com revogação de pena/medida na comunidade por VD (incluindo o presente processo) (3.8%) e três processos com revogação de pena/medida na comunidade por outro(s) crime(s) (1.4%). Porém, 10.8% dos processos não continham essa informação.

### **Características das Vítimas**

Para a caracterização da(s) vítima(s) foram selecionados somente os processos que apresentavam exclusivamente como vítima(s) o/a pai/padrasto/mãe/madrasta (*N* = 195).

Na maioria dos casos foram as mães que sofreram mais agressões (61.5%). De seguida, foram ambas as figuras parentais (21.5%) e, por fim os pais (16.4%). Na faixa etária entre os 65 anos ou mais, em 60.5% dos casos somente um progenitor foi vítima e em 17.4% ambas as figuras parentais sofreram VFP. Nos processos onde as vítimas tinham idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos, 20% apresentavam apenas uma vítima e em 2.6% ambos os progenitores eram vitimizados.

### **Características da VFP (Processo Atual)**

#### ***Tipos de Violência***

A violência emocional (90.1%) e a violência física (60.8%) foram os tipos de agressão mais mencionados nos processos (Tabela 9).

Tabela 9  
*Tipos de VFP (n=212)*

|                     | <i>n</i> | %    |
|---------------------|----------|------|
| Violência emocional | 191      | 90.1 |
| Violência social    | 25       | 11.8 |
| Violência física    | 129      | 60.8 |
| Violência económica | 64       | 30.2 |
| Perseguição         | 6        | 2.8  |
| Negligência         | 21       | 9.9  |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

#### ***Utilização e Tipo de Arma***

A utilização de uma arma por estes/as perpetradores/as apresentou duas finalidades, nomeadamente ameaçar a(s) vítima(s) e/ou agredir a(s) mesma(s). De acordo com os resultados obtidos, em 29 casos foi relatada a posse de arma para ameaçar a(s) vítima(s) (13.7%). Contudo, em 6 processos não existia informação relativamente a esta categoria (2.8%). Além disso, 9 processos identificaram a utilização de uma arma para agredir a(s) vítimas (4.2%). Em ambas as circunstâncias, a arma mais referida foi a arma branca.

#### ***Duração e Escalada da Violência***

A duração da violência com maior incidência foi de dois a seis anos (37.7%) (Tabela 10). Em relação à escalada da violência, esta foi verificada em 100 processos (47.2%), sendo que 15 casos não dispunham dessa informação (7.1%).

Tabela 10  
Duração da VFP (n=212)

|                |                  | n  | %    |
|----------------|------------------|----|------|
| Duração da VFP | Episódio isolado | 17 | 8    |
|                | Menos de 6 meses | 36 | 17   |
|                | 7 meses a 1 ano  | 42 | 19.8 |
|                | 2-6 anos         | 80 | 37.7 |
|                | 7-11 anos        | 15 | 7.1  |
|                | 12-25 anos       | 6  | 2.8  |
|                | 26-40 anos       | 1  | .5   |
|                | Sem informação   | 15 | 7.1  |

### ***Fatores de Motivação para a Violência***

Os fatores de motivação para a violência com maior prevalência foram o exercício do poder/controlo sobre a(s) vítima(s) (38.2%) e os ganhos materiais (36.3%) (Tabela 11).

Tabela 11  
Fatores de motivação para a perpetração da violência (n=212)

|                                                  | n  | %    |
|--------------------------------------------------|----|------|
| Exercer poder/controlo sobre a(s) vítima(s)      | 81 | 38.2 |
| Violência mútua                                  | 5  | 2.4  |
| Vingança                                         | 6  | 2.8  |
| Ganhos materiais                                 | 77 | 36.3 |
| Gestão financeira/problemas financeiros          | 54 | 25.5 |
| <i>Stress/burnout</i> do cuidador                | 10 | 4.7  |
| Práticas parentais desajustadas                  | 13 | 6.1  |
| Consumo de álcool pelo(a) agressor(a)            | 43 | 20.3 |
| Consumo de droga pelo(a) agressor(a)             | 16 | 7.5  |
| Presença de perturbação mental no(a) agressor(a) | 8  | 3.8  |
| Conflitos familiares                             | 7  | 3.3  |
| Sem motivo identificável                         | 54 | 25.5 |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

### ***Fatores de Manutenção da Violência***

A maioria dos/as agressores/as revelaram como fatores de manutenção da violência a impulsividade (69.8%), a vulnerabilidade da(s) vítima(s) devido a problemas

de saúde física (65.1%), a dependência do/a ofensor/a em relação à(s) vítima(s) (63.7%) e o consumo de álcool pelo/a agressor/a (60.8%) (Tabela 12).

Tabela 12

*Fatores de manutenção da perpetração da violência (n=212)*

|                                                                                                                            | <i>n</i> | <i>%</i> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|
| Consumo de álcool pelo(a) agressor(a)                                                                                      | 129      | 60.8     |
| Consumo de droga pelo(a) agressor(a)                                                                                       | 74       | 34.9     |
| Consumo de álcool pela(s) vítima(s)                                                                                        | 5        | 2.4      |
| Consumo de droga pela(s) vítima(s)                                                                                         | 2        | .9       |
| Crenças de legitimação do uso da violência por parte do(a) agressor(a)                                                     | 30       | 14.2     |
| Crenças de legitimação do uso da violência por parte da(s) vítima(s)                                                       | 3        | 1.4      |
| Impulsividade do(a) agressor(a)                                                                                            | 148      | 69.8     |
| Presença de perturbação mental no(a) agressor(a)                                                                           | 64       | 30.2     |
| Dependência do(a) agressor(a) em relação à(s) vítimas (económica, financeira ou para supressão das necessidades básicas)   | 135      | 63.7     |
| Dependência da(s) vítima(s) em relação ao/à agressor(a) (económica, financeira ou para supressão das necessidades básicas) | 22       | 10.4     |
| Vulnerabilidade da(s) vítima(s) devido a problemas de saúde física                                                         | 138      | 65.1     |
| Vulnerabilidade da(s) vítima(s) devido a problemas de saúde mental                                                         | 21       | 9.9      |
| Vulnerabilidade da(s) vítima(s) devido ao/à medo/vergonha                                                                  | 94       | 44.3     |
| Isolamento social/comunitário do(a) agressor(a)                                                                            | 1        | .5       |
| Isolamento social/comunitário da(s) vítima(s)                                                                              | 23       | 10.8     |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

### **Decisão Judicial (Processo Atual)**

#### ***Número Total de Crimes Cometidos***

No que diz respeito aos dados relativos ao número de crimes pelos quais o/a agressor/a foi condenado no processo atual, em 48.6% dos casos essa informação estava omissa. Ainda assim, os resultados demonstraram que a maioria dos/as ofensores/as cometeu apenas um crime (37.3%) ( $M = 1.5$ ;  $DP = 1.1$ ) com mínimo de um crime e máximo de nove.

#### ***Tipologia(s) de Crime(s) Cometidos***

Relativamente ao crime de VD, 48.6% da informação estava omissa, em todas as categorias. Não obstante, mediante a informação dos restantes processos, inseridos nesta

tipologia de crime, a alínea nº1d), que inclui a VFP, em 66 processos registou um crime (31.1%), em dois processos dois crimes (4.2%) e em um processo três crimes (0.5%). Também a alínea nº1c) que compreende os crimes cometidos contra a pessoa que tenha um filho em comum com o/a ofensor/a foi uma das práticas violentas com elevada incidência, uma vez que em 25 processos foi registado um crime (11.8%) e em dois processos foram assinalados dois crimes (0.9%). Nas restantes alíneas pertencentes ao artigo 152º do CP, em oito processos foi identificado um crime relativo à alínea nº2 (3.8%), em quatro processos foi mencionado um crime associado à alínea nº1a) (1.9%) e em um processo foi registado um crime relacionado à alínea nº1b) (0.5%).

Além disso foram ainda identificadas outras tipologias de crimes pelas quais os/as ofensores/as foram condenados no processo atual, nomeadamente o crime de ameaça/ameaça agravada (2.8%), o crime de injúria/injúria agravada (1.4%), crime de ofensa à integridade física simples/qualificada (0.9%), crime de violação de imposições, proibições ou interdições (0.9%) e crime de evasão/extorsão (0.9%). Os restantes crimes registados – crime de resistência e coação sobre funcionário, crime de abuso de confiança, detenção de arma proibida, coação agravada, crime de desobediência qualificada e homicídio simples na forma tentada – apresentaram uma incidência de 0.5%.

### ***Pena/Medida Atual e a sua Duração***

A suspensão da pena com regime de prova foi a medida aplicada mais frequente (61.3%). Outras medidas aplicadas foram a suspensão provisória do processo (29.7%), a suspensão da pena com regras de conduta (7.5%) e a liberdade condicional (1.4%).

No que concerne à duração das medidas aplicadas, a maioria foi de dois a cinco anos (70.3%). As restantes foram inferiores a dois anos (29.2%), sendo que em um processo não constava essa informação (0.5%).

### ***Condições Judicialmente Impostas***

Relativamente às condições judicialmente impostas, à maioria dos/as ofensores/as foi aplicada a obrigação de tratamento médico ou cura em instituição adequada (74.5%). Também com uma elevada expressão foram identificadas a obrigação de frequência de programas de prevenção da violência doméstica (sem outra especificação) (31.1%) e a proibição do consumo de bebidas alcoólicas/substâncias facilitadoras da prática de crimes (31.1%) (Tabela 13).

Tabela 13  
*Condições/Injunções judicialmente impostas (n=212)*

|                                                                                                                         | <i>n</i> | <i>%</i> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|
| Efetuar prestação de serviço de interesse público/trabalho a favor da comunidade                                        | 20       | 9.4      |
| Obrigação de frequência de programas de prevenção da violência doméstica (especificamente PAVD <sup>(a)</sup> /Contigo) | 4        | 1.9      |
| Obrigação de frequência de programas de prevenção da violência doméstica (sem outra especificação)                      | 66       | 31.1     |
| Obrigação de frequência de programa de treino de competências parentais                                                 | 3        | 1.4      |
| Sujeição a tratamento médico ou cura em instituição adequada                                                            | 158      | 74.5     |
| Não consumir bebidas alcoólicas/substâncias facilitadoras da prática de crimes                                          | 66       | 31.1     |
| Não frequentar certos meios ou lugares                                                                                  | 16       | 7.5      |
| Não acompanhar, alojar ou receber determinadas pessoas                                                                  | 7        | 3.3      |
| Proibição de contacto com a(s) vítima(s) (sem fiscalização com VE <sup>(b)</sup> )                                      | 46       | 21.7     |
| Proibição de contacto com a(s) vítima(s) (fiscalizado com VE <sup>(b)</sup> )                                           | 23       | 10.8     |
| Residir em determinado lugar                                                                                            | 20       | 9.4      |
| Entregar ao Estado ou a IPSS <sup>(c)</sup> determinada quantia                                                         | 6        | 2.8      |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

<sup>(a)</sup> PAVD – Programa para Agressores de Violência Doméstica; <sup>(b)</sup> VE – Vigilância Eletrónica; <sup>(c)</sup> IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

### ***Pena(s) Acessória(s)***

A proibição de contacto com a(s) vítima(s) (fiscalizado com VE) (13.7%) e a obrigação de frequência de programas de prevenção da violência doméstica (sem outra especificação) (11.3%) foram as penas acessórias com maior incidência (Tabela 14).

Tabela 14  
*Pena(s) Acessória(s) (n=212)*

|                                                                                                                        | <i>n</i> | <i>%</i> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|
| Obrigação de frequência de programas de prevenção da violência doméstica (especificamente PAVD/Contigo) <sup>(a)</sup> | 3        | 1.4      |
| Obrigação de frequência de programas de prevenção da violência doméstica (sem outra especificação) <sup>(b)</sup>      | 24       | 11.3     |
| Proibição de contacto com a(s) vítima(s) (fiscalizado com VE <sup>(c)</sup> ) <sup>(b)</sup>                           | 29       | 13.7     |

|                                                      | <i>n</i> | %   |
|------------------------------------------------------|----------|-----|
| Proibição de uso e porte de arma <sup>(d)</sup>      | 6        | 2.8 |
| Inibição do poder paternal, da tutela ou da curatela | 2        | .9  |

*Nota.* As categorias não são mutuamente exclusivas.

<sup>(a)</sup> Em dois processos não existia informação (0.9%); <sup>(b)</sup> Em três processos não existia informação (1.4%); <sup>(c)</sup> VE – Vigilância Eletrônica; <sup>(d)</sup> Em oito processos não existia informação (3.8%)

### ***Incumprimentos da Pena/Medida Atual***

A maioria dos/as ofensores/as não apresentou incumprimentos da pena/medida do presente processo (74.5%). Somente em 51 casos foram registados incumprimentos (24.1%) e três processos não continham essa informação (1.4%).

### **Caracterização da Intervenção após Condenação**

#### ***Participação do/a Agressor/a em Programas Dirigidos à VD***

No âmbito do processo atual, em 11 processos foi registada a participação dos/as agressores/as em programas dirigidos à VD ministrado ou indicado pela DGRSP (5.2%), sendo que três processos não dispunham dessa informação.

No que diz respeito a processo(s) anterior(es), somente foram identificados dois processos com registo de participação dos/as ofensores/as em programas dirigidos à VD ministrado ou indicado pela DGRSP (0.9%), sendo que em quatro casos não constava essa informação (1.9%).

#### ***Grau de Intervenção/Supervisão do Agressor***

O grau de intervenção decorre do nível de risco do/a agressor/a avaliado/a com o *Level of Service/Case Management Inventory* (LS/CMI, Andrews, et al., 2004). De acordo com os resultados obtidos na avaliação de risco é estabelecido um grau de intervenção. Aos níveis de risco muito baixo e baixo corresponde o grau de intervenção mínimo. Quando o resultado da avaliação de risco obtém um valor médio, também o nível de intervenção será médio. No nível de risco médio-alto é atribuído o grau de intervenção alto e ao nível de risco muito alto corresponde o nível de intervenção intensivo.

Relativamente aos resultados obtidos, o grau de intervenção com maior incidência foi o médio (16.5%) (Tabela 15).

Tabela 15  
*Grau de intervenção da DGRSP (n=80)*

|        | <i>n</i> | %    |
|--------|----------|------|
| Mínimo | 24       | 11.3 |

|            | <i>n</i> | %    |
|------------|----------|------|
| Médio      | 35       | 16.5 |
| Médio-alto | 16       | 7.5  |
| Intensivo  | 5        | 2.4  |

*Nota.* Em 132 processos não foi efetuada avaliação de risco (62.3%).

#### ***Atitudes do/a Agressor/a Face à Intervenção***

A maioria dos/as ofensores/as manifestaram atitudes positivas face à intervenção (71.2%), bem como apresentaram motivação para iniciar ou manter programa/tratamento (64.6%), reconheceram que têm um problema/necessita de ajuda (60.4%) e como justa a condenação/decisão ou as obrigações impostas (59.4%).



## Discussão

O fenómeno da VFP deriva de uma relação perturbada entre pais e filhos, uma vez que ocorre uma subversão da hierarquia familiar. Os dados estatísticos internacionais e nacionais indicam taxas de prevalência com tendências crescentes, evidenciando a necessidade do desenvolvimento de respostas adequadas. Contudo, em Portugal ainda não existem protocolos de intervenção direcionados e estruturados para a VFP.

Esta investigação teve como finalidade caracterizar uma amostra portuguesa de ofensores/as que cometeram VFP, nomeadamente através da caracterização dos/as agressores/as de VFP e respetivas vítimas, da descrição do(s) tipo(s) de violência praticados, da verificação dos fatores que motivaram e facilitaram a VFP, da análise dos dados relativos à decisão judicial e da caracterização da intervenção após a condenação.

Os resultados obtidos demonstram que a problemática da VFP é transversal a outras faixas etárias que habitualmente não são alvo de estudo, não sendo limitativa à fase da adolescência, uma vez que no presente estudo, a maioria dos agressores são do sexo masculino com idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos, com baixas habilitações literárias, solteiros e desempregados. Estes tendencialmente coabitam com a sua família de origem (i.e., progenitores) ou vivem sozinhos.

Relativamente às vítimas de VFP, a maior parte está na faixa etária dos 65 anos ou mais, sendo que as mães foram as mais vitimizadas. Embora as idades das mesmas sejam superiores às de outras investigações, dado que os/as perpetradores também apresentam essa característica, o sexo feminino, tal como na VFP praticada pelos/as adolescentes, é o que sofre mais agressões (e.g., Calvete & Orue, 2016; Margolin & Baucom, 2014; Rico et al., 2017).

O desenvolvimento físico, psicológico e social destes/as agressores/as ocorreu num contexto familiar marcado pela exposição à violência familiar, negligência e abusos físicos e psicológicos. Este ambiente remete para a vivência de experiências adversas na infância, que estão intimamente relacionadas com o crescimento inadequado de um indivíduo (Mello et al., 2009), visto que estas facilitam o surgimento de problemas de internalização (e.g., depressão, ansiedade) e de externalização (e.g., agressividade) que poderão perdurar até à idade adulta (Lansford et al., 2002; Manly et al., 2001). Tendo em consideração diversos estudos prévios efetuados com jovens que praticaram VFP, estes também referem a exposição e/ou vitimação direta a violência familiar como um forte preditor para as agressões dirigidas aos progenitores (e.g.,

Beckmann et al., 2021; Cano-Lozano et al., 2023), comprovando que as experiências negativas na infância provocam um grande impacto no crescimento de um indivíduo. Assim sendo, de acordo os resultados obtidos, salienta-se a importância de uma parentalidade pautada pela utilização de práticas educativas adequadas e de um contexto familiar marcado pela comunicação assertiva, respeito mútuo, afeto, interesse, apoio emocional e transmissão de regras, valores e normas (Ibabe & Bentler, 2016; Jiménez et al., 2019; Martínez-Ferrer et al., 2018).

As sintomatologias psicopatológicas com maior incidência nesta população são as perturbações de ansiedade e as perturbações do humor, tal como evidenciado em investigações com jovens que cometeram VFP (e.g., Cuervo, 2021; Suárez-Relinque et al., 2020). Em contrapartida, salienta-se que na maioria dos processos não existem dados referentes ao diagnóstico de perturbações da personalidade. Esta lacuna na informação evidencia a necessidade da realização de mais relatórios psicológicos/psiquiátricos para identificar quais as problemáticas do foro psicológico presentes nestes/as ofensores/as, de modo a contribuir para uma intervenção estruturada e especializada.

Uma parte significativa da amostra está em fase ativa do consumo de substâncias lícitas e ilícitas, sendo que o álcool é a substância mais consumida, possivelmente devido ao fácil acesso. Não obstante, a maioria está em acompanhamento terapêutico focalizado nos comportamentos aditivos. Estes resultados indicam um padrão distinto no abuso de substâncias, visto que os jovens que perpetram VFP apresentam um histórico de elevado consumo de drogas (e.g., Carrasco et al., 2018; Ibabe et al., 2013).

A maioria dos/as ofensores/as apresentam atitudes positivas face à violência, uma vez que negam os episódios violentos, minimizam o dano provocado às vítimas e desresponsabilizam-se/atribuem a ocorrência da violência a fatores externos ou às vítimas. Estas características são típicas na população forense (Hutchings et al., 2010), pois não consideram que os comportamentos agressivos praticados sejam problemáticos (Manita, 2008). Contudo, neste estudo destaca-se a presença do elevado sentido crítico face aos crimes cometidos, sendo este um resultado contraditório mediante o contexto proveniente da amostra. Não obstante, a presença deste aspeto é um critério fundamental para a eficácia da integração num programa/protocolo de intervenção, visto que demonstra uma maior predisposição para a mudança do comportamento violento.

Esta população não revela antecedentes criminais consideráveis no que diz respeito ao cumprimento de MTE, sendo que muitos processos não dispõem dessa

informação impossibilitando contabilizar com precisão esses dados. Contudo, no âmbito do sistema penal, de acordo com a informação disponível salienta-se a condenação/medida anterior devido a outros crimes não violentos e devido ao crime de VD. Ainda nesse contexto, somente uma pequena proporção cumpriu pena de prisão efetiva por outros crimes e por crime de VD (incluindo presente processo), sendo que estas categorias não são mutuamente exclusivas.

Em relação à violência perpetrada, esta tendencialmente perdura entre dois e seis anos aumentando a sua gravidade e frequência. Os tipos de violência com maior incidência são a violência emocional, seguida da violência física, sendo que estes podem ocorrer em simultâneo. Estas características estão intrinsecamente associadas à coabitação com as vítimas, uma vez que facilita o acesso às mesmas permitindo a continuação e escalada da violência ao longo do tempo.

A utilização de arma para a prática da VFP é uma característica com pouca expressão nesta população de agressores/as, sendo que somente uma minoria dos/as mesmos usou uma arma para perpetrar as ameaças e/ou as agressões aos progenitores. Nos casos em que o/a ofensor/a utilizou uma arma, esta era uma arma branca.

As motivações com maior incidência para o surgimento das agressões são a obtenção de poder/controlo sobre as vítimas, os ganhos materiais (i.e., o uso indevido dos recursos financeiros de terceiros) e os problemas associados à gestão financeira. Estes resultados demonstram que, nesta investigação, as principais motivações para VFP são do tipo instrumental, uma vez que os/as agressores utilizam a violência para alcançar um determinado benefício (e.g., dinheiro). Salienta-se também que a ocorrência de bidirecionalidade da violência, muito relatada por jovens que cometeram VFP (e.g., Kennedy et al., 2010), neste estudo não revela uma elevada expressão.

A continuação desta violência ocorre devido a aspetos que facilitam a mesma. De acordo com os resultados obtidos, os/as agressores apresentam elevados níveis de impulsividade e são economicamente dependentes das suas figuras parentais. Também a vulnerabilidade das vítimas devido a problemas de saúde física e o medo/vergonha de denunciar a violência permitem a manutenção do comportamento violento dos seus descendentes. Além disso, salienta-se a presença do consumo abusivo de álcool por parte dos/as agressores/as tanto para a motivação como para manutenção da VFP, o que revela a emergência na prevenção e intervenção focalizada nesta problemática.

Relativamente ao processo atual, estes/as agressores/as, na sua maioria cometeram um crime. A tipologia com maior prevalência foi a VD, especificamente, a

alínea nº1d), que inclui a VFP, e a alínea nº1c) que compreende os crimes cometidos contra a pessoa que tenha um filho em comum com o/a ofensor/a, ou seja, para além das agressões direcionadas aos seus progenitores, esta população também demonstra uma tendência para cometer atos violentos no contexto das relações de intimidade.

A medida mais aplicada é a suspensão da pena com regime de prova, com uma duração de dois a cinco anos, sendo que a maioria dos/as agressores/as não revelou incumprimentos da mesma. A uma parte significativa da amostra foi imposta a obrigação de tratamento médico ou cura em instituição adequada. Também a proibição do consumo de bebidas alcoólicas/substâncias facilitadoras da prática de crimes e a proibição de contacto com as vítimas (sem fiscalização com VE) são condições judicialmente impostas bastante aplicadas. A proibição de contacto com as vítimas (fiscalizado com VE) é a pena acessória com maior incidência.

A obrigação de frequência de programas de prevenção da VD é mencionada tanto como condição judicialmente imposta como pena acessória. Estes resultados estão em conformidade com o previsto no artigo 152º, uma vez que este decreta a obrigação de aplicação desta medida. Contudo, os dados relativos à participação dos/as agressores/as neste tipo de programas ministrados ou indicados pela DGRSP, no âmbito de processo(s) anterior(es) e no processo atual, revelam baixas taxas de participação nos mesmos. Deste modo, nesta investigação, o sistema de justiça português atuou de acordo com o estipulado pela lei, no entanto, a implementação dessas medidas específicas para a VD, que permitem a reintegração e ressocialização dos/as agressores/as ainda são escassas, o que revela a importância de desenvolver uma resposta e conhecer bem a população-alvo. Não obstante, tal como verificado acima, são aplicadas outras imposições de forma a dar resposta às necessidades destes/as agressores/as e a assegurar a proteção e segurança das respetivas vítimas.

No que concerne à intervenção após a condenação, na maioria dos processos não foi efetuada avaliação de risco, por isso foi aplicado o grau de intervenção médio, por defeito. A uma parte significativa dos/as ofensores/as não se aplicava a realização da avaliação de risco. Em outros processos, ainda com uma incidência significativa, o grau de intervenção foi médio (após efetuar a avaliação de risco), bem como foram registados casos com grau de intervenção mínimo. De acordo com os resultados obtidos, destaca-se a falta de realização de avaliações de risco por parte dos serviços de reinserção social. Esta lacuna não permite compreender aprofundadamente as

necessidades criminógenas dos/as ofensores/as impossibilitando o aumento da eficácia na intervenção.

Face à intervenção, os/as agressores/as manifestam atitudes positivas ao apresentar motivação para iniciar ou manter a participação num programa/tratamento e ao reconhecerem como justas as obrigações impostas e que necessitam de ajuda. Porém é necessário avaliar estes resultados com precaução, visto que a intervenção em contexto forense revela algumas especificidades (Manita, 2008). Frequentemente, nesta população a motivação para a mudança é baixa (Geffner & Rosenbaum, 2011), dado que a maioria dos/as ofensores/as não perceciona a violência exercidas sobre os outros como um comportamento desviante. Além disso, a integração num programa de intervenção, no âmbito do sistema de justiça, poderá ser compreendida como favorável para a determinação ou redução da pena/medida a cumprir. Contudo, embora a intervenção junto desta população seja um desafio, a generalização destes aspetos é inviável, uma vez que é possível que os/as agressores/as desenvolvam sentido crítico e se sintam motivados para modificar o seu comportamento (Manita, 2008).

### **Implicações Práticas**

Em contexto nacional, a falta de reconhecimento da VFP, assim como a inexistência de respostas específicas e estruturadas para esta problemática é uma forte lacuna na intervenção junto destes/as ofensores/as. Embora a VFP seja considerada uma vertente específica da VD, esta apresenta aspetos distintos ao nível do/a ofensor/a, da(s) vítima(s) e das dinâmicas envolventes.

Na elaboração de uma intervenção direcionada para adultos que praticam VFP, ainda que se possa recorrer aos protocolos internacionais já existentes, deve-se considerar que a dinâmicas progenitores-descendente adulto difere da relação entre progenitores-descente adolescente, uma vez que o/a perpetrador/a adulto está fisicamente, psicologicamente e socialmente desenvolvido (i.e., as alterações que ocorrem na fase da adolescência estão estabilizadas) e as figuras parentais desempenham um papel distinto na vida do(s) seu(s) descendente(s). Embora existam semelhanças nas necessidades de intervenção entre jovens e adultos que cometem VFP (e.g., gestão e autocontrolo emocional), destacam-se algumas diferenças ao nível do funcionamento familiar (e.g., vulnerabilidade/dependência da vítima devido a problemas de saúde física), bem como ao nível de fatores pessoais (e.g., consumo abusivo de álcool). Na sua maioria, os protocolos e programas de intervenção existentes

têm como alvo a família e o/a jovem agressor/a, simultaneamente (Pereira, 2011), sendo que indicam como objetivos desmistificar o medo e/ou a vergonha sentida pelos progenitores, aconselhar e promover ambientes familiares positivos e utilizar práticas parentais adequadas, proporcionar estratégias de resolução de conflitos e aumentar o autocontrolo e empatia dos/as jovens agressores/as (O'Hara et al., 2017).

De acordo com os resultados do presente estudo, a intervenção estruturada e especializada na VFP, dirigida a populações forenses adultas deve ser focalizada na reestruturação das crenças, distorções cognitivas e atitudes positivas face à violência procurando responsabilizar e consciencializar os/as perpetradores relativamente aos atos violentos cometidos e ao dano provocado à(s) vítima(s), alertar para os perigos do consumo abusivo de álcool e promover o abandono desses comportamentos aditivos, bem como fornecer estratégias eficazes para a resolução saudável de conflitos e a gestão e autocontrolo das emoções. Paralelamente, a formação dos técnicos e profissionais do sistema de justiça, específica para a VFP, é fundamental para a expansão do conhecimento das características, consequências e implicações jurídicas associadas e para o aumento da eficácia dos programas/protocolos de intervenção, de modo a possibilitar a reeducação, reintegração e ressocialização destes/as agressores/as.

### **Limitações no Estudo Empírico e Necessidades de Estudos Futuros**

Este estudo empírico revelou algumas limitações. A impossibilidade da realização de consulta processual e da recolha direta dos dados poderá ter facilitado a perda de informação. A grelha de caracterização utilizada apresentou falhas ao nível do preenchimento (e.g., número total de crimes cometidos, tipologia dos crimes, sintomatologia física e/ou mental) impedindo a compreensão exata do fenómeno da VFP e características associadas. Além disso, as idades dos/as agressores/as foram calculadas através da diferença entre a data de trânsito em julgado e a data de nascimento do mesmo, de modo a obter a idade aproximada à data dos factos, o que pode causar imprecisão quanto à mesma. Contudo, a presente investigação científica permitiu clarificar as características dos/as ofensores/as portugueses de VFP de modo identificar as áreas problemáticas e as necessidades específicas dos mesmos, assim como possibilitou identificar as respostas jurídicas com maior prevalência e as lacunas no sistema de justiça português ao nível da intervenção após a condenação.

No âmbito do estudo científico da VFP, seria pertinente em futuras investigações a caracterização dos/as agressores/as a cumprir medidas privativas da liberdade, bem

como a comparação entre populações forenses (i.e., ofensores/as a cumprir penas/medidas na comunidade e ofensores a cumprir medidas privativas da liberdade). Também, devido à idade dos/as agressores/as e da(s) vítima(s), seria relevante realizar o cruzamento dos dados relativos à VFP cometida por adultos e os dados associados à violência contra idosos. Além disso, visto que já foram desenvolvidos instrumentos específicos para a VFP, seria importante a sua validação para a população portuguesa. Por fim, o desenvolvimento de programas e protocolos estruturados seria crucial para a prevenção do risco de reincidência dos/as agressores/as.





## Referências

- Andrews, D., Bonta, J., & Wormith, S. (2004). *The Level of Service/Case Management Inventory (LS/CMI)*. Multi-Health Systems.
- Aricak, O. T., & Ozbay, A. (2016). Investigation of the relationship between cyberbullying, cybervictimization, alexithymia and anger expression styles among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 55, 278-285.  
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.09.015>
- Arnosó, A., Ibabe, I., Elgorriaga, E., & Asla, N. (2021). Evaluación de la eficacia a corto y medio plazo del programa de intervención precoz en situaciones de violencia filio-parental. *Anuario de Psicología Jurídica*, 31(1), 109-117.  
<https://doi.org/10.5093/apj2021a11>
- Aroca-Montolío, C., Lorenzo-Moledo, M., & Miró-Pérez, C. (2014). La violencia filio-parental: Un análisis de sus claves. *Anales de Psicología*, 30(1), 157-170.  
<https://doi.org/10.6018/analesps.30.1.149521>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2017). *Crimes de violência doméstica: Violência filio-parental 2013-2017*.  
[https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Estatisticas\\_APAV\\_VD\\_Violencia\\_Filioparental\\_2013\\_2017.PDF](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_VD_Violencia_Filioparental_2013_2017.PDF)
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2020). *Folha informativa: Violência filio-parental*. [https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/FI\\_VFP\\_2020.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FI_VFP_2020.pdf)
- Beckmann, L. (2021). Additive and interactive effects of victimization on adolescent aggression across social settings. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(15-16), 1-28. <https://doi.org/10.1177/0886260519845716>
- Bertino L., & Pereira, R. (2010). Los hijos que agreden a sus padres. La actitud del profesional de atención primaria. *Formación Médica Continuada en Atención Primaria*, 17(1), 39-47.
- Bertino, L., Calvete, E., Pereira, R., Orue, I., & Montes, Y. (2011). El prisma de la violencia filio-parental: Diferentes visiones de un mismo fenómeno. In R. Pereira (Ed.). *Adolescentes en el Siglo XXI: Entre Impotencia, Resiliencia y Poder*. Ediciones Morata.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. (V. L. B. de Souza & I. Rizzini, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953).
- Boxer, P., Gullan, R. L., & Mahoney, A. (2009). Adolescents' physical aggression toward parents in a clinic-referred sample. *Journal of Clinical Child &*

*Adolescent Psychology*, 38(1), 106-116.

<https://doi.org/10.1080/15374410802575396>

Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Harvard University Press.

[https://khoerulanwarbk.files.wordpress.com/2015/08/urie\\_bronfenbrenner\\_the\\_ecology\\_of\\_human\\_developbokos-z1.pdf](https://khoerulanwarbk.files.wordpress.com/2015/08/urie_bronfenbrenner_the_ecology_of_human_developbokos-z1.pdf)

Caldwell, M. F. & Rybroek, G. (2013). Effective treatment programs for violent adolescents: Programmatic challenges and promising features. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 571-578. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2013.06.004>

Calvete, E. (2007). Justification of violence beliefs and social problem-solving as mediators between maltreatment and behavior problems in adolescents. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(1), 131-140.

<https://dx.doi.org/10.1017/S1138741600006399>

Calvete, E., Orue, I., & Sampedro, R. (2011). Violencia filio-parental en la adolescencia: Características ambientales y personales. *Infancia y Aprendizaje*, 34(3), 349-363. <https://doi.org/10.1174/021037011797238577>

Calvete, E., Orue, I., & Gámez-Guadix, M. (2013). Child-to-parent violence: Emotional and behavioral predictors. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(4), 755-772. <https://doi.org/10.1177/0886260512455869>

Calvete, E., Orue, I., Bertino, L., Gonzalez, Z., Montes, Y., Padilla, P., & Pereira, R. (2014). Child-to-parent violence in adolescents: The perspectives of the parents, children, and professionals in a sample of Spanish focus group participants. *Journal of Family Violence*, 29, 343-352. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9578-5>

Calvete, E., Orue, I., Gámez-Guadix, M., Del Hoyo-Bilbao, J., & de Arroyabe, E. L. (2015a). Child-to-parent violence: An exploratory study of the roles of family violence and parental discipline through the stories told by Spanish children and their parents. *Violence and Victims*, 30(6), 935-947.

<https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00105>

Calvete, E., Orue, I., & Gámez-Guadix, M. (2015b). Reciprocal longitudinal associations between substance use and child-to-parent violence in adolescents. *Journal of Adolescence*, 44, 124-133.

<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.07.015>

- Calvete, E., Orue, I., Gámez-Guadix, M., & Bushman, B. J. (2015). Predictors of child-to-parent aggression: A 3-year longitudinal study. *Developmental Psychology*, 51(5), 663-676. <https://doi.org/10.1037/a0039092>
- Calvete, E., & Orue, I. (2016). Violencia filio-parental: Frecuencia y razones para las agresiones contra padres y madres. *Psicología Conductual*, 24(3), 481-495.
- Calvete, E., Orue, I., González-Cabrera, J. (2017). Violencia filio parental: Comparando lo que informan los adolescentes y sus progenitores. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 4(1), 9-15.
- Calvete, E., Orue, I., Fernández-González, L., Chang, R., & Little, T. D. (2020). Longitudinal trajectories of child-to-parent violence through adolescence. *Journal of Family Violence*, 35, 107-116. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00106-7>
- Cano-Lozano, M. C., Rodríguez-Díaz, F. J., León, S. P., & Contreras, L. (2020). Analyzing the relationship between child-to-parent violence and perceived parental warmth. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.590097>
- Cano-Lozano, M. C., Navas-Martínez, M. J., & Contreras, L. (2021). Child-to-parent violence during confinement due to COVID-19: Relationship with other forms of family violence and psychosocial stressors in Spanish youth. *Sustainability*, 13(20), 1-17. <https://doi.org/10.3390/su132011431>
- Cano-Lozano, M. C., Contreras, L., Navas-Martínez, M. J., León, S. P., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2023). Child-to-parent violence offenders (specialists vs. generalists): The role of direct victimization at home. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 15(1), 9-22. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2023a2>
- Carrasco, N., García, J., & Zaldívar, F. (2018). Diferencias asociadas a la violencia filio-parental en función del tipo de familia (“normalizadas” vs “en riesgo”) y parentesco de la víctima. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 5(3), 30-35.
- Castañeda, A., Garrido-Fernández, M., & Lanzarote, M. D. (2012). Menores con conducta de maltrato hacia los progenitores: Un estudio de personalidad y estilos de socialización. *Revista de Psicología Social*, 27(2), 157-167. <https://doi.org/10.1174/021347412800337933>

- Chapple, C. L., Tyler, K. A., & Bersani, B. E. (2005). Child neglect and adolescent violence: Examining the effects of self-control and peer rejection. *Violence and Victims*, 20(1), 39-53. <https://doi.org/10.1891/vivi.2005.20.1.39>
- Cerezo, F., & Ato, M. (2010). Social status, gender, classroom climate and bullying among adolescent's pupils. *Annals of Psychology*, 26(1), 137-144.
- Condry, R., & Miles, C. (2014). Adolescent to parent violence: Framing and mapping a hidden problem. *Criminology & Criminal Justice*, 14(3), 257-275. <https://doi.org/10.1177/1748895813500155>
- Coogan, D. (2018). *Child-to-Parent Violence and Abuse: Family Interventions with Non-Violent Resistance*. Jessica Kingsley Publishers.
- Contreras, L., Bustos-Navarrete, C., & Cano-Lozano, M. C. (2019). Child-to-parent violence questionnaire (CPV-Q): Validation among Spanish adolescents. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 19(1), 67-74. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2018.09.001>
- Contreras, L., & Cano, M. C. (2015). Exploring psychological features in adolescents who assault their parents: A different profile of young offenders?. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 26(2), 224-241. <https://doi.org/10.1080/14789949.2015.1004634>
- Cottrell, B. (2001). *Parent Abuse: The Abuse of Parents by Their Teenage Children*. National Clearinghouse on Family Violence. [https://canadiancrc.com/pdfs/parent\\_abuse-abuse\\_of\\_parents\\_by\\_their\\_teenage\\_children\\_2001.pdf](https://canadiancrc.com/pdfs/parent_abuse-abuse_of_parents_by_their_teenage_children_2001.pdf)
- Cottrell, B., & Monk, P. (2004). Adolescent-to-parent abuse: A qualitative overview of common themes. *Journal of Family Issues*, 25(8), 1072-1095. <https://doi.org/10.1177/0192513X03261330>
- Cuervo, K., Palanques, N., & Busquets, M. D. P. (2017). Trayectoria delictiva y factores de riesgo de los menores que ejercen violencia filioparental. *Revista Sobre la Infancia y la Adolescencia*, 13, 1-14. <https://doi.org/10.4995/reinad.2017.6503>
- Cuervo, K. (2021). A deeper understanding of child to parent violence (CPV): Personal traits, family context, and parenting. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 67(10-11), 1079-1105. <https://doi.org/10.1177/0306624X211065588>

- Cuervo, K., & Palanques, N. (2022). Risk and protective factors in child-to-parent violence: A study of the YLS/CMI in a Spanish juvenile court. *Journal of Child and Family Studies*, 31(6), 1707-1723. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02295-0>
- Decreto-Lei n.º 48/95, de 15 de março. *Diário da República n.º 63/1995, Série I-A*. Ministério da Justiça. Lisboa. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675-124530430>
- Del Hoyo-Bilbao, J., Gámez-Guadix, M., Orue, I., & Calvete, E. (2018). Psychometric properties of the Child-to-Parent Aggression Questionnaire in a clinical sample of adolescents who abuse their parents: Prevalence and gender differences. *Violence and Victims*, 33(2), 203-217. <https://doi.org/1891/0886-6708.v33.i2.166>
- Del Moral, G., Suárez, C., Villarreal, M. E., & Musitu, G. (2014). Tipos de víctimas agresivas en situaciones de bullying en Educación Secundaria. *Infancia y Aprendizaje*, 37(2), 399-428. <https://doi.org/10.1080/02103702.2014.918816>
- Del Moral Arroyo, G., Martínez-Ferrer, B., Suárez-Relinque, C., Ávila Guerrero, M., & Jiménez, J. A. (2015). Teorías sobre el inicio de la violencia filio-parental desde la perspectiva parental: Un estudio exploratorio. *Pensamiento Psicológico*, 13(2), 95-107. <https://doi.org/10.11144/Javerianacali.PPSI13-2.tivf>
- Elliott, G. C., Cunningham, S. M., Colangelo, M., & Gelles, R. J. (2011). Perceived mattering to the family and physical violence within the family by adolescents. *Journal of Family Issues*, 32(8), 1007-1029. <https://doi.org/10.1177/0192513X11398932>
- Erostarbe, I. I., Martínez, A. A., & Astondoa, E. E. (2018). Programas de intervención destacados en violencia filio-parental: Descripción de un programa innovador de intervención precoz. *Papeles del Psicólogo*, 39(3), 208-217.
- Ertan, D., El-Hage, W., Thierree, S., Javelot, H., & Hingray, C. (2020). COVID-19: Urgency for distancing from domestic violence. *European Journal of Psychotraumatology*, 11(1), 1-7. <https://doi.org/10.1080/20008198.2020.1800245>
- Estévez, E., & Góngora, J. (2009). Adolescent Aggression Towards Parents: Factors Associated and Intervention Proposals. In C. Quin & S. Tawse (Eds.), *Handbook of Aggressive Behavior Research* (143-164). <https://www.uv.es/lisis/estevez/nova.pdf>

- Falcke, D. (2020). Avaliação Psicológica na Violência Intrafamiliar. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, C. M. Trentini, A. L. R. Rovinski, V. M. Lago (Eds.), *Avaliação Psicológica no Contexto Forense*. Artmed.
- Farrington, D. P., Loeber, R., & Ttofi, M. M. (2012). Risk and Protective Factors for Offending. In D. P. Farrington & B. C. Welsh (Eds.), *The Oxford Handbook of Crime Prevention* (46-69). Oxford University Press.
- Ferreto, E., & Romero, T. (2009). *Modelo Ecológico para una Vida Libre de Violencia de Género en Ciudades Seguras: Propuesta Conceptual*. Comisión Nacional para Prevenir y Erradicar la Violencia contra las Mujeres.  
<http://cedoc.inmujeres.gob.mx/lgamv/v/MoDecoFinalPDF.pdf>
- Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2012). Violencia filioparental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos. *Psicothema*, 24(2), 277-283.
- Gámez-Guadix, M., Almendros, C., Carrobbles, J. A., & Muñoz-Rivas, M. (2012a). Interparental violence and children's long-term psychosocial adjustment: The mediating role of parenting practices. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 145-155. [https://doi.org/10.5209/rev\\_SJOP.2012.v15.n1.37299](https://doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n1.37299)
- Gámez-Guadix, M., Jaureguizar, J., Almendros, C., & Carrobbles, J. A. (2012b). Estilos de socialización familiar y violencia de hijos a padres en población española. *Psicología Conductual*, 20(3), 585.
- Gallagher, E. (2004). Parents victimised by their children. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 25(1), 1-12.  
<https://doi.org/10.3316/INFORMIT.425453300542635>
- Gallego, R., Novo, M., Fariña, F., & Arce, R. (2019). La violencia de los hijos hacia los padres y de los padres hacia los hijos: Una revisión metaanalítica. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(2), 51-59.  
<https://dx.doi.org/10.5093/ejpalc2019a4>
- Geffner, R. A., & Rosenbaum, A. (2001). *Domestic Offenders: Current Interventions, Research, and Implications for Polices and Standards*. The Haworth Press.
- González-Álvarez, M., Gesteira, C., Fernández-Arias, I., & García-Vera, M. P. (2010). Adolescentes que agreden a sus padres. Un análisis descriptivo de los menores agresores. *Psicopatología Clínica, Legal y Forense*, 10, 37-53.

- Harbin, H. T., & Madden, D. J. (1979). Battered parents: A new syndrome. *American Journal of Psychiatry*, 136(10), 1288-1291.  
<https://doi.org/10.1176/ajp.136.10.1288>
- Heide, K. M., & Petee, T. A. (2007). Parricide: An empirical analysis of 24 years of US data. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(11), 1382-1399.  
<https://doi.org/10.1177/0886260507305526>
- Holt, A. (2016). Adolescent-to-parent abuse as a form of “domestic violence”: A conceptual review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 17(5), 490-499.  
<https://doi.org/10.1177/1524838015584372>
- Holt, A., & Retford, S. (2013). Practitioner accounts of responding to parent abuse: A case study in ad hoc delivery, perverse outcomes, and a policy silence. *Child & Family Social Work*, 18(3), 365-374. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2012.00860.x>
- Holt, A., & Shon, P. C. (2018). Exploring fatal and non-fatal violence against parents: Challenging the orthodoxy of abused adolescent perpetrators. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 62(4), 915-934.  
<https://doi.org/10.1177/0306624X16672444>
- Hutchings, J. N., Gannon, T. A., & Gilchrist, E. (2010). A preliminary investigation of a new pictorial method of measuring aggression-supportive cognition among young aggressive males. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54(2), 236-249.  
<https://doi.org/10.1177/0306624X08325350>
- Ibabe, I. (2015). Predictores familiares de la violencia filio-parental: El papel de la disciplina familiar. *Anales de Psicología*, 31(2), 615-625.  
<https://doi.org/10.6018/analesps.31.2.174701>
- Ibabe, I., & Jaureguizar, J. (2010). Child-to-parent violence: Profile of abusive adolescents and their families. *Journal of Criminal Justice* 38(4), 616-624.  
<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2010.04.034>
- Ibabe, I., Jaureguizar, J., & Bentler, P. M. (2013). Risk factors for child-to-parent violence. *Journal of Family Violence*, 28, 523-534.  
<https://doi.org/10.1007/s10896-013-9512-2>
- Ibabe, I., Arnoso, A., & Elgorriaga, E. (2014). Behavioral problems and depressive symptomatology as predictors of child-to-parent violence. *The European*



- Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 6(2), 53-61.  
<https://doi.org/10.1016/j.ejpal.2014.06.004>
- Ibabe, I., & Bentler, P. M. (2016). The contribution of family relationships to child-to-parent violence. *Journal of Family Violence*, 31, 259-269.  
<https://doi.org/10.1007/s10896-015-9764-0>
- Ibabe, I., Garc, A., Elgorriaga, E. (2020). Child-to-parent violence as an intervening variable in the relationship between inter-parental violence exposure and dating violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1-19. <https://doi.org/10.3390/ijerph17051514>
- Jiménez-Granado, A., Del Hoyo-Bilbao, J., & Fernández-González, L. (2023). Interaction of parental discipline strategies and adolescents' personality traits in the prediction of child-to-parent violence. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 15(1), 43-52. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2023a5>
- Junco-Guerrero, M., Ruiz-Fernández, A., & Cantón-Cortés, D. (2021). Family environment and child-to-parent violence: The role of emotional insecurity. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(15-16), 1-22.  
<https://doi.org/10.1177/08862605211006370>
- Kennair, N., & Mellor, D. (2007). Parent abuse: A review. *Child Psychiatry and Human Development*, 38, 203-219. <https://doi.org/10.1007/s10578-007-0061-x>
- Kennedy, T. D., Edmonds, W. A., Dann, K. T., & Burnett, K. F. (2010). The clinical and adaptive features of young offenders with histories of child-parent violence. *Journal of Family Violence*, 25, 509-520. <https://doi.org/10.1007/s10896-010-9312-x>
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The Lancet*, 360(9339), 1083-1088.  
[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Kuay, H. S., Tiffin, P. A., Boothroyd, L. G., Towl, G. J., & Centifanti, L. C. (2017). A new trait-based model of child-to-parent aggression. *Adolescent Research Review*, 2, 199-211. <https://doi.org/10.1007/s40894-017-0061-4>
- Kuay, H. S., Boothroyd, L. G., Towl, G. J., Tiffin, P. A., & Muñoz, L. C. (2022). Callous-unemotional traits are associated with child-to-parent aggression. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 66(15), 1603-1626. <https://doi.org/10.1177/0306624X211049190>



- Lei nº 166/99, de 14 de setembro. *Diário da República n.º 215/1999, Série I-A*. Assembleia da República. Lisboa. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/166-1999-570567>
- Lansford, J. E., Dodge, K. A., Pettit, G. S., Bates, J. E., Crozier, J., & Kaplow, J. (2002). A 12-year prospective study of the long-term effects of early child physical maltreatment on psychological, behavioral, and academic problems in adolescence. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 156(8), 824-830. <https://doi.org/10.1001/archpedi.156.8.824>
- Loinaz, I., Andrés-Pueyo, A., & Pereira, R. (2017). Factores de riesgo de violencia filio-parental: Una aproximación con juicio de expertos. *Acción Psicológica*, 14(2), 17-32. <https://doi.org/10.5944/ap.14.2.20747>
- Loinaz, I., & de Sousa, A. M. (2020). Assessing risk and protective factors in clinical and judicial child-to-parent violence cases. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 12(1), 43-51. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2020a5>
- Lyons, J., Bell, T., Fréchette, S., & Romano, E. (2015). Child-to-parent violence: Frequency and family correlates. *Journal of Family Violence*, 30, 729-742. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9716-8>
- Manita, C. (2008). Programas de intervenção em agressores de violência conjugal: Intervenção psicológica e prevenção da violência doméstica. *Revista de Reinserção Social e Prova*, 1, 21-32.
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para Intervir – Guia de Boas Práticas para Profissionais das Forças de Segurança*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Lisboa. [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4\\_GBP\\_PROFISIONAIS\\_SAUDE.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4_GBP_PROFISIONAIS_SAUDE.pdf)
- Manly, J. T., Kim, J. E., Rogosch, F. A., & Cicchetti, D. (2001). Dimensions of child maltreatment and children's adjustment: Contributions of developmental timing and subtype. *Development and Psychopathology*, 13(4), 759-782. <https://doi.org/10.1017/S0954579401004023>
- Margolin, G., & Baucom, B. R. (2014). Adolescents' aggression to parents: Longitudinal links with parents' physical aggression. *Journal of Adolescent Health*, 55(5), 645-651. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.05.008>

- Martínez, M. L., Estévez, E., Jiménez, T. I., & Velilla, C. (2015). Child-parent violence: Main characteristics, risk factors and keys to intervention. *Papeles Del Psicólogo*, 36(3), 216-224.
- Mello, M. F., Faria, A. A., Mello, A. F., Carpenter, L. L., Tyrka, A. R., & Price, L. H. (2009). Childhood maltreatment and adult psychopathology: Pathways to hypothalamic-pituitary-adrenal axis dysfunction. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 31, S41-S48. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000600002>
- Miles, C., & Condry, R. (2016). Adolescent to parent violence: The police response to parents reporting violence from their children. *Policing and Society*, 26(7), 804-823. <https://doi.org/10.1080/10439463.2014.989158>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2013). *Relatório Anual de Segurança Interna 2013*. <https://www.historico.portugal.gov.pt/media/1391220/RASI%202013.pdf>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna 2014*. <https://www.historico.portugal.gov.pt/media/6877606/20150331-rasi-2014.pdf>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2015). *Relatório Anual de Segurança Interna 2015*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNjYwBgB%2fhGGFBAAAAA%3d%3d>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2016). *Relatório Anual de Segurança Interna 2016*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNjYwBQBKIQJsBAAAAA%3d%3d>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2017). *Relatório Anual de Segurança Interna 2017*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzMTE2AgAWydNBBAAAAA%3d%3d>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2018). *Relatório Anual de Segurança Interna 2018*. <https://www.otsh.mai.gov.pt/wp-content/uploads/RASI-2018.pdf>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2019). *Relatório Anual de Segurança Interna 2019*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBQAAAB%2BLCAAAAAAABAAzNDA0sAAQJ%2BleAUAAAA%3D>

- Ministério da Administração Interna (MAI). (2020). *Relatório Anual de Segurança Interna 2020*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDQ1NAUABR26oAUAAAA%3d>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2021). *Relatório Anual de Segurança Interna 2021*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNLI0NgcAIUgtZwUAAAA%3d>
- Ministério da Administração Interna (MAI). (2022). *Relatório Anual de Segurança Interna 2022*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDazMAQAhxRa3gUAAAA%3d>
- Moulds, L., Day, A., Mildred, H., Miller, P., & Casey, S. (2016). Adolescent violence towards parents: The known and unknowns. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 37, 547-557. <https://doi.org/10.1002/anzf.1189>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022a). Unique and additive effects of family and school victimization on child-to-parent violence. *Violence and Victims*, 37(4), 459-478. <http://dx.doi.org/10.1891/VV-2021-0016>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022b). Differential profile of specialist aggressor versus generalist aggressor in child-to-parent violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19, 1-16. <https://doi.org/10.3390/ijerph19095720>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022c). Profile of the victimized aggressors in child-to-parent violence: Differences according to the type of victimization. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 22(2), 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2022.100302>
- Nock M. K., & Kazdin A. E. (2002). Parent-directed physical aggression by clinic referred youths. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 31, 193-205. [https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP3102\\_05](https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP3102_05)
- Nowakowski-Sims, E., & Rowe, A. (2017). The relationship between childhood adversity, attachment, and internalizing behaviors in a diversion program for child-to-mother violence. *Child Abuse and Neglect*, 72, 266-275. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.08.015>

- O'Hara, K. L., Duchschere, J. E., Beck, C. J., & Lawrence, E. (2017). Adolescent-to-parent violence: Translating research into effective practice. *Adolescent Research Review*, 2, 181-198. <https://doi.org/10.1007/s40894-016-0051-y>
- Oliva, A., Ríos, M., Antolín, L., Parra, Á., Hernando, Á., & Pertegal, M. Á. (2010). Más allá del déficit: Construyendo un modelo de desarrollo positivo adolescente. *Infancia y Aprendizaje*, 33(2), 223-234. <https://doi.org/10.1174/021037010791114562>
- Omer, H. (2004). *Nonviolent Resistance. A new Approach to Violent and Self-Destructive Children*. Cambridge University Press. [https://paratiritiripsy.com/wp-content/uploads/2022/06/Non-Violent-Resistance-A-New-Approach-to-Violent-and-Self-destructive-Children-by-Haim-Omer-z-lib.org\\_.pdf](https://paratiritiripsy.com/wp-content/uploads/2022/06/Non-Violent-Resistance-A-New-Approach-to-Violent-and-Self-destructive-Children-by-Haim-Omer-z-lib.org_.pdf)
- O'Toole, S. E., Tsermentseli, S., Papastergiou, A., & Monks, C. P. (2022). A qualitative exploration of practitioners' understanding of and response to child-to-parent aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(11-12), 1-23. <https://doi.org/10.1177/0886260520967142>
- Pagani, L., Larocque, D., Vitaro, F., & Tremblay, R. E. (2003). Verbal and physical abuse toward mothers: The role of family configuration, environment, and coping strategies. *Journal of Youth and Adolescence*, 32, 215-222. <https://doi.org/10.1023/A:1022599504726>
- Pagani, L., Tremblay, R., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2004). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 28(6), 528-537. <https://doi.org/10.1080/01650250444000243>
- Pagani, L., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2009). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward fathers. *Journal of Family Violence*, 24, 173-182. <https://doi.org/10.1007/s10896-008-9216-1>
- Paterson, R., Luntz, H., Perlesz, A., & Cotton, S. (2002). Adolescent violence towards parents: Maintaining family connections when the going gets tough. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 23(2), 90-100. <https://doi.org/10.1002/j.1467-8438.2002.tb00493.x>
- Patuleia, N., Alberto, I., & Pereira, R. (2013). (Des)Construindo a violência filioparental: Análise de um caso de intervenção terapêutica na violência

- filioparental com adolescente em acolhimento institucional. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 15(1), 72-92.
- Patuleia, N. & Alberto, I. (2016). Narrativas e representações sobre violência filioparental numa amostra de profissionais. *Miscellanea APAV*, 1, 6-16.  
[https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Miscellanea\\_APAV\\_1.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Miscellanea_APAV_1.pdf)
- Pereira, R. (2011). *Psicoterapia de la Violencia Filioparental*. Ediciones Morata.
- Pereira, R., & Bertino, L. (2009). Una comprensión ecológica de la violencia filioparental. *Revista de Psicoterapia Relacional e Intervenciones Sociales*, 21, 69-90.
- Pereira, R., Loinaz, I., del Hoyo-Bilbao, J., Arrospide, J., Bertino, L., Calvo, A., Montes, Y., & Gutiérrez, M. M. (2017). Propuesta de definición de violencia filio-parental: Consenso de la Sociedad Española para el Estudio de la Violencia Filio-Parental (SEVIFIP). *Papeles del Psicólogo*, 38(3), 216-223.  
<https://doi.org/10.23923/pap.psicol2017.2839>
- Pérez, T., & Pereira, R. (2006). Violencia filio-parental: Revisión de la bibliografía. *Revista Mosaico*, 36, 1-13.
- Pires, P. F., & Marta, D. M. S. (2023). Violência filioparental: A importância da desocultação do fenómeno. *Miscellanea APAV*, 18, 39-51.  
[https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Miscellanea\\_APAV\\_18.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Miscellanea_APAV_18.pdf)
- Redondo, J., Pimentel, I., & Correia, A. (2012). *Manual SARAR: Uma Proposta de Manual para Profissionais de Saúde na Área da Violência Familiar/entre Parceiros Íntimos*. Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.  
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/20035/1/Manual%20SARAR.pdf>
- Romero, F., Melero, A., Cánovas, C. y Antolín, M. (2005). *La Violencia de los Jóvenes en la Familia: Aproximación a los Menores Denunciados por sus Padres*. Centro de Estudios Jurídicos.  
[https://repositori.justicia.gencat.cat/bitstream/handle/20.500.14226/209/doc\\_28636973\\_1.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://repositori.justicia.gencat.cat/bitstream/handle/20.500.14226/209/doc_28636973_1.pdf?sequence=2&isAllowed=y)
- Rosado, J., Rico, E., & Cantón-Cortés, D. (2017). Influence of psychopathology on the perpetration of child-to-parent violence: Differences as a function of sex. *Anales de Psicología*, 33(2), 243-251. <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.33.2.240061>

- Routt, G., & Anderson, L. (2011). Adolescent violence towards parents. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 20(1), 1-19.  
<https://doi.org/10.1080/10926771.2011.537595>
- Sacramento, L. T., & Rezende, M. M. (2006). Violências: Lembrando alguns conceitos. *Aletheia*, 24, 95-104.
- Sasaki, Y., Usami, M., Sasaki, S., Sunakawa, H., Toguchi, Y., Tanese, S., Saito, K., Shinohara, R., Kurokouchi, T., Sugimoto, K., Hakoshima, Y., Inazaki, K., Yoshimura, Y., Mizumoto, Y., & Okada, T. (2021). Case-control study on clinical characteristics of child and adolescent psychiatric outpatients with child-to-parent violence. *BMJ Open*, 11(12), 1-8. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-048222>
- Simmons, M., McEwan, T., Purcell, R., & Ogloff, J. (2018). Sixty years of child-to-parent abuse research: What do we know and where do we go?. *Aggression and Violent Behavior*, 38, 31-52. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.11.001>
- Strom, K. J., Warner, T. D., Tichavsky, L., & Zahn, M. A. (2014). Policing juveniles: Domestic violence arrest policies, gender, and police response to child-parent violence. *Crime & Delinquency*, 60(3), 427-450.  
<https://doi.org/10.1177/0011128710376293>
- Suárez, A., Rodríguez, J. A., & Rodrigo, M. J. (2016). The Spanish online program “Educar en Positivo” (“The Positive Parent”): Whom does it benefit the most?. *Psychosocial Intervention*, 25(2), 119-126.  
<https://doi.org/10.1016/j.psi.2016.03.001>
- Suárez-Relinque, C., Del Moral Arroyo, G., Jiménez, T. I., Calleja, J. E., & Sánchez, J. C. (2020). Predictive psychosocial factors of child-to-parent violence in a sample of Mexican adolescents. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-13.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.576178>
- Suárez-Relinque, C., Del Moral Arroyo, G., León-Moreno, C., & Jerónimo, J. E. (2023). Emotional loneliness, suicidal ideation, and alexithymia in adolescents who commit child-to-parent violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(3-4), 4007-4033. <https://doi.org/10.1177/08862605221111414>
- Tercero, R. P. (2017). Violencia filio-parental: Factores que favorecen su aparición. *Revista Construção Psicopedagógica*, 25(26), 5-16.
- Tremblay, R. E., Nagin, D. S., Seguin, J. R., Zoccolillo, M., Zelazo, P. D., Boivin, M., Périusse, D., & Japel, C. (2004). Physical aggression during early childhood:

- Trajectories and predictors. *Pediatrics*, 114(1), e43-e50.  
<https://doi.org/10.1542/peds.114.1.e43>
- Toole-Anstey, C., Keevers, L., & Townsend, M. L. (2021). A systematic review of child to parent violence interventions. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 1157-1171.  
<https://doi.org/10.1177/15248380211053618>
- Villalba, M. J. S., Terrón, A. M., Fernández, M. J. A. D. O., & Olivencia, J. J. L. (2021). Perfiles de estudiantes y violencia filioparental: Una identificación a través del análisis jerárquico lineal. *Revista Prisma Social*, 33, 261-288.  
<https://orcid.org/0000-0001-6641-0916>
- Walsh, J. A., & Krienert, J. L. (2009). A decade of child-initiated family violence: Comparative analysis of child-parent violence and parricide examining offender, victim, and event characteristics in a national sample of reported incidents, 1995-2005. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(9), 1450-1477.  
<https://doi.org/10.1177/0886260508323661>





## Anexos

### Anexo A – Categorias e Variáveis da “Grelha de Caracterização – Violência Doméstica”

| Categorias                                      | Variáveis                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Características dos(as) Agressores(as)          | Dados sociodemográficos (e.g., sexo, idade)<br>Contexto familiar atual<br>Fatores de adversidade na infância<br>Sintomatologia física e/ou mental<br>Consumo de drogas e/ou álcool e acompanhamento terapêutico<br>Atitudes face à violência<br>Antecedentes criminais<br>Integração comunitária |
| Características das Vítimas                     | Dados sociodemográficos (e.g., sexo, idade)                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Características da VFP (Processo Atual)         | Tipos de violência<br>Utilização e tipo de arma<br>Duração e escalada da violência<br>Fatores de motivação para a violência<br>Fatores de manutenção da violência                                                                                                                                |
| Decisão Judicial (Processo Atual)               | Número total de crimes cometidos<br>Tipologia(s) de crime(s) cometidos<br>Pena/Medida atual<br>Duração da pena/medida atual<br>Condições judicialmente impostas<br>Pena(s) acessória(s)                                                                                                          |
| Caracterização da Intervenção após a Condenação | Participação do/a agressor/a em programas dirigidos à VD<br>Grau de intervenção/supervisão (decorrente do nível de risco)<br>Frequência de programas específicos para agressores de VD<br>Atitudes do/a agressor/a face à intervenção<br>Incumprimentos da pena/medida atual                     |